10 de Março de 1997
Nº 28
Mensal
100$00
Director: João L. Queirós
Produzido pela Secção de Jornalismo da Associação Académica de Coimbra
Rua Pe. António Vieira, nº 1
3000 Coimbra
Telefone: (039) 38934
Fax: (039) 23505

BIBLIOTECA GERAL DA UNIVERSIDADE — JORNAIS — COIMBRA

A Cabra

Jornal Universitário de Coimbra

Tudo por decidir!

As eleições mais imprevisíveis dos últimos anos: a sondagem RUC/"A Cabra" revela um empate entre a Lista X e a lista P. Tó Silva e Gilberto Pires vão ter de esperar até dia 19 para saber qual deles vai suceder a Zita Henriques.

pág. 11 a 15



Porto a favor da LBSE

Em entrevista a "A Cabra", Ricardo Almeida, recém-eleito Presidente da Federação Académica do Porto, confessa-nos as suas opções políticas, promete lutar contra as propinas e fala-nos do futuro da FAP. Polémica é a sua posição favorável à alteração da Lei de Bases do Sistema Educativo.

pág. 6 e 7

Cultura em Obras

Há novidades quanto aos espaços culturais da cidade. O Círculo de Artes Plásticas de Coimbra prepara-se para inaugurar no fim do mês de Março o Centro de Arte Contemporânea. Por seu lado, o Teatro Paulo Quintela, na Faculdade de Letras, vai sofrer uma série de remodelações no próximo ano.

pág. 22 e 24

Editorial

por João L. Queirós

Procuram-se ideais!

Com a revisão dos seus Estatutos, a Associação Académica de Coimbra entra numa nova fase. Os núcleos de estudantes que, mais tarde ou mais cedo, cobrirão todos os cursos da Universidade de Coimbra libertam a Direcção Geral da AAC da sua principal missão, a defesa dos direitos do estudante–indivíduo. Ou seja, liberta a DG/AAC da missão que já há muito tempo não vem cumprindo, razão pela qual cada vez menos estudantes se sentem identificados com a sua Associação, como se vem notando nos incríveis níveis de abstenção, ano após ano. Obviamente que, ao tirar à AAC esta responsabilidade, corre–se o risco de esvaziar o sentido da Académica enquanto Associação de Estudantes. Mas isso dependerá da forma como a DG/AAC souber demonstrar a sua necessidade junto dos próprios núcleos, quer através de apoio logístico, quer através de apoio institucional. De qualquer forma, era inevitável retirar à DG estas competências. Como podia um grupo de vinte, trinta pessoas receber e tratar as queixas de vinte mil alunos cada vez que um exame tivesse um erro, cada vez que um regulamento específico fosse incumprido? Por isso, os núcleos são bem vindos. Simplesmente porque são mais úteis aos estudantes.

E sempre sobram três competências de largo âmbito à DG/AAC -para além da coordenação inter–núcleos- mais do que suficientes para lhe dar sentido e necessidade: a primeira é a defesa do estudante–indivíduo nas questões que os núcleos não têm competência para tratar e, por isso, gabinetes como o GAPE deverão continuar a existir. A segunda é a promoção cultural e desportiva no meio estudantil e, por extensão, em Coimbra. Aqui, a competência *também passa pelas secções* e organismos da casa, mas a DG deve revelar capacidade de iniciativa, fomentar os projectos inter–secções/organismos e apoiar logistica, institucional e financeiramente os projectos individuais. E, finalmente, será sempre competência da DG/AAC a defesa dos direitos dos estudantes enquanto classe. Que começa pela existência de opiniões claras e bem fundamentadas sobre os temas actuais da política universitária e da política educativa nacional. Esta terceira competência tem sido, pelo menos para quem vê de fora, aquela a que as anteriores Direcções–Gerais maior importância têm dado. A luta contra as propinas e a reacção às alterações à Lei de Bases do Sistema Educativo são os exemplos mais claros disso.

E é aqui que pode haver uma inovação forte no futuro da AAC. Tem–se falado muito -e ainda bem- de política educativa. Mas *só* se fala de política educativa. Será só sobre isso que os que os vinte mil jovens universitários dos dezoito aos vinte e tal anos que compõem a AAC terão opiniões? Serão só opiniões sobre política educativa que o País espera ouvir de nós? Ou deveríamos ter opiniões sobre outros assuntos que preocupam os jovens, como o aborto ou a droga? Não será importante o País ouvir a nossa opinião sobre a liberalização das drogas?

É consensual que a DG/AAC deve promover a discussão destes temas. Mais polémico é se a DG/AAC deve emitir opiniões sobre outros assuntos que não política educativa. Primeiro argumento: essas opiniões não serão consensuais. Resposta: também as opiniões sobre as propinas ou a lei de bases não serão consensuais -e ainda bem! Segundo argumento: a AAC é uma Associação de Estudantes e, por isso, deve pronunciar–se somente sobre questões relacionadas directamente com o ensino. Este é um forte argumento. Mas a etapa da história da AAC de que a maior parte de nós se orgulha não são as lutas de 62 e 69? Pelo que se lutava na altura? Pela responsabilização do Estado no financiamento do Ensino Superior? Pela não confusão dos ensinos universitário e politécnico? Ou era muito simplesmente pela Liberdade? Ou seja, a AAC enquanto organização de estudantes, mas também enquanto organização de jovens, deve privilegiar os assuntos ligados ao ensino, mas não deve deixar de intervir em todos os outros assuntos que digam directamente respeito à juventude. Até porque é exactamente esse o papel da juventude na sociedade: ir buscar tudo o que a sociedade, com a sua hipocrisia, mete debaixo do tapete e mostrar bem alto e gritar por soluções!

O exercício desse papel por parte da Associação teria três vantagens: daria um maior sentido à Académica, chamando mais estudantes para si; mostraria ao País que os jovens não são um bando de alienados, que se só se preocupam com os seus problemas, mas sim pessoas com ideias e vontade de intervir; e, por fim, ajudaria a resolver os problemas.

Passamos agora para a campanha das eleições para a DG e o que vemos? Nem uma ideia deste género. Porquê? Porque há um enorme medo de desagradar. A táctica para ganhar eleições, como um representante da lista do cão bem lembrou na RUC, está na escolha das pessoas. Não pelas pessoas em si, não pelos seus ideais, mas sim pelo que cada pessoa representa, que é um grupo de amigos, ou seja, um certo número de votos... A campanha, as ideias apresentadas, apenas servem para demonstrar força, ou melhor, para não demonstrar fraqueza, de forma a não desmotivar os amigos/votos. E, por isso, durante a campanha só se apresentam ideias que não desagradem. Sabe–se que a maioria dos estudantes não é a favor das propinas nem das alterações à Lei de Bases, logo toda a gente grita que é contra. Não se sabe se a maioria dos estudantes seriam a favor ou contra a liberalização das drogas, logo o melhor é o silêncio. E, como resultado óbvio, as campanhas são todas idênticas (não só entre si, mas também com as campanhas dos anos passados) e as pessoas não se interessam minimamente.

As manias anti–partidárias que grassam na Academia desde há quatro anos e que transformam os filiados em Jotas na escória do associativismo, têm feito os estudantes confundirem política com partidos, quando cada vez menos uma coisa tem a haver com a outra. E, por isso, não se pode ser político, não se pode ter "ideologias", se se quer ter futuro na Académica. É dos piores males da AAC. O que é preciso são políticos, são pessoas que tenham ideais, que tenham convicções e que estejam dispostos a lutar por eles. Pessoas que ousem desagradar, que não se preocupem com a sua popularidade, mas sim com os seus princípios. Precisamos de idealistas!

Cantinho Sociol

Perante o sucesso da "Caras", e porque também queremos ter uma ilha privada com a Cláudia Schiffer, "A Cabra" decidiu lançar a sua própria cóluna sociol.

Feliz União

É a notícia do mês: após anos de convívio, M. Prego, futuro Conde da cidade-berço, e Maria M., oriunda de família burguesa da Linha de Cascais, decidiram juntar os trapinhos.

O feliz casal passeia-se pelas ruas de Coimbra de mãos dadas e frequenta os espaços mais nobres da nossa bela cidade.

O "Cantinho Sociol" deseja-lhes um futuro de união, felicidade e harmonia.

Nova Moda

Um conhecido dirigente político da nossa praça decidiu lançar uma nova moda que promete pegar. Em vez de pullovers, jeans e roupa colorida, o nosso dirigente propõe algo mais sóbrio, mais português: camisa branca, colete, gravata, calças e casaca negros, tudo rodeado por uma capa multiusos, também ela de tez negra. As senhoras e senhores da sociedade, reconhecidos pelo seu bom gosto, têm demonstrado agrado por tais vestimentas. É de esperar que, brevemente, toda a Coimbra traje assim.

As nossas Bibliotecas

Sabe–se que no "Independente" vem uma interessante reportagem sobre o estado do ensino do Português e da História nos nossos liceus. Ora, para quem cá anda a estudar e passou por lá há pouco tempo, isso não é novidade nenhuma. Não obstante sobra sempre a curiosidade. Mas será mesmo necessário comprar o jornal? Claro que não. Afinal sempre existem Bibliotecas. Chega–se à Casa da Cultura, mas "Independentes" nem vê–los. Aliás, o jornal presente com maior tiragem é o "Diário das Beiras". Mas porquê? Porque é muito mais útil preservar os jornais no arquivo, intactos. Não há nada como fazê–los esperar no depósito legal o tempo suficiente para que já ninguém tenha interesse em lê–los. E assim, graças a Deus, ao sistema e aos incompetentes de Lisboa e de Coimbra que não fazem nada para o mudar, ninguém se maça a ler notícias frescas e os futuros historiadores terão jornais limpinhos em que possam investigar.

N.B.

Ficha Técnica

Director: João L. Queirós; **Editores**: *Cultura:* André Correia, *Política:* César Marques; **Redacção:** Adeodato Valente Pinto, Ana Drago, António Lérias, Eduardo Brito, Fernando Nunes, Filipa Rodrigues, Joana Ribeiro, Justino Strecht, Manuel Pereira, Maria Luís Marinho, Nádia Esteves, Nuno Brandão, Paulo Antunes, Paulo Barbosa, Rosário Salvado, Susana Cerqueira. **Colaboradores:** Carlos Picassinos, Miguel Oliveira, Nuno Freitas. **Fotografia**: Carlos Loureiro, José Luís Artur, Eduardo Brito, Paulo Antunes, Tiago Maranhão. **Grafismo:** João L. Queirós, Nuno Curado, Ricardo Matos. **Revisão:** André Correia, João L. Queirós, Nádia Esteves, Rosário Salvado. **Impressão**: Coraze, SA **Tiragem**: 2000 exemplares. **Publicidade:** Nádia Esteves, Tiago Maranhão. **Administração:** Direcção da Secção de Jornalismo da AAC: **Presidente:** João Luís Queirós. **Tesoureiro:** Tiago Maranhão. **Secretária:** Nádia Esteves. **Vogais:** Nuno Curado, Justino Ribeiro, Rui Ferreira. **Produção:** Secção de Jornalismo da AAC. **Propriedade:** Associação Académica de Coimbra. **Agradecimentos:** Reitoria da Universidade de Coimbra, DG/AAC, Serviços de Acção Social da UC, Secretaria Geral da UC. **Sede:** Rua Padre António Vieira. **Telefone:** (039)38934. **Fax:** (039) 23505.

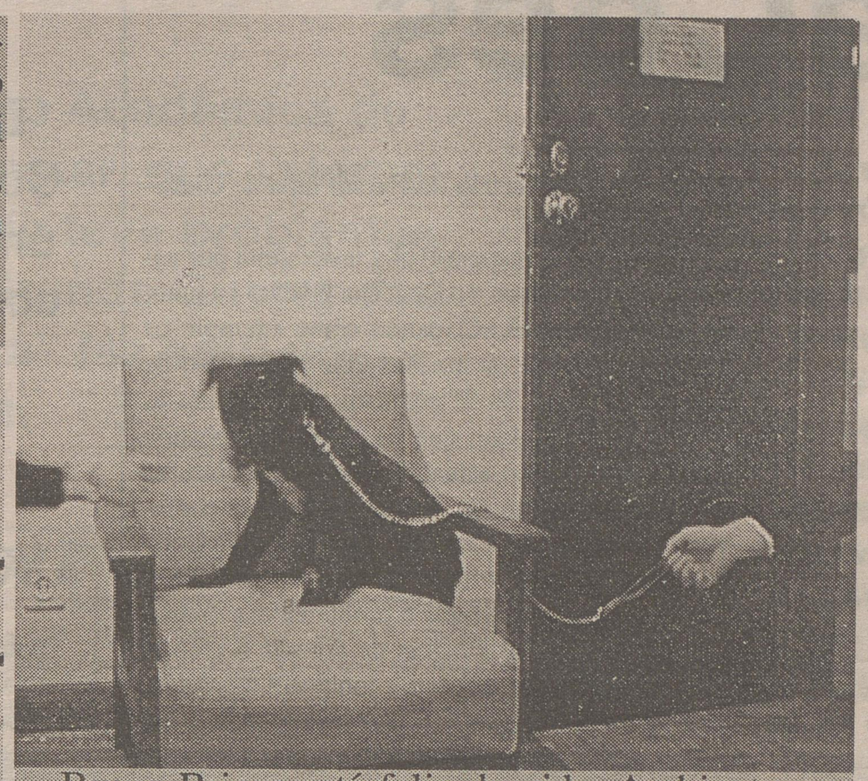
Secção de Jornalismo

Universos Paralelos

Não será concerteza no nosso Universo que tal acontecerá. Mas verifiquemos como poderia ser "A Cabra" de Abril se o Cão Bruno Briosa ganhasse estas eleições.

Gilberto Pires não desiste da vida política. Mudou o nome para Gil Piron e refundou o Projecto Pironista, vulgo Projecto P. Aqui podemos vê-lo a ensaiar "Don´t cry for me, Académica", que tenciona cantar na sua primeira Tomada da Bastilha.





Bruno Briosa está feliz da vida. Ambientou-se facilmente ao gabinete da Presidência da DG/AAC, como se pode ver na foto. Continua a ferrar jornalistas e a cagar literalmente na Comissão Eleitoral, depois desta aprovar a moção da Lista B visando a anulação das eleições.

Tiago Maranhão continua a tentar arranjar um espaço para montar um depósito de combustíveis. Aqui vêmo-lo a equacionar a hipótese de deitar abaixo a estátua de D.Dinis para lá construír a gasolineira. A BP, um dos muitos membros da ANJE, já se mostrou interessada.





Tó Silva decidiu continuar a ser um estudante da Academia. Como se documenta na fotografia, voltou aos seus velhos hábitos musicais, sendo de esperar um novo CD para breve.

"Já bais ó..." Comissário!

Dão–se alvíssaras a quem souber o nome do Comissário da próxima Queima, há alguns meses eleito com a esmagadora maioria de 100%, que viu o seu nome escolhido por 2 (dois) votos. Note–se que o referido indivíduo foi visto nas proximidades do local acompanhado da sua namorada que, ao que consta, também terá votado. Ninguém sabe o que lhe terá custado convencê–la!... "A Cabra" está à espera de palpites e promete prémios (sabe–se lá, talvez bilhetes gerais!...). Pronto. Este balido vem um bocado pró tarde, mas não resistimos a publicá–lo.

CM, JS & PIB

Fantástico

Tudo o que é fantástico, tudo o que excede a normalidade, merece um balido da Cabra. Neste caso temos um restaurante recente da Praça da República, com preços médio–altos, que prima por ser fantasticamente... mau. Pede–se um simples Chateaubriand e fica–se uma hora à espera. E não foi um episódio isolado de uma vaca mais dificil de encontrar, pois os clientes das mesas ao lado, que esperavam por lulas e porcos, enfrentaram o mesmo tempo de espera. Ao contrário da costumeira cólera que este género de provações costumam causar, os clientes riam–se, provavelmente sem acreditar no que lhes estava a acontecer... Finalmente, quando chegou, o "chateaubriand" eram dois bifes da carne mais dura que já provara -e já comi em cantinas! A carne não se mastigava, mascava–se. Absolutamente espantoso. Um sítio de culto, género filme do Ed Wood.

Balidos

O que por aí se diz...

"Há por aí cães abandonados que merecem a cultura da nossa Universidade."

Pedro Bruno (Lista B)

"O principal objectivo é não ganhar."

Idem

"As pessoas foram "caindo" a pouco e pouco, não vieram em bloco."

Gilberto Pires, sobre a formação da Lista P

"Não se fazem ovos sem omoletes."

Idem - RUC 5/3/97

"Estou a fazer a minha campanha com base no apoio extra do meu pai e da minha mãe, que sabem o filho que têm."

Idem

"Sempre fui um estudante da Academia."

Tó Silva (Lista X)

"A nossa lista nunca existiu."

Idem

"Não sou praxista, aderi à praxe."

Idem

"É isso que é ser jovem, é ter a liberdade de não ter ideologias."

Idem - RUC 6/3/97

"Também queria salientar aqui, já agora, que, a nível de ASE, os Serviços Sociais da Universidade de Coimbra sempre demonstraram uma grande sensibilidade por essas questões e uma grande vontade em resolver o problema dos estudantes através da pessoa do Doutor Luzio Vaz, que tão chegado e tão amigo consegue ser de todos os estudantes, porque é uma pessoa sensível."

Idem

"Não somos os cromos do costume"

Tiago Maranhão (Lista M) - RUC 4/3/97

"Estás muito poético, hoje!"

Entrevistadora para Tiago Maranhão - RUC 4/3/97

Uóntede déd ór alaive (Plise, cól éz quique éz iu quene)

Desapareceram de casa de seus pais (e não só) os indivíduos Tiago Garanhão, Gilberto Pirex e Tó Clismo.

O primeiro trajava de preto (ao fim de bastante tempo) e é facilmente detectável pelo elevado número de traças que o rondam na via pública. O segundo tem dentes de roedor e apresenta bastantes semelhanças com o herdeiro ao trono inglês e com um conhecido colaborador de um semanário bastante vendido. Tó Clismo vestia fraldas brancas, envergava um garrafão de tinto a martelo e fazia–se acompanhar por vários autoclismos e retretes da mais fina estirpe.

Dão–se alvíssaras e tachos a quem os encontrar e contactar os telefones da DG/AAC até às 24 horas do próximo dia 11 de Março.

ZitaÇões

Irreverente, irresponsável e insatisfeita por natureza: é assim que Zita Henriques se define como Presidente da AAC. Em fase final do 2º mandato, aquela que alguns dizem ser a última pessoa que resta da geração do Vigário, faz um balanço crítico do trabalho desenvolvido por ela e pelas suas equipas no decorrer dos seus dois mandatos.

É já no próximo mês de Abril que Zita Henriques irá abandonar a cadeira da presidência da DG. "A Cabra" foi saber qual o balanço que faz do trabalho desenvolvido pelas duas Direcções-Gerais que encabeçou, confrontando-a com as principais críticas que os estudantes lhe dirigem.

A incapacidade de aproximar a AAC da grande massa dos estudantes e a ausência de uma boa campanha de informação, são duas das principais críticas apontadas. Um dos pontos negros do último mandato foi precisamente a "desorganizada" manifestação contra um ano de política educativa do Governo, que ocorreu em Lisboa no passado dia 27 de Novembro. No entanto, Zita não atribui a falta de união ou o reduzido número de estudantes na manifestação a falhas a nível informativo. "Era uma causa que não tocava a todos, pelo menos directamente. A falta de coesão dos estudantes está patente em toda uma série de coisas. O que se passa é que hoje em dia não existem causas comuns como no tempo da ditadura ou até mais recentemente na altura da contestação às propinas". Relativamente à condução do processo de contestação da alteração da Lei de Bases do Sistema Educativo (LBSE), Zita reconhece ter havido "falhas na equipa". No entanto tece duras críticas aos Orgãos de Gestão:" Há uma grande diferença de mentalidade entre mim e algumas pessoas. Eu entrei para a DG numa altura em que os movimentos independentes lutavam pela conquista da DG e portanto todos estavam unidos. Não compreendo, por isso, a "mentalidade das capelinhas". Eu já estive nos Orgãos de Gestão e nunca tive problemas em ir falar com as pessoas. Quem me conhece sabe que eu nunca fecho a porta na cara a ninguém. Entendo que não basta dizer que somos contra porque somos contra, é necessário apresentar propostas concretas. Alguns Orgãos de Gestão revelaram falta de conhecimentos técnicos".

"Irreverente, responsável e insatisfeita por natureza"- é assim que define a sua postura enquanto Presidente da AAC, dando como exemplo os discursos que fez, nomeadamente o discurso de tomada de posse do 2º mandato que "abanou as pessoas que julgavam que eu ia ter uma postura concordante com o actual Governo" e o discurso da Abertura Solene das Aulas que "teve as consequências que teve". Quando a acusam de ter tido uma posição pouco firme na questão da LBSE, Zita invoca uma vez mais o problema das mentalidades: "Eu tive a coragem de colocar o problema na necessidade de definir um perfil de formação e não na questão do emprego e, por isso, fui atacada. Nós não podemos, por exemplo, ter uma determinada posição em relação ao financiamento e dizer que da educação depende todo o desenvolvimento das pessoas ou defender, no âmbito da Acção Social Escolar, uma igualdade de oportunidades e depois ter discursos corporativistas, sem qualquer fundamento."

Rui Mendes, Vice–Presidente, elogia a sua atitude diplomata: "É capaz de tecer as mais duras críticas sempre com o máximo de respeito para poder continuar a falar com as pessoas. Viver em democracia é ter capacidade disto mesmo". Relativamente à sua forma de estar na Universidade, há quem diga que Zita é a última pessoa que resta da geração do Vigário. Embora não assuma isto directamente, Zita insiste na diferença de mentalidade que existe entre ela e a grande massa dos estudantes, incluindo parte dos membros da DG. "Há uma grande diferença na maneira como as pessoas se dão às coisas. Há quem consiga rir e brincar com coisas que a mim me tiram o sono" A propósito, Zita refere a atitude da DG relativamente à dívida da AAC, principal razão que a levou a recandidatar–se. A redução da dívida pode ser comprovada no relatório de contas final..."Não podemos ter uma atitude de desprezo pela dívida sob pena de perdermos o estatuto de utilidade pública".

Admite que se voltasse atrás faria muitas coisas diferentes, nomeadamente teria mais cuidado na escolha da equipa. Foi já a chorar que Zita Henriques disse a "A Cabra" que, apesar de tudo, "saio daqui ainda mais encantada com isto do que quando cá entrei".

Filipa Rodrigues



Dois An

Durante dois anos, Zita Henriques pr Coimbra. Dois anos marcados por uma um "ismo" à frente do seu nome. Dois com as suas equipas, desafiou ministr Propinas' e sentiu os estudantes a balanço do que se fez

A dívida da AAC ao fisco e à Segurança Social.

Bandeira desta Direcção, sucessivamente invocada quando era preciso mostrar trabalho feito, ou a fazer, o seu escalonamento foi talvez a principal obra dos ocupantes da DG. Depois de um levantamento da situação, houve negociações com o Governo no sentido do perdão da dívida, que ascendia a quase 100 mil contos. Encontros e desencontros, negociações e mais negociações, pouco adiantaram durante muito tempo. Até que surgiu o famoso Plano Mateus para a recuperação de empresas em dificuldades a que a AAC em bom tempo se candidatou. Apesar do problema não estar completamente resolvido, existe pelo menos um caminho traçado para a sua resolução.

Os Núcleos de Faculdade

Promessa eleitoral, a criação destes organismos que deveriam aproximar os cursos e as Faculdades à AAC, foi uma das batalhas desta Direcção, acabando por ser a sua criação consagrada nos novos Estatutos da Academia.

Estes núcleos representarão Faculdades, grupos de cursos ou apenas um curso e terão uma forte ligação à DG, de quem dependem hierarquicamente, apesar de gozarem de bastante autonomia. São eleitos pelos alunos dos cursos que representam, mas incluem dois elementos nomeados pela DG. Tenta–se assim diminuir o fosso entre a Academia e os estudantes, de forma a permitir um melhor conhecimento dos problemas e uma melhor conjugação de forças na sua resolução.

Propinas e Lei de Bases do Sistema Educativo

Estas foram as duas frentes de confronto com o Governo ao longo dos últimos dois anos. As propinas, abolidas mas ameaçando ser reinstauradas, a LBSE pondo em causa o estatuto dos licenciados bem como as suas saídas profissionais.

Além disso, havia ainda que decidir o que fazer com o dinheiro cobrado nos dois anos de vigência da lei das propinas. Este foi um assunto que muito deu que falar, discutindo–se essencialmente se o dinheiro deveria ser restituído aos pagantes ou se deveria ser empregue pela Universidade. Acabou por ser feito um referendo aos estudantes que resultou num enorme fracasso devido à falta de informação. Os poucos participantes no referendo decidiram que o dinheiro deveria ser aplicado em estruturas de apoio aos estudantes. Aguardam–se desenvolvimentos.

A LBSE foi a causa da última grande movimentação estudantil universitária. Uma movimentação que serviu acima de tudo para mostrar de forma inequívoca que o academismo já não é o que era e que os estudantes cada vez estão menos informados sobre o que lhes diz respeito.

Outra situação a aguardar desenvolvimentos.

os de Zitismo

esidiu à Direcção-Geral da Associação Académica de a maneira de actuar, de falar, de protestar, que valeram anos polémicos, em que a Presidente teve problemas os e professores, viu a vitória na 'I Grande Guerra das desligarem-se da Academia. "A Cabra" faz aqui um (e do que não se fez) nestes tempos.

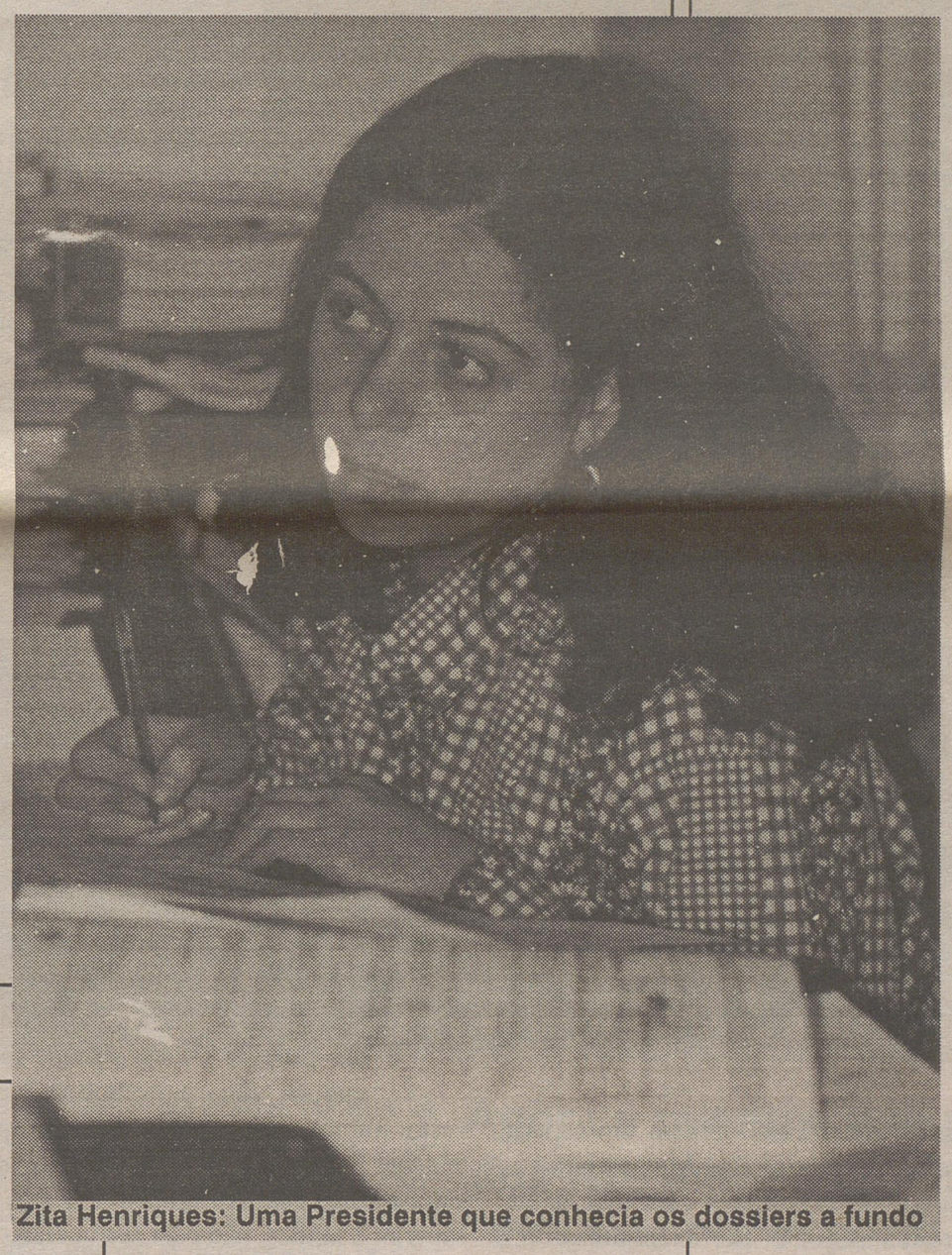
Concursos Artísticos e Outros Projectos

Durante os mandatos que terminam foram levados a cabo concursos visando descobrir e lançar novos autores oriundos do mundo académico. Um dos concursos culminou no lançamento de um livro "Contos de Inverno", onde se mistura prosa e poesia. Outro está ainda em fase de selecção e pretende reunir um conjunto de textos e fotografias que caracterizem a cidade de Coimbra.

Além destes concursos, outros projectos merecem destaque. Ainda no campo da cultura ha a realçar o prosseguimento do "Vem Conhecer a Academia" que promoveu o contacto dos estudantes com o trabalho das diversas secções académicas.

Numa área mais técnica é de realçar o sucesso das iniciativas "Pilares do Prestígio" realizadas nos últimos meses de 95 e 96 e que divulgaram os projectos de investigação científica levados a cabo nas diversas faculdades. Tratou–se de ciclos de conferências multidisciplinares, permitindo assim um intercâmbio entre os alunos de Faculdades e cursos diferentes, em que os oradores foram os responsáveis pelos projectos. A excelente afluência de público patenteou de forma inequívoca o interesse destas exposições.

Os aniversários da AAC foram aproveitados para homenagear figuras míticas da universidade. António Portugal, "o guitarrista da liberdade" em 1995 e Artur Paredes em 96 foram os eleitos. Estranhamente durante dois anos não houve nada a relembrar a memória de José Afonso, sobre cujo desaparecimento se passaram dez anos há bem pouco tempo....



Zita Henriques: Uma Presidente que conhecia os dossiers a fundo

O Registo da Queima

Em Abril de 1996, Fernando Gama e Paulo Brito, Dux Veteranorum e Secretário Geral da Queima das Fitas respectivamente, registaram em seu nome as marcas "Queima das Fitas" e "Queima das Fitas de Coimbra", numa tentativa, segundo os próprios, de evitar o seu uso abusivo, nomeadamente por empresas concorrentes das patrocinadoras do evento. Tudo se passou sem que a DG tivesse conhecimento, o que aliado ao facto de o registo ser em nome individual e não da AAC, gerou revolta por parte da Presidente. Mais um caso a pôr em causa a responsabilidade dos elementos que gerem a Academia -a acontecer durante num mandato onde a responsabilização dos dirigentes foi palavra de ordem.

por
Manuel Pereira

O que Ficou por Fazer

O edíficio da AAC continua a degradar–se, necessitando de obras mais ou menos urgentes. Os alunos continuam a afastar–se da Academia, apesar do sucesso de algumas iniciativas visando a inversão da situação. Continua a não haver um projecto para a Academia.

Informação objectiva, sem qualquer eleitoralismo, foi uma raridade durante os dois anos, não havendo sequer relatório de contas do primeiro mandato.

As sucessivas tentativas de diálogo com o Ministro da Educação e os vários Encontros Nacionais de Dirigentes Associativos em que a presidente participou, nada adiantaram em termos de política educativa.

O que pensam os Estudantes

Interrogados por "A CABRA", os estudantes fizeram um balanço variado da actuação da Direcção–Geral da AAC cessante. Desde os mais cépticos, que afirmam que nada de visível foi feito, até aqueles que consideram que Zita Henriques mostrou uma personalidade forte e que "trabalhou no seguimento dos anteriores presidentes", passando ainda por muitos, que à nossa interpelação, respondiam com um " não quero falar porque não estou informado", constatou–se que a actuação da DG dividiu até mesmo a opinião dos estudantes.

Ainda assim, os estudantes que fazem um balanço negativo da actuação da DG. são em maior número e referem, principalmente, a fresca questão da alteração à Lei de Bases do Sistema Educativo (LBSE). Criticam a "falta de uma posição mais firme na condução do processo de contestação", a ausência "de uma boa informação como era no tempo do Vigário" e a "desorganização que foi a manifestação a Lisboa, onde faltou a coesão indispensável". Outro factor de descontentamento é o desconhecimento que as pessoas têm de muitas das actividades da Direcção: "as pessoas que estão cá fora vêem pouco do que a D.G. faz"; "não houve medidas que se notassem". Há quem considere que "continua tudo na mesma" e que "há pouco pó no ar, o que é mau".

As críticas aumentam quando se faz uma análise global dos dois anos e principalmente da actuação pessoal de Zita Henriques à cabeça da DG. Consideram que a sua actuação "não cativou tanto como a do Vigário" e que "foi uma questão de atitude, as pessoas estavam desmotivadas". Há mesmo quem pergunte "como é que a Academia pode passar uma boa imagem para o exterior se nem um bom relacionamento consegue manter na equipa?". E neste aspecto particular houve quem afirmasse que "a Zita escolheu mal a equipa" e que "concentrou demasiado trabalho nas suas mãos".

Apesar da "perda de força da Academia", do "abrandamento da contestação à alteração da Lei de Bases do Sistema Educativo" e da "desilusão que foi o segundo mandato", a diminuição das dívidas da AAC e "o bom trabalho de gestão e administração" são lembrados como marcos positivos destes dois anos de "zitismo". Foi ainda lembrada a posição "amiga" da DG em relação à luta dos professores em prol de melhores condições.

Mas, provavelmente, os alunos que viveram estes dois anos de mandato de Zita Henriques no movimento associativo, guardarão na memória a imagem de uma AAC sem actuação, e, sobretudo, a lembrança de uma presidência bastante contestada que falhou em alguns dos seus principais objectivos, como a criação dos núcleos pedagógicos, (apesar da sua actual consagração estatutária), em cada Faculdade. Aliás, este ponto, pelo facto de "a Presidente da D.G. se ter tornado a maior opositora à criação dos núcleos", conduziu à curiosa afirmação de que se "vive uma ditadura" na nossa Academia!

Adeodato Valente Pinto

ZitaÇões

Irreverente, irresponsável e insatisfeita por natureza: é assim que Zita Henriques se define como Presidente da AAC.

Em fase final do 2º mandato, aquela que alguns dizem ser a última pessoa que resta da geração do Vigário, faz um balanço crítico do trabalho desenvolvido por ela e pelas suas equipas no decorrer dos seus dois mandatos.

É já no próximo mês de Abril que Zita Henriques irá abandonar a cadeira da presidência da DG. "A Cabra" foi saber qual o balanço que faz do trabalho desenvolvido pelas duas Direcções-Gerais que encabeçou, confrontando-a com as principais críticas que os estudantes lhe dirigem.

A incapacidade de aproximar a AAC da grande massa dos estudantes e a ausência de uma boa campanha de informação, são duas das principais críticas apontadas. Um dos pontos negros do último mandato foi precisamente a "desorganizada" manifestação contra um ano de política educativa do Governo, que ocorreu em Lisboa no passado dia 27 de Novembro. No entanto, Zita não atribui a falta de união ou o reduzido número de estudantes na manifestação a falhas a nível informativo. "Era uma causa que não tocava a todos, pelo menos directamente. A falta de coesão dos estudantes está patente em toda uma série de coisas. O que se passa é que hoje em dia não existem causas comuns como no tempo da ditadura ou até mais recentemente na altura da contestação às propinas". Relativamente à condução do processo de contestação da alteração da Lei de Bases do Sistema Educativo (LBSE), Zita reconhece ter havido "falhas na equipa". No entanto tece duras críticas aos Orgãos de Gestão:" Há uma grande diferença de mentalidade entre mim e algumas pessoas. Eu entrei para a DG numa altura em que os movimentos independentes lutavam pela conquista da DG e portanto todos estavam unidos. Não compreendo, por isso, a "mentalidade das capelinhas". Eu já estive nos Orgãos de Gestão e nunca tive problemas em ir falar com as pessoas. Quem me conhece sabe que eu nunca fecho a porta na cara a ninguém. Entendo que não basta dizer que somos contra porque somos contra, é necessário apresentar propostas concretas. Alguns Orgãos de Gestão revelaram falta de conhecimentos técnicos".

"Irreverente, responsável e insatisfeita por natureza"- é assim que define a sua postura enquanto Presidente da AAC, dando como exemplo os discursos que fez, nomeadamente o discurso de tomada de posse do 2º mandato que "abanou as pessoas que julgavam que eu ia ter uma postura concordante com o actual Governo" e o discurso da Abertura Solene das Aulas que "teve as consequências que teve". Quando a acusam de ter tido uma posição pouco firme na questão da LBSE, Zita invoca uma vez mais o problema das mentalidades: "Eu tive a coragem de colocar o problema na necessidade de definir um perfil de formação e não na questão do emprego e, por isso, fui atacada. Nós não podemos, por exemplo, ter uma determinada posição em relação ao financiamento e dizer que da educação depende todo o desenvolvimento das pessoas ou defender, no âmbito da Acção Social Escolar, uma igualdade de oportunidades e depois ter discursos corporativistas, sem qualquer fundamento."

Rui Mendes, Vice–Presidente, elogia a sua atitude diplomata: "É capaz de tecer as mais duras críticas sempre com o máximo de respeito para poder continuar a falar com as pessoas. Viver em democracia é ter capacidade disto mesmo". Relativamente à sua forma de estar na Universidade, há quem diga que Zita é a última pessoa que resta da geração do Vigário. Embora não assuma isto directamente, Zita insiste na diferença de mentalidade que existe entre ela e a grande massa dos estudantes, incluindo parte dos membros da DG. "Há uma grande diferença na maneira como as pessoas se dão às coisas. Há quem consiga rir e brincar com coisas que a mim me tiram o sono" A propósito, Zita refere a atitude da DG relativamente à dívida da AAC, principal razão que a levou a recandidatar–se. A redução da dívida pode ser comprovada no relatório de contas final..."Não podemos ter uma atitude de desprezo pela dívida sob pena de perdermos o estatuto de utilidade pública".

Admite que se voltasse atrás faria muitas coisas diferentes, nomeadamente teria mais cuidado na escolha da equipa. Foi já a chorar que Zita Henriques disse a "A Cabra" que, apesar de tudo, "saio daqui ainda mais encantada com isto do que quando cá entrei".

Filipa Rodrigues



Dois Anos de Zitismo

Durante dois anos, Zita Henriques presidiu à Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra. Dois anos marcados por uma maneira de actuar, de falar, de protestar, que valeram um "ismo" à frente do seu nome. Dois anos polémicos, em que a Presidente teve problemas com as suas equipas, desafiou ministros e professores, viu a vitória na 'I Grande Guerra das Propinas' e sentiu os estudantes a desligarem-se da Academia. "A Cabra" faz aqui um balanço do que se fez (e do que não se fez) nestes tempos.

A dívida da AAC ao fisco e à Segurança Social.

Bandeira desta Direcção, sucessivamente invocada quando era preciso mostrar trabalho feito, ou a fazer, o seu escalonamento foi talvez a principal obra dos ocupantes da DG. Depois de um levantamento da situação, houve negociações com o Governo no sentido do perdão da dívida, que ascendia a quase 100 mil contos. Encontros e desencontros, negociações e mais negociações, pouco adiantaram durante muito tempo. Até que surgiu o famoso Plano Mateus para a recuperação de empresas em dificuldades a que a AAC em bom tempo se candidatou. Apesar do problema não estar completamente resolvido, existe pelo menos um caminho traçado para a sua resolução.

Os Núcleos de Faculdade

Promessa eleitoral, a criação destes organismos que deveriam aproximar os cursos e as Faculdades à AAC, foi uma das batalhas desta Direcção, acabando por ser a sua criação consagrada nos novos Estatutos da Academia.

Estes núcleos representarão Faculdades, grupos de cursos ou apenas um curso e terão uma forte ligação à DG, de quem dependem hierarquicamente, apesar de gozarem de bastante autonomia. São eleitos pelos alunos dos cursos que representam, mas incluem dois elementos nomeados pela DG. Tenta–se assim diminuir o fosso entre a Academia e os estudantes, de forma a permitir um melhor conhecimento dos problemas e uma melhor conjugação de forças na sua resolução.

Propinas e Lei de Bases do Sistema Educativo

Estas foram as duas frentes de confronto com o Governo ao longo dos últimos dois anos. As propinas, abolidas mas ameaçando ser reinstauradas, a LBSE pondo em causa o estatuto dos licenciados bem como as suas saídas profissionais.

Além disso, havia ainda que decidir o que fazer com o dinheiro cobrado nos dois anos de vigência da lei das propinas. Este foi um assunto que muito deu que falar, discutindo–se essencialmente se o dinheiro deveria ser restituído aos pagantes ou se deveria ser empregue pela Universidade. Acabou por ser feito um referendo aos estudantes que resultou num enorme fracasso devido à falta de informação. Os poucos participantes no referendo decidiram que o dinheiro deveria ser aplicado em estruturas de apoio aos estudantes. Aguardam–se desenvolvimentos.

A LBSE foi a causa da última grande movimentação estudantil universitária. Uma movimentação que serviu acima de tudo para mostrar de forma inequívoca que o academismo já não é o que era e que os estudantes cada vez estão menos informados sobre o que lhes diz respeito.

Outra situação a aguardar desenvolvimentos.

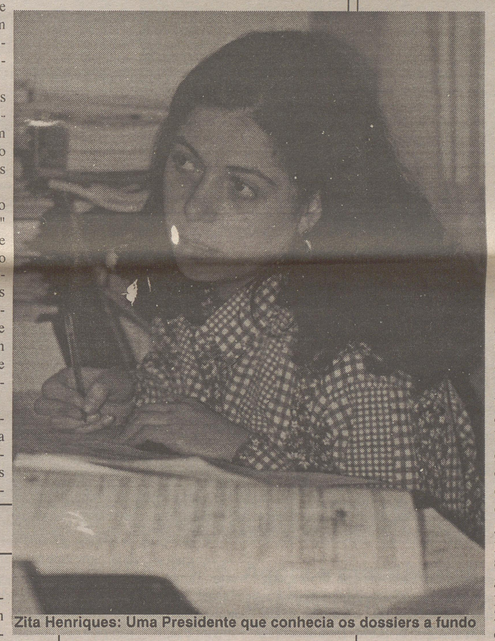
Concursos Artísticos e Outros Projectos

Durante os mandatos que terminam foram levados a cabo concursos visando descobrir e lançar novos autores oriundos do mundo académico. Um dos concursos culminou no lançamento de um livro "Contos de Inverno", onde se mistura prosa e poesia. Outro está ainda em fase de selecção e pretende reunir um conjunto de textos e fotografias que caracterizem a cidade de Coimbra.

Além destes concursos, outros projectos merecem destaque. Ainda no campo da cultura ha a realçar o prosseguimento do "Vem Conhecer a Academia" que promoveu o contacto dos estudantes com o trabalho das diversas secções académicas.

Numa área mais técnica é de realçar o sucesso das iniciativas "Pilares do Prestígio" realizadas nos últimos meses de 95 e 96 e que divulgaram os projectos de investigação científica levados a cabo nas diversas faculdades. Tratou–se de ciclos de conferências multidisciplinares, permitindo assim um intercâmbio entre os alunos de Faculdades e cursos diferentes, em que os oradores foram os responsáveis pelos projectos. A excelente afluência de público patenteou de forma inequívoca o interesse destas exposições.

Os aniversários da AAC foram aproveitados para homenagear figuras míticas da universidade. António Portugal, "o guitarrista da liberdade" em 1995 e Artur Paredes em 96 foram os eleitos. Estranhamente durante dois anos não houve nada a relembrar a memória de José Afonso, sobre cujo desaparecimento se passaram dez anos há bem pouco tempo....



Zita Henriques: Uma Presidente que conhecia os dossiers a fundo

O Registo da Queima

Em Abril de 1996, Fernando Gama e Paulo Brito, Dux Veteranorum e Secretário Geral da Queima das Fitas respectivamente, registaram em seu nome as marcas "Queima das Fitas" e "Queima das Fitas de Coimbra", numa tentativa, segundo os próprios, de evitar o seu uso abusivo, nomeadamente por empresas concorrentes das patrocinadoras do evento. Tudo se passou sem que a DG tivesse conhecimento, o que aliado ao facto de o registo ser em nome individual e não da AAC, gerou revolta por parte da Presidente. Mais um caso a pôr em causa a responsabilidade dos elementos que gerem a Academia -a acontecer durante num mandato onde a responsabilização dos dirigentes foi palavra de ordem.

O que Ficou por Fazer

O edifício da AAC continua a degradar–se, necessitando de obras mais ou menos urgentes. Os alunos continuam a afastar–se da Academia, apesar do sucesso de algumas iniciativas visando a inversão da situação. Continua a não haver um projecto para a Academia.

Informação objectiva, sem qualquer eleitoralismo, foi uma raridade durante os dois anos, não havendo sequer relatório de contas do primeiro mandato.

As sucessivas tentativas de diálogo com o Ministro da Educação e os vários Encontros Nacionais de Dirigentes Associativos em que a presidente participou, nada adiantaram em termos de política educativa.

por
Manuel Pereira

O que pensam os Estudantes

Interrogados por "A CABRA", os estudantes fizeram um balanço variado da actuação da Direcção–Geral da AAC cessante. Desde os mais cépticos, que afirmam que nada de visível foi feito, até aqueles que consideram que Zita Henriques mostrou uma personalidade forte e que "trabalhou no seguimento dos anteriores presidentes", passando ainda por muitos, que à nossa interpelação, respondiam com um " não quero falar porque não estou informado", constatou–se que a actuação da DG dividiu até mesmo a opinião dos estudantes.

Ainda assim, os estudantes que fazem um balanço negativo da actuação da DG. são em maior número e referem, principalmente, a fresca questão da alteração à Lei de Bases do Sistema Educativo (LBSE). Criticam a "falta de uma posição mais firme na condução do processo de contestação", a ausência "de uma boa informação como era no tempo do Vigário" e a "desorganização que foi a manifestação a Lisboa, onde faltou a coesão indispensável". Outro factor de descontentamento é o desconhecimento que as pessoas têm de muitas das actividades da Direcção: "as pessoas que estão cá fora vêem pouco do que a D.G. faz"; "não houve medidas que se notassem". Há quem considere que "continua tudo na mesma" e que "há pouco pó no ar, o que é mau".

As críticas aumentam quando se faz uma análise global dos dois anos e principalmente da actuação pessoal de Zita Henriques à cabeça da DG. Consideram que a sua actuação "não cativou tanto como a do Vigário" e que "foi uma questão de atitude, as pessoas estavam desmotivadas". Há mesmo quem pergunte "como é que a Academia pode passar uma boa imagem para o exterior se nem um bom relacionamento consegue manter na equipa?". E neste aspecto particular houve quem afirmasse que "a Zita escolheu mal a equipa" e que "concentrou demasiado trabalho nas suas mãos".

Apesar da "perda de força da Academia", do "abrandamento da contestação à alteração da Lei de Bases do Sistema Educativo" e da "desilusão que foi o segundo mandato", a diminuição das dívidas da AAC e "o bom trabalho de gestão e administração" são lembrados como marcos positivos destes dois anos de "zitismo". Foi ainda lembrada a posição "amiga" da DG em relação à luta dos professores em prol de melhores condições.

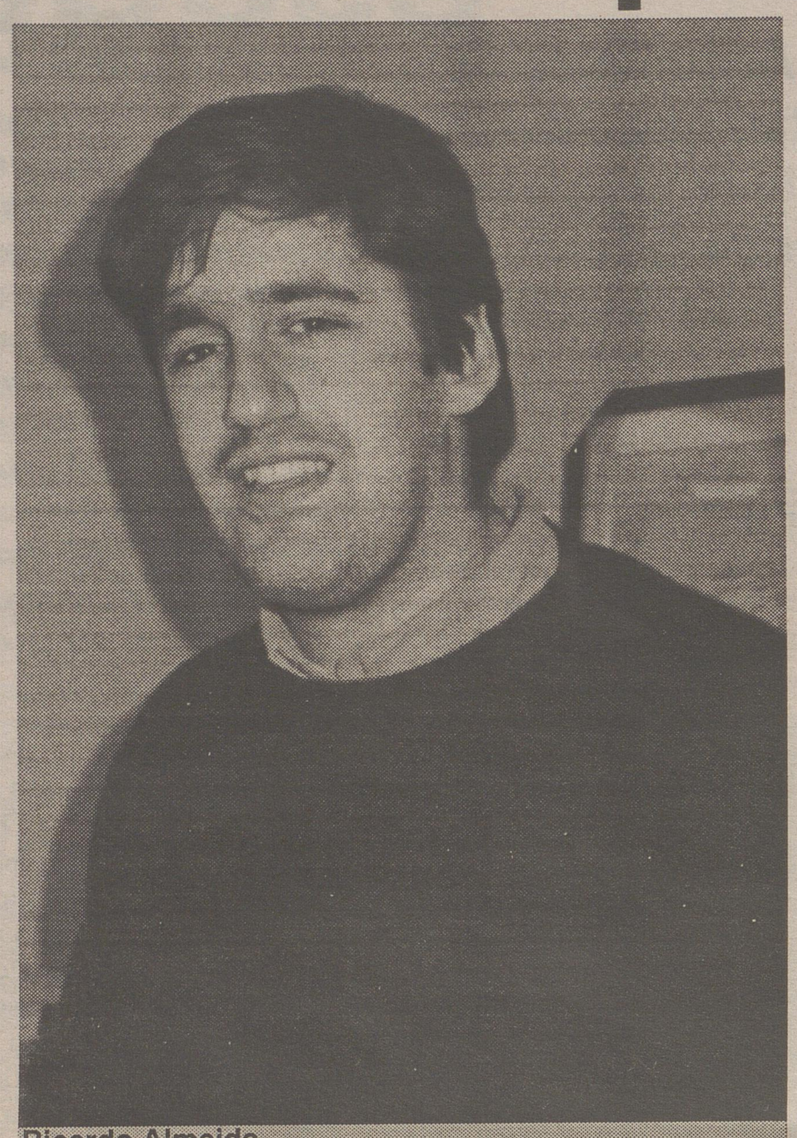
Mas, provavelmente, os alunos que viveram estes dois anos de mandato de Zita Henriques no movimento associativo, guardarão na memória a imagem de uma AAC sem actuação, e, sobretudo, a lembrança de uma presidência bastante contestada que falhou em alguns dos seus principais objectivos, como a criação dos núcleos pedagógicos, (apesar da sua actual consagração estatutária), em cada Faculdade. Aliás, este ponto, pelo facto de "a Presidente da D.G. se ter tornado a maior opositora à criação dos núcleos", conduziu à curiosa afirmação de que se "vive uma ditadura" na nossa Academia!

Adeodato Valente Pinto

Presidente recém-eleito da FAP em entrevista a "A Cabra"

Porto não diz que não à Lei

Ricardo Alemeida, 22 anos, natural de Tondela e estudante na Faculdade de Engenharia do Porto. Tem a espinhosa missão de suceder a Fernando Medina na Presidência da Federação Académica do Porto. "A Cabra" foi ouvir os seus projectos para o futuro da FAP e as suas ideias sobre os temas actuais de política educativa. Com Coimbra na luta contra às propinas, a sua posição de apoio às alterações à Lei de Bases do Sistema Educativo poderá causar atritos com a Académica.



Ricardo Almeida

A Cabra: A Federação Académica ao Porto tem um novo edifício e dinheiro para o pôr a funcionar. Quais são os vossos objectivos?

Ricardo Almeida: Não temos assim tanto dinheiro... Os horizontes agora são muito mais vastos do que antes. Pretendemos fazer novas secções, novas comissões executivas. Um pouco semelhante ao que se passa em Coimbra, mas não tão autónomas. Para já, irá entrar em funcionamento um gabinete de Relações Internacionais, uma secção cultural, uma secção permanente de apoio aos trabalhadores–estudantes.

C: Rádio Académica do Porto. Para quando?

R.A.: Estamos com um projecto em mãos. Queremos arrancar a 1ª fase já este ano. Será uma rádio de estudantes para estudantes, sem esquecer que os estudantes têm frequências e férias. Por isso, teremos que criar uma estrutura profissional dentro da própria rádio que permita o funcionamento durante 24 horas. Não vai funcionar nestas instalações. Está projectado para o Pólo II (Faculdades de Economia e Medicina). Futuramente, vamos lá criar um novo edifício da FAP. Esse edifício não será como este, terá uma sala de estudo, uma sala de convívio, uma sala de computadores, e algumas partes funcionarão durante 24 horas. Terá também um edifício comercial com algumas lojas, pois nessa zona não há nada a não ser ruas e faculdades. Será também lá criada uma casa de juventude e, possivelmente, poder–se-á criar uma residência para estudantes. Mas isto é um investimento para o futuro.

C: E um jornal académico, vai haver?

R.A.: O JUP (Jornal Universidade do Porto) já existe e agora quer–se criar um outro. Não será um concorrente, pois acho que há espaço para os dois. Chamar–se-á JAP (Jornal Académico do Porto), também para jogar com a imagem da FAP. Será para nós um veículo importantíssimo de informação e aproximação aos estudantes. Porque às vezes nós estamos imbuídos dum espírito de reuniões, todos atarefados, e esquecemos o contacto com os estudantes. Terá também um espaço para artigos de opinião. Mas servirá sobretudo para passarmos uma mensagem sobre temas como, por exemplo, propinas, Lei de Bases... De forma a que os estudantes se revejam -ou não- naquilo que a FAP é, naquilo que nós aceditamos, evitando assim que os estudantes o saibam somente por outras rádios e televisões que às vezes distorcem um pouco a imagem do que é a FAP. A FAP não é só a entidade que organiza a Queima das fitas...

Se uma determinada escola superior forma bons professores dentro dos critérios necessários, porque não darem–lhe oportunidades para leccionar ao terceiro ciclo ou até ao secundário?

C: São tudo projectos a longo prazo?

R.A.: Não, o jornal é para já! Vamos tentar arranjar patrocínios. Mas, entretanto, nem que seja um boletim informativo de poucas páginas...

C: Os alunos revêem–se na FAP?

R.A.: Existe uma falha anterior a mim, não fui eu que a provoquei. Revêem–se nalgumas coisas aqueles que estão mais atentos. A massa crítica não é global. Entendem que tudo é um mal passageiro, não ligam muito a quem os defende. Há uma percentagem de abstenções para as eleições muito grande .

C: Se os estudantes votassem directamente para direcção da FAP não se sentiriam mais legitimados?

R.A.: Quem vota são as associações. A opinião dos estudantes é manifestada através das associações. É um processo legítimo, é um caminho de comunicação mais vasto, mas continua a ser legítimo. Se também se votasse directamente para a FAP, alguém perdia legitimidade, nós ou as associações...

os professores do secundário são uns incompetentes, não dão a matéria até ao fim...

C: Os estudantes conhecem–te?

R.A.: Bem, eu só cheguei agora! Mas garanto–te que o Fernando Medina todos conhecem

C: Qual é a vossa posição em relação às propinas?

R.A.: É uma questão de princípio, somos contra o pagamento das propinas. Esta questão terá que ser vista num âmbito mais vasto: Temos maus professores, más instalações, o acesso é mau, muita gente não entra porque não tem dinheiro. O ensino superior é elitista, não pela sua qualidade, mas sim pelas pessoas que vêm estudar, pois tem que ter forçosamente capacidade financeira.

E agora o Governo vem falar duma propina anual... Mas nós já pagamos uma propina. Principalmente quem vem de fora, que paga a residência, a alimentação, os livros e as sebentas. Ao fim do mês, são muitas dezenas de contos e a maior parte dos estudantes não têm qualquer tipo de apoio. Os Serviços Sociais, como toda a gente sabe, não chegam a todos, só mesmo aqueles super–super–necessitados.

É uma questão de princípio, somos contra o pagamento das propinas.

O Estado devia era criar mecanismos, empréstimos com juros bonificados, para que futuramente, quando se arranjasse emprego se pagasse ao Estado em vez da tal propina... ela não faz sentido nenhum. O Estado tem a responsabilidade de formar. A questão é essa: quais são as consequências de um estudante ter uma boa formação? A prosperidade do País. Quem tira mais vantagens disso? É o Estado, neste caso, Portugal. Deveria haver um investimento grande no Ensino Superior e a consequência é essa: pessoas qualificadas, com boa formação para serem utilizadas em prol da Nação, em prol do Estado.

C: Se o dinheiro das propinas retido na U. Coimbra for devolvido aos estudantes, como é que vocês verão isso? Quereriam o mesmo tratamento?

R.A.: É uma questão lógica. Se são perdoados aqueles que não pagam, logo devem ser reembolsados aqueles que pagaram. Não é só uma questão de lógica, é uma questão de direito.

C: E quanto à Lei de Bases do Sistema Educativo?

R.A.: A minha posição é a abolição clara dos "numerus clausus", pois estes são barreiras completamente artificiais. É como passar um atestado de incompetência aos professores e ao sistema de ensino secundário. Eu passei do 9º para o 10º, do 10º para o11º automaticamente. Por isso devia chegar ao 12º, ter positiva e ingressar directamente no Ensino Superior. Mas é claro que deverão haver medidas concretas na formação de professores e no grau de exigência do ensino secundário. Terá de haver qualidade no secundário. Porque a culpa não é dos alunos! O que acontece agora, é que muitas das vezes os estudantes vão para as provas nacionais a saber metade da matéria que devia ser dada. É que os professores são uns incompetentes, não dão a matéria até ao fim...

É claro que a alteração disto não é para amanhã, isto pressupõe uma série de medidas... Quando ao ensino secundário for reconhecida qualidade, então deverão acabar os "numerus clausus". Depois acontecem cenas do género: As pessoas vão para cursos que inicialmente não queriam e também aqui deveriam existir medidas para facilitar as transferências de curso, principalmente nos primeiros anos.

C: E quanto às confusões dos ensinos politécnico e universitário.

R.A.: Eu acho que é uma falsa questão quando se diz que as Universidades estão contra os Politécnicos e vice–versa. Se as pessoas pensarem um bocadinho, o que nós queremos, como estudantes, são bons professores, pessoas capazes. Independentemente de onde vieram.

C: E os oriundos do politécnico são capazes de leccionar no terceiro ciclo?

de Bases

R.A.: Isso não me cabe a mim dizer... Não se pode falar de qualidade sem haver avaliação. Se uma determinada escola superior forma bons professores dentro dos critérios necessários, porque não darem–lhe oportunidades para leccionar ao terceiro ciclo ou até ao secundário? Devemos falar de escolas, não de politécnicos e universidades. O problema é que os Reitores também são um bocado corporativistas. Na partilha é que está o ganho. Não devemos defender um quintal que é só nosso, devemos sim defender uma quinta que é de todos nós.

Na questão do grau, acho que a lei é escassa. Não só sou a favor do grau único, como sou a favor dos mestrados e dos doutoramentos...

C: Então para quê haver dois subsistemas?

R.A.: Cada um tem as suas especificidades. No ensino secundário também há escolas diferentes.

C: Mas num sítio tens um curso de três anos, noutro de cinco, e acaba–se a ir dar aulas ao mesmo sítio? Hão–de ter formações diferentes!

R.A.: Não é essa a questão. Isso é generalizar. O que eu sou a favor, é que se determinadas escolas cumprem determinados critérios de qualidade, das quais saem bons formandos, não faz sentido nenhum não poderem dar aulas no mesmo sítio. Eu costumo dizer que é melhor um professor que saiba pouco mas que saiba transmitir o pouco que sabe do que um professor que sabe muito mas que não o sabe transmitir e que não consegue perceber as nossas dificuldades. Cada um tem as suas especificidades. Não pode haver uma distinção como aquela que está a existir, escolas de primeira e escolas de segunda. Eu acho que a equidade e a democraticidade deve ser igual para todos. O que eu quero é bons professores! E não quero ser corporativista e ver isto como um problema de emprego!

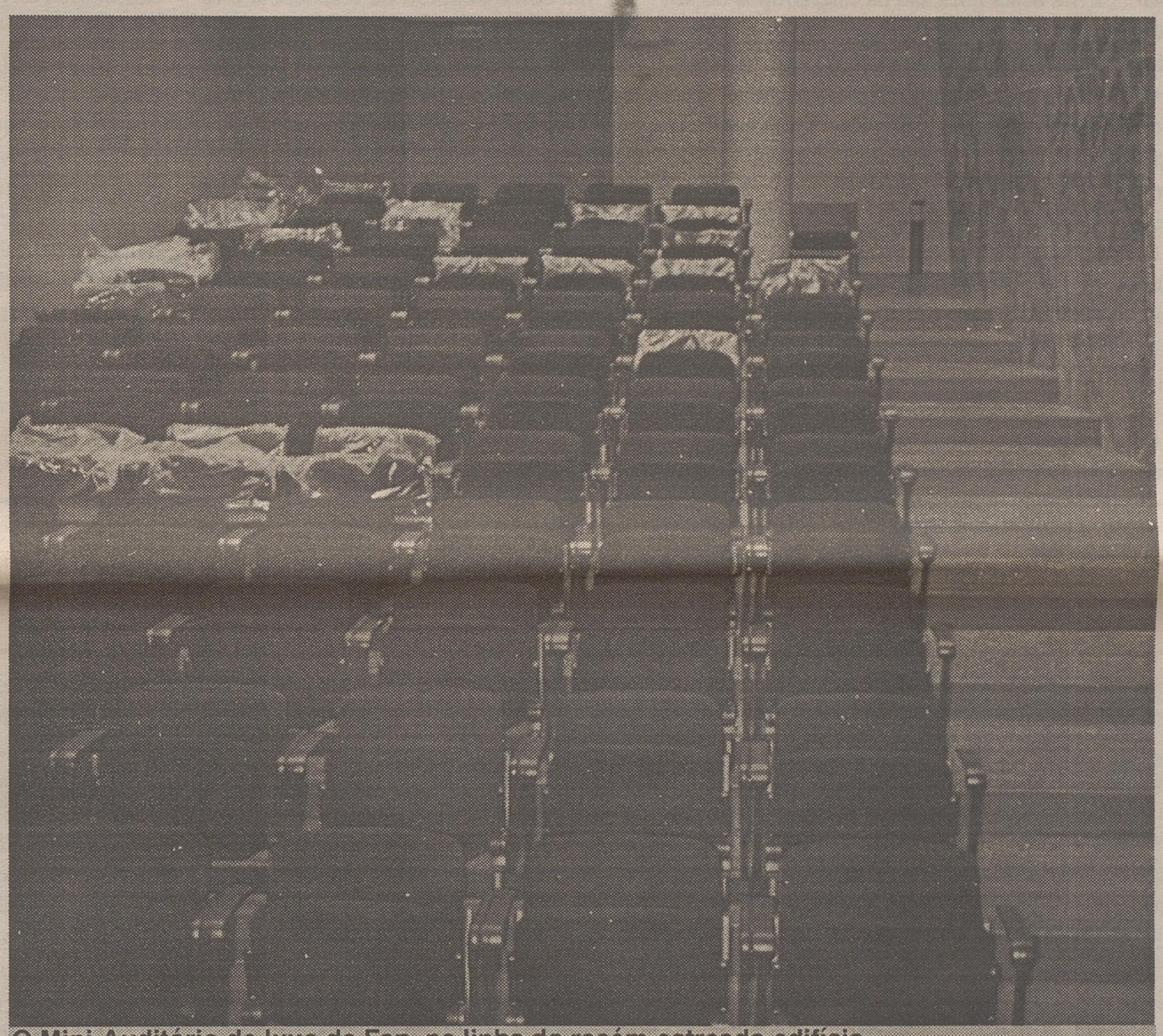
Sou filiado no PSD

C: E quanto aos diplomas governamentais que estão na forja...

R.A.: A táctica do Ministro... não é bem do Ministro, quer dizer... é mais do partido socialista: não vamos discutir a Lei de Bases e quando discutirmos a Lei do Financiamento lançamos a discussão da Lei de Bases. Para quê? O que os estudantes do Politécnico querem é o reconhecimento da sua carreira. Querem que a Lei de Bases seja aprovada. A maior parte deles também são contra as propinas, mas vão entender as propinas como um mal passageiro. Então o que é que se vai criar? Universidades contra Politécnicos. Uns a defender a Lei de Bases como prioridade, outros a defender as propinas como prioridade. E isso acho que é uma hipocrisia, uma politiquice que eu, como dirigente associativo, hei–de de lutar para que formas de fazer política como esta sejam completamente banidas.

C: Como avalias este Ministro?

R.A.: Eu não sou contra a substituição de ministros, eu sou contra a substituição de políticas. Acho que só fica bem ao ministro e até porque ele está há muitos anos ligado à educação, e sabemos que as propinas não são a solução, como ele quer fazer parecer. Sabemos que ele já defendeu este princípio. É que nós vemos dinheiro mal gasto na função pública, em particular nas Faculdades. Faculdades estas em que os administradores são eleitos pela sua própria classe! Por exemplo, um médico não é necessariamente um bom gestor e o que acontece é que esses senhores lidam com muitos milhões de contos e não se faz a crítica aos directores das faculdades e aos reitores.



O Mini-Auditório de luxo da Fap, na linha do recém-estreado edifício

C: Achas que os reitores e os presidentes dos conselhos directivos deviam ser nomeados?

R.A.: Não, eu acho é que se deviam dedicar às questões de educação e as questões de dinheiro deviam ser tratadas por profissionais. Aí poupávamos milhares e milhares de contos. Muito dinheiro, muito mais do que as receitas das propinas. Só que ninguém quer mexer nisso, e porquê? Porque está o lobbie instalado... há o lobbie dos reitores, há o lobbie dos professores... e toda a gente sabe disso... O Ministro sabe disso, só que não há coragem política, porque se calhar o Ministro caíria não pela força dos estudantes, mas pela força dos professores. E enquanto o País se reger por essas regras nós não vamos a lado nenhum.

Agora a questão dos partidos não entra na FAP, não entra na maior parte das associações, porque quando entrar é o fim.

C: Mas avalia lá o Ministro!

R.A.: Vou fazer como o Marcelo Rebelo de Sousa, de 0 a 20. Dava–lhe um 8 para ir à oral.

C: *E achas que vai melhorar na oral, no futuro?*

R.A.: Não sei... depende dele, depende da maneira como ele vai impôr as suas ideias e não deixar que os outros imponham as ideias políticas para agradar. Estou–me a referir, particularmente, ao Partido Socialista. Mas é muito complicado para um Ministro sobreviver a todas estas pressões. É a chamada caça aos independentes. O Professor Marçal Grilo é um técnico muito competente.

Acho que o que está mais perto daquilo que eu defendo na política educativa é a Juventude Comunista Portuguesa.

C: És filiado nalgum partido?

R.A.: Essa questão dos partidos é muito simples. Porque obviamente sou uma pessoa que pensa, tenho os meus ideiais e acredito que as coisas se podem mudar pela vontade de todos. Agora a questão dos partidos não entra na FAP, não entra na maior parte das associações, porque quando entrar é o fim.

C: Quer dizer que um filiado não se pode candidatar?

R.A.: Não, eu até sou filiado. Eu não faço parte de nenhuma estrutura de um partido e acho que isso é importante que se saiba. Fiz a minha filiação na JSD aos dezasseis anos, fiz a filiação no PSD aos dezoito e refiliei–me agora. Sou só militante, não tenho grandes ligações e também critico em termos de política educativa os anteriores governos do PSD.

C: E não tens medo que haja pressões políticas, aquando das decisões?

R.A.: Espero bem que não. Aqui vêm bater na porta errada. Mas é complicado, porque se o movimento associativo é visto pelas questões partidárias, transmite–se uma mensagem completamente diferente, que é a partidarização da FAP.

C: Mas já fizeste imensas críticas ao PS!

R.A.: Mas são exactamente as mesmas que eu faço ao PSD. Todas as críticas que eu faço ao PS, também as faço ao PSD, porque em matéria de educação mudaram os ministros, mas não mudaram as políticas.

Houve desinvestimento na educação. Não se apostaram nas questões de fundo. Critico a governação de Roberto Carneiro pela massificação sem regras do ensino superior das escolas particulares e das públicas também.

C: E na área da política educativa, revês–te em algum partido?

R.A.: Não, acho que o que está mais perto daquilo que eu defendo é a Juventude Comunista Portuguesa.

C: Obrigado pela entrevista.

R.A.: Espera lá! Deixa–me esclarecer melhor esta última parte: Acho que são as pessoas que defendem questões muito próximas das minhas. Agora também defendem é pelas maneiras erradas. Começam a pôr junto da política educativa a moeda única, etc... São pessoas que são frontais e que discutem as coisas. Não vejo a JSD a pronunciar–se muito sobre isso.

Entrevista de Susana Cerqueira e João Queirós



Manifesto artur PUM albarran!



por Carlos Picassinos

1. O Poder da Cadeira

A Cadeira do Poder (programa de Artur Albarran, Quartas–feiras na SIC) arrancou há umas semanas e mereceu atenção, sobretudo pela polémica que despertou - a encenação de uma não–notícia acerca de um putativo Secretário de Estado e da consequente revolta manifestada pelo correspondente personagem, em directo e à hora das Notícias.

Depois da transmissão do primeiro episódio, era justamente uma polémica deste género que se aguardava. Os ingredientes eram sobejos: envolvia um canal de televisão, um político, equacionava regras da deontologia jornalística e, sobretudo, levantava questões relativas à reserva moral de uma figura pública. Mas o que mais irrita no programa de Artur Albarran não se prende tanto com o consternado incómodo manifestado pelo Secretário de Estado Seguro, nem com a inusitada espectacularização do não–acontecimento, nem sequer com a ridicularização dos protagonistas que aceitaram integrar o programa. O que mais irrita na Cadeira do Poder é o exercício da caricatura e do estereótipo. Particularmente do estereótipo do jovem pós–moderno, fatalmente radical, mal formado e atrasado mental, do universitário da Conta Jovem, do "jotinha" partidarizado, do Parlamento de deputados fantoches, da caricatura da causa maubere e do Zé Povo. O que mais irrita nesta hora são os estereótipos do senhor da Pepsodente que, enquanto o espectador esfrega um olho, atingem o contorno do estigma e da imagem feita. Porque em vez de aproveitar o formato e a ideia como veículo de pedagogia político–partidária, o que a Cadeira do Poder promete não é mais do que o poder de encenar e convencer pela mais barata demagogia. E é observar o tremendo delírio do fantástico mundo da Cadeira. Desde o fantasma de Santana Lopes Primeiro–Ministro - e com que pose, meu Deus! - às pretensões insinuadas de Alberto João Jardim — com a transferência da capital do país para o Funchal e a proclamação da ilha como símbolo de resistência e reserva da Soberania Nacional — até ás cumplicidades de respeitosíssimos e imaculados orgãos de comunicação no jogo de Albarran, toda a caravana alinhou a pretexto de algo tão pateticamente mobilizador quanto ignorado. Mas o que importa é fixar o espectador–eleitor e observar o mundo que vem. O mundo quando eles mandarem... e o povo deixar de lavar no rio.

2. Eleições Aqui

Aí está outra vez o acto. Queixam–se os candidatos do que cada um de nós já se queixou e do que os anteriores já se tinham queixado: os estudantes não se identificam, os estudantes não descem, a Academia não sobe, é preciso agitar, ousar, ligar, mudar, aproximar, divulgar, informar para sensibilizar, para participar, para desenvolver, para progredir. Viver com o tempo, com a "performance". Propinas não, não à lei, Lei de Bases também não, emprego sim, Guterres às vezes, a paixão é um grilo. E a educação?

Eis o manual de instruções para candidatos eventuais. O argumentário nunca desliza daqui. E ninguém se incomoda muito. A tradição há–de sempre continuar a ser o que sempre foi e rupturas não valem o sacrifício. Isto vai lá com manifestações pela consciencialização social dos nossos direitos. Porque nós temos direitos. O céu é azul, a água é molhada, os estudantes têm direitos. É esta a tautologia oficial.

Por isso aqui se apela. PRECISA–SE DE UMA MÃO CHEIA DE LÍDERES: para nos garantir emprego, aliviar das propinas e oferecer uns bilhetes–gerais para a vida. São estas as nossas reivindicações! Exigimos mais Cristinas e mais Cândidas para dar cor à nossa rotina. Queremos isto e mais fado e mais donos da bola e mais Fê Quê Pê. E mais Académica. É este o nosso manifesto. Sem mais de útil, PUM! Subscrevemo–nos. Somos AAC.

Cartas dos Leitores

A Queima e os Animais

Gostaria de partilhar com a Academia de Coimbra uma ideia para o programa da Queima das Fitas deste ano. (...) Antes, gostaria de exprimir a minha opinião negativa sobre a Q.F. Juro que gostaria de gostar da Queima (passe a redundância), mas não consigo. Para ser muito franca, ela dá–me arrepios porque deve ser a festa mais anti–ecológica do planeta.

As razões para isso são muitas, começando pela mais grave: a Garraiada. Aos "esquecidos" lembro que os animais -o que inclui os cavalos e touros usados em touradas e garraiadas- têm os seus direitos consagrados na Declaração Universal dos Direitos do Animal. No art. 10º pode ler–se: "1- Nenhum animal deve ser explorado para divertimento do Homem. 2- As exibições de animais e os espectáculos que utilizem animais são incompatíveis com a dignidade animal."

Em Março de 1991, pôde ler–se n`A CABRA (ano 1, nº3, p. 6): "Carlos Beirão (da comissão da Garraiada) decidiu encomendar bandarilhas que não espetam mas aderem ao corpo do garraio, "porque nós pretendemos é evoluir". Se elas chegarão a tempo dos Estados Unidos, ainda ningém sabe..."

Às Comissões da Garraiada de 1991 e posteriores pergunto: o que é que aconteceu? Já verificaram a caixa do correio? É que, tantos anos depois, a garraiada continua a ser uma tourada. Por outras palavras, continua a haver tortura e sangue na Queima das Fitas.

Como se isso não fosse uma coisa suficientemente triste, em 1991 pôde assistir–se ao triste espectáculo de estudantes a embriagarem os burros e a queima–los com cigarros. Em 1992, chegou mesmo a ver–se um cão na arena...(...)

E as flores de papel para os carros do cortejo? Não será possível aproveitar as que sobram para os anos seguintes?Pelo menos reduzia–se um pouco o gasto anual de quantidades imensas de papel. Mas se pretendem continuar a livrar–se delas, ao menos ponham–nas no papelão.(...)

Em 1994 vi com os meus olhos fatias e mais fatias de pão a ganharem bolor e irem para o lixo porque um grupo de um carro calculou mal a quantidade necessária. Meteu dó. Quantas vezes é que esta história se repetirá? Porque é que os alimentos em condições que sobram do cortejo não são cedidos a quem precisa?(...)

Só mais um exemplo: a Rave Party de 1995, instalada na Praça da Porta Férrea, zona patrimonial, deixou buracos nos passeios que só 3 meses depois foram tapados.

Passando finalmente à ideia que falei no início, gostaria de sugerir um pequeno Portugal Fashion nas escadas monumentais.

Terão criatividade para isso? Certamente que sim. Mas não esquecam a ecologia!

Filomena Conde

A Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra que merecemos e não temos

A entrada na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra é um autêntico processo kafkiano. O impresso obriga–nos a declarar: nome, morada e profissão. Já experimentei mesmo escrever nomes absurdos e moradas imaginárias: Alberto Lyncopo, Rua da Lua 13... Ninguém controlou nada e tudo continua na mesma.

O acesso aos livros é difícil. A catalogação é primitiva. O ciberespaço ainda não existe na realidade virtual da Biblioteca Geral.(...) A inércia e viscosidade mental são a matriz desta instituição. Computadores ?!!? CD–ROM ??!! Novos dicionários e enciclopédias !?? Facilidade de consulta das publicações periódicas??!! Comunicação directa com outras blibliotecas??! Acesso directo aos livros?!

Os livros entram na B.G.U.C. supostamente são catalogados e expostos. Muito bem. O problema surge exactamente na sua posterior consulta porque estes não aparecem identificados nos ficheiros. Vagueiam durante alguns dias no éter. Estranho ou talvez não.

Durante alguns meses tivemos direito a IBM´s com a informação de bibliografia disponível. Desapareceram para nunca mais serem vistos.

A B.G.U.C. é um museu. Não é prática, não é confortável (apesar de ser fresca no Verão e gelada no Inverno), não é simpática, não é segura (roubar livros é canja para quem não tem escrúpulos), não é moderna, não é uma biblioteca. A B.G.U.C. está fechada aos fins–de–semana significando isto que o povo que trabalha de sol a sol não tem direito a esta biblioteca.

A implantação de um Bar até seria um medida interessante, capaz de gerar fundos e cativar os leitores. Recusam–se atitudes inovadoras, recusa–se a modernidade. A Universidade de Coimbra afasta–se cada vez mais do que melhor se faz por essa Europa fora. Há bibliotecas nos Estados Unidos abertas 24 horas por dia, com salas de descanso, computadores ligados à Internet; comunicação directa com as biliotecas de todo o mundo. O aluno precisa de um artigo publicado por uma Universidade australiana sobre clones de borboletas? Faz um pedido, paga uma quantia e recebe o artigo via E–Mail.

Felizmente tive a oportunidade de estudar um ano numa Universidade alemã. Uma das primeiras visitas guiadas teve como objectivo, dar a conhecer o funcionameto da Biblioteca. Esta permitia–me o acesso livre, sem apresentação de qualquer documento, a toda a bibliografia lá existente. Tudo. Havia inclusivé uma sala onde uma vasta panóplia de jornais e revistas podiam ser consultados. Existiam máquinas fotocopiadoras q.b. e funcionavam mediante um cartão magnético. Se determinada publicação não existia era facilmente requisitada a outra Biblioteca. A grande maioria dos livros também podia ser requisitada pelos discentes com prazos e multas pecuniárias para quem não os cumprisse.

Resumo da estória: se não exigirmos mais dos mestres a situação vai complicar–se muito e as desvantagens comparativas acumulam–se. Lutar por uma Universidade melhor participando e agindo.

João Miguel Vaz

Comunicado do Presidente da Comissão Eleitoral

A Associação Académica de Coimbra encontra-se, desde o início da década de 90, num processo de transformação que não está ainda concluído. A criação dos Pólos II e III da Universidade leva a que a AAC seja sujeita a um desafio que poderá levar à sua dinamização se se empenhar num melhor acompanhamento dos alunos. A realização do acto eleitoral perto dos alunos é, sem dúvida alguma, uma das formas mais eficazes desse processo.

Este tem de ser um processo isento de dúvidas quer para todos os estudantes -sócios da AAC-, quer para toda a comunidade envolvente.

Localização das Urnas entre as 9 e as 18h dos dias 12 e 13 de Março:

alunos de Direito - Faculdade de Direito (sala 14)

alunos da Faculdade de Letras - Faculdade de Letras

alunos de Medicina do 1º, 2º e 3º anos e Medicina Dentária- Faculdade de Medicina

alunos da Faculdade de Farmácia - Faculdade de Farmácia

alunos da FCTUC (pólo I) -Torreão do Hospital Velho

alunos da Faculdade de Psicologia e C. Educação - Faculdade de Psicologia

alunos da Faculdade de Economia - Faculdade de Economia

alunos de Medicina do 4º, 5º e 6º anos - Hospitais da Universidade de Coimbra

alunos da FCTUC (pólo II) - Departamento de Informática

alunos do C. Desporto e E.F. - Estádio da Universidade de Coimbra

Localização das Urnas entre as 20 e as 23h dos dias 12 e 13 de Março: Sala de Estudo da AAC

Emissões da TVAAC

Segunda, 22h: Sondagem Eleições
Terça, 22h: Debate entre os candidatos
Quinta, 22h: Escrutínio dos votos

Estas emissões podem ser vistas

nas Cantinas Amarelas
no Mini-Auditório da AAC
no Bar da AAC
no Centro Cultural D.Dinis

Secção de Jornalismo

A tua oportunidade de estares do outro lado deste jornal.

Horário de funcionamento: 17h30 às 19h30
Piso 1 do edifício da AAC


Publicidade
10

Eleições para a Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra

AAC em Tempos de Mudança

As eleições para os corpos de gestão da AAC deste ano marcam um ponto de viragem na vida da Academia. A recente entrada em vigor dos novos Estatutos da Associação veio alterar as regras do jogo e promete trazer mudanças nem sempre fáceis de levar a cabo.

As alterações mais visíveis são aquelas que dizem respeito ao acto eleitoral propriamente dito. Este ano, realizar-se-ão dois actos eleitorais autónomos: a eleição para a Mesa da Assembleia Magna e Direcção-Geral e a eleição para o Conselho Fiscal. Os novos estatutos estabelecem, no seu artigo 44º, que o Conselho Fiscal é composto por cinco membros eleitos segundo o método de Hondt, sendo o presidente o primeiro candidato da lista mais votada. Esta alteração, para além de implicar dois processos eleitorais paralelos, vem introduzir toda uma nova filosofia no modo de funcionamento de um Conselho Fiscal até agora encarado como simples apêndice da Direcção-Geral. Graças ao método de Hondt, muito provavelmente todas as listas estarão representadas no Conselho, o que trará uma muito maior disparidade de opiniões e uma nova e melhorada atitude na fiscalização da actividade da Direcção-Geral. Isto, acompanhado pelo reforço dos poderes deste órgão, previsto no art. 45º, entre os quais se incluí o de "emitir parecer sobre o relatório anual e contas da Direcção-Geral e apresentá-lo à Mesa da Assembleia Magna até quatro semanas após a entrada em funções da Mesa". Os estudantes, no dia das eleições, terão assim que preencher dois boletins de voto diferentes: um para a Mesa da Assembleia Magna e Direcção-Geral, com quatro listas concorrentes (B, M, P, X) e outro para o Conselho Fiscal, este com 3 listas apenas (M, P, X).

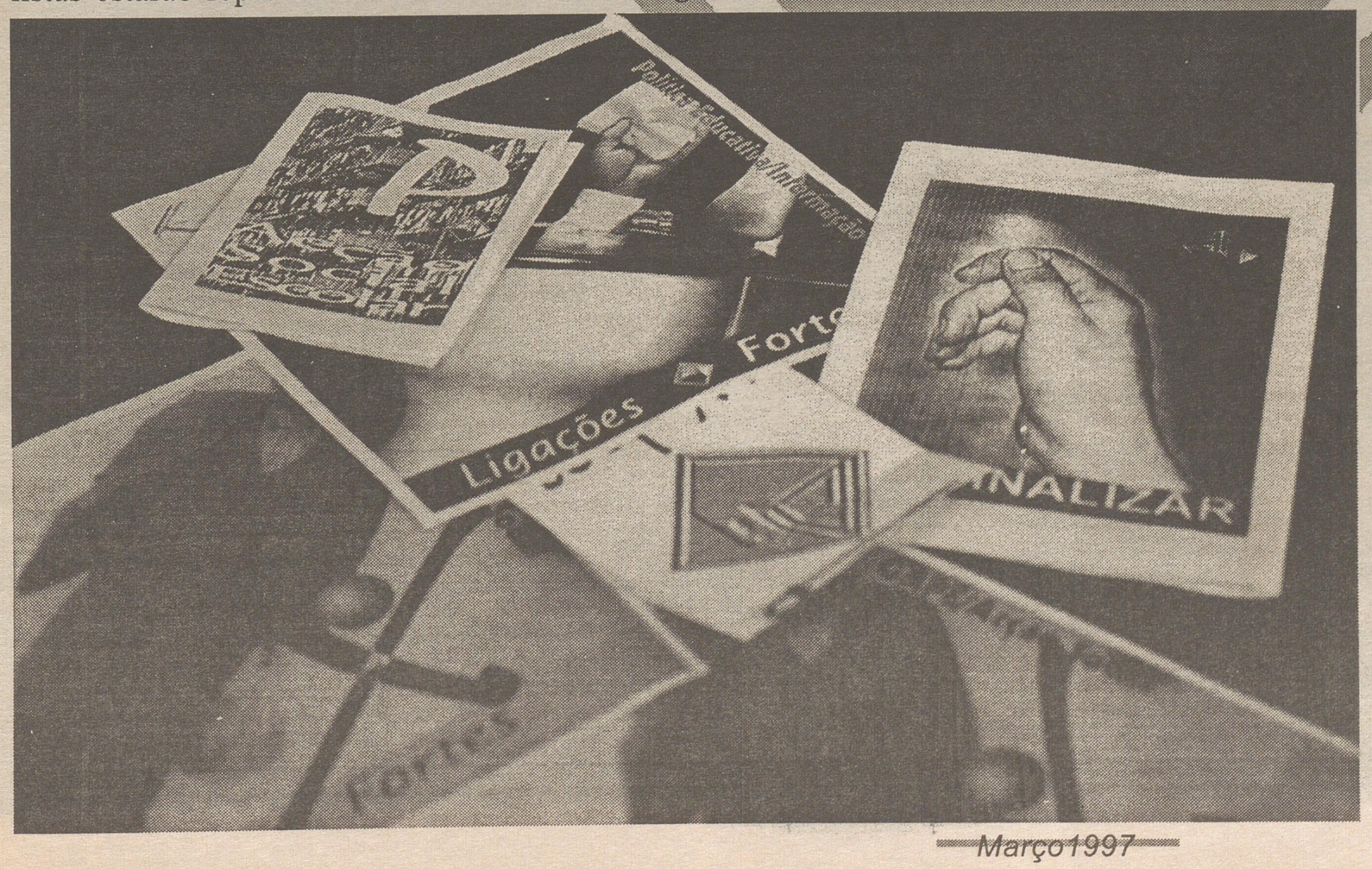
Outra das alterações tem a ver com a composição da Direcção-Geral. Até agora, a DG era composta por sete elementos, sendo um deles presidente e os restantes vogais, o que se tem vindo a mostrar-se manifestamente insuficiente. Os novos estatutos estabelecem que a DG passa a ser constituída por um número de efectivos superior a quinze e inferior a vinte e um, tendo o número de ser necessariamente ímpar. A nova DG será, pois, uma equipa bastante mais alargada, de modo a poder gerir de forma mais eficaz uma Associação que conta com perto de vinte mil sócios.

Mais uma inovação, e com certeza a que mais saltará à vista, é o facto da votação, segundo o art. 12º do Regulamento Eleitoral, se realizar nas Faculdades e não na sala de estudo do edifício da AAC, como tem sido hábito. No entanto, esta medida inovadora não é de tão fácil aplicação como se poderá pensar à primeira vista. Para além da estratégia eleitoral de cada uma das listas, que podem ver vantagens ou desvantagens nesta alteração, a Comissão eleitoral deparar-se-à com uma série de dificuldades na sua concretização. Em primeiro lugar, a disponibilização de espaços nas Faculdades não será tarefa fácil. Os Conselhos Directivos não verão com bons olhos a disponibilização de salas de aula durante dois dias inteiros para as eleições da AAC, tendo estas decorrido sempre fora das Faculdades. E se por algum motivo não for possível instalar urnas numa das Faculdades, qual deverá ser a atitude da Comissão Eleitoral: continuar as eleições nas restantes ou "regressar" à sala de estudo? Em segundo lugar, mesmo que seja possível realizar as eleições nas Faculdades, como decorrerá o acto eleitoral? Segundo o Regulamento Eleitoral, as urnas devem estar abertas por um período não menor que 12 horas. Ora, será plausível manter as urnas abertas até às 22 horas, por exemplo, em Faculdades como a de Direito, em que as aulas acabam às 17 horas e 30? E como se efectuará o transporte das mesmas para as Faculdades? Estará a PSP disponível para acompanhar as listas ou terão de ser as próprias a efectuar o transporte? E se ao final do dia as urnas reabrirem no edifício da AAC, como será feita essa reabertura? Serão precisas novas urnas ou servirão as mesmas? Isto, acrescido do enorme esforço de mobilização que caberá às listas para manterem gente em todos os locais de voto, sendo que na FCTUC haverá com certeza mais do que um. Com todas estas questões se depara a Comissão Eleitoral, pois a alteração ao acto eleitoral, se bem que visando a redução da abstenção, traz maiores possibilidades de ocorrência de fraudes.

Outro dos aspectos específicos destas eleições é o facto de os órgãos que nela forem eleitos terem pela frente um mandato de apenas oito meses, para que as eleições se passem a realizar em Novembro. Destes oito meses, teremos de descontar os meses de Verão, o que, na mais optimista das hipóteses lhes deixa um período de trabalho "efectivo" de apenas seis meses. A lista vencedora terá, pois, cerca de meio ano para implementar os seu projectos, o que poderá ser insuficiente.

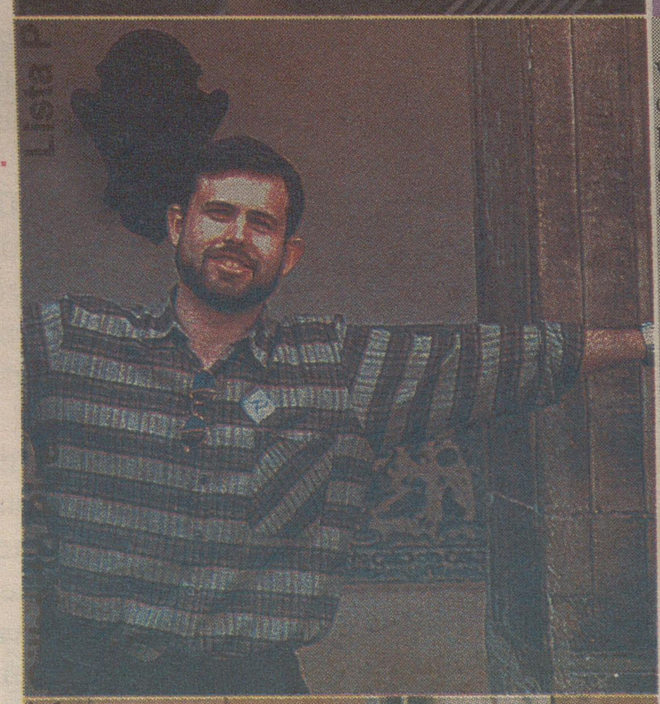
São estas as inovações de um acto eleitoral que se pretende que seja um marco na história da Academia. Uma Academia que tem que se adaptar à sua expansão quer física quer geográfica e que não pode vacilar em momentos destes. Esperemos que as listas e a Comissão Eleitoral saibam levar a bom porto todo este processo!

César Marques



Três Homen

Este ano concorrem à Presidência da DG/AAC três candidatos
temas políticos mais quentes, conhecer das suas (in)dependên
as eleições e escutar o que pensam uns dos out

O Candidato	Propinas e Financiamento do E. Superior	Cultura
 Lista B Bruno Briosa	É uma das questões controversas da nossa candidatura, em princípio o nosso candidato ainda não tem nada decidido sobre o assunto, mas em estamos de acordo com o que a maioria dos estudantes está de acordo: não às propinas.O financiamento do Ensino Superior deve ser feito à custa do Estado. Isto numa opinião pessoal, distinta da do candidato, que ainda não tem opinião formada sobre o assunto.	Também, financiada não só pela Universidade de Coimbra.Todos os locais que estavam mais ou menos vedados à Universidade, o caso,por exemplo, do TAGV, que é um tanto ou quanto elitista, deveria ser mais para o serviço da Universidade, dos estudantes. A cultura deve ser um instrumento primordial , no qual a AAC tem um papel importante no seu desenvolvimento, como dinamizadora da cultura em termos da Universidade. O Cão vai fazer tudo para continuar a desenvolver a cultura na Universidade, como por exemplo, malabarismos de circo, com caniches, a projecção de um canódromo, corridas de galgos...um sem numero de actividades que não beneficiem só os estudantes, mas também a comunidade canina de Coimbra. Há por aí cães abandonados que merecem a cultura da nossa Universidade.
 Lista M Maranhão	Rejeito as propinas e sempre boicotei o seu pagamento. Quanto aos cerca de 900.000 contos de propinas na posse da Reitoria, por uma questão de princípio, defendemos a sua devolução a quem as pagou. Mas atendendo à impossibidade prática de o fazer, penso que poderiam ser investidos na construção de um espaço análogo ao Espaço Ágora em Lisboa, destinado aos estudantes, aberto 24h por dia. A possibilidade de o Estado emprestar dinheiro aos alunos do Ensino Superior para que estes completem os seus cursos parece–me uma boa ideia, mas é preciso muita atenção na sua concretização, para se evitar situações de vidas permanentemente dependentes do crédito.	Apoiar as secções da AAC nas suas actividas culturais, elas que devem ser as pricipais dinamizadoras das acções culturais da Academia. E em caso de lacunas em determinadas áreas ser a própria DG a promover essas iniciativas culturais. Continuar a divulgação, agora interrompida, das actividades culturais da Academia através da Agenda Cultural.
 Lista P	Quanto às propinas, quando falo de propinas tenho que falar de dois pontos de vista diferentes que se podem ver no acesso ao Ensino Superior. Se nós referirmos o ensino como um investimento, então nós ao pagarmos impostos e o Estado ao colectá–los e investi–los na formação de estudantes, investe–os no motor da sociedade do amanhã. Um estudante bem formado traz benefícios ao seu país: aumenta a riqueza,, a qualidade de vida sobe numa sociedade com boa formação cultural, humana e científica, o que a torna mais produtiva.Se virmos o ensino do ponto de vista de um serviço e não de um investimento, então o estudante deve pagá–lo e não a sua família, que já está sobrecarregada com o pagamento de alojamento e impostos.Se é um serviço, o estudante deve pagar o ensino à posteriori.Como não somos um país rico, e se não pudermos enveredar por um sistema de isenção total, devemos arranjar um meio justo, que não é uma taxa única, nem o sistema de propinas anteriores. O estudante formado, depois de arranjar um bom emprego, pode pagar uma percentagem à universidade que o formou, uma prestação ao longo de um termo determinado, isto depos de o estudante estar devidamente estabelecido na vida. Este modelo diz à universidades que estas vão ter de adaptar os seus curriculos e a sua formação à vida real, para que as pessoas que delas saem formadas não sejam preteridas em relação a outras.Uma universidade não pode cobrar nada a um desempregado, o que a leva a apostar, como já disse numa crescente adaptação à vida real.	É um facto que a nossa cidade é cultural e desportivamente animada pela AAC. E o que é que se recebe em troca disso? Não peço que nos paguem isso como um serviço. O que é preciso é um apoio, um mecenato em troca de uma crescente dinamização dos espaços culturais e desportivos da cidade. Há que aproveitar espaços como o TAGV e o Estádio Universitário e dirigir a cultura e o desporto para o estudante. As medidas que devem ser tomadas têm que ter em conta um certo desinteresse das entidades que "gerem" esta cidade.Tem que haver um financiamento, um apoio e uma divulgação dos ditos bens que a cidade usufrui.Tem que mudar o fraco apoio que existe. E mudar como? Através de protocolos, por isso é que temos um Gabinete de Relações Institucionais em que, no nosso projecto, temos pessoas responsáveis por tratar de protocolos e sondar as entidades responsáveis, que podem promover actividades que interessem à AAC e que o façam, por exemplo, congregar esforços para revitalizar jardim da AAC, de o tornar numa zona apetecível para os estudantes.É também necessário que a cultura chegue, de forma acessível a todos os estudantes.
 Lista X António Silva	Essencialmente julgamos, e assenta aí muita da nossa ideia acerca desta questão do financiamento e das propinas, que não concebemos a possibilidade de o Estado e, ao fim ao cabo, deste Governo, se desresponsabilizar minimamente pelo Ensino Superior Público. Isto, objectivamente, quer dizer que nunca pagaremos propinas nem equacionamos que seja uma forma de fonte de financiamento do Ensino Superior Público. O nome fala por si: Ensino Superior Público. O dinheiro que hipoteticamente seria dinheiro conseguido através dessas propinas ou dessa taxa de frequência uniforme de que eles falam hoje em dia é um dinheiro que não é justificativo realmente para um arranque definitivo do ensino no sentido de uma melhor qualidade. O que realmente acontece é que, parece–me, esta questão das propinas tem mais a ver com uma concepção de Ensino Superior Público que este governo tem e com objectivos francos e delineados. Dinheiro existe, tem é que haver vontade política para investir no ensino, no meu ponto de vista.	O panorama cultural é uma coisa que pode ser, e deve ser, bastante criativa, e que deve estar o máximo interligado com as secções culturais e com os organismos autónomos que produzem cultura. O que eu queria aqui frisar é que vamos apostar numa cultura para todos, numa cultura que tente chegar às pessoas e que não espere que elas vão de encontro a ela, daí a probabilidade de organizarmos semanas temáticas, em que quer as secções culturais quer os organismos autónomos fariam trabalhos num tema em comum a apresentar depois numa semana. Queremos aproximar a cultura através de exposições e espetáculos a apresentar nas próprias faculdades, mostrando um pouco do espólio cultural que existe na AAC, e fazer um levantamento exaustivo do número de horas de cultura que efectivamente se produz naquela casa para termos maior poder de argumentação junto das entidades competentes.

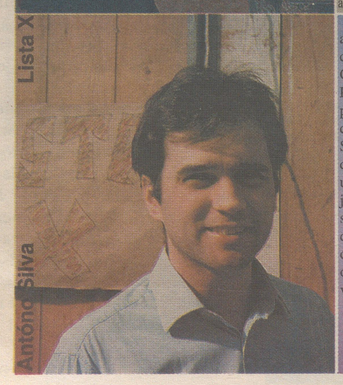
...s e um Cão

...s e um cãodidato. "A Cabra" foi ouvir as suas ideias sobre os ...ncias, saber quais os seus principais objectivos caso vençam ...tros. O resultado fica registado nestas páginas.

Posição quanto à Lei de Bases	Acção Social Escolar	Principais objectivos	Relações com Partidos Políticos	O que os distingue dos outros
A Lei de Bases está ao nível do cão, ou melhor, está mesmo abaixo de cão.	Sempre.	O principal objectivo é não ganhar. É Pedigree-Pal sempre, a toda a hora.O nosso candidato não está de forma alguma a gozar com a AAC enquanto instituição, mas sim de uma certa forma a tentar abalar uma campanha cinzenta, sempre feita de apoios partidários.É no fundo uma lista para gozar com a campanha eleitoral, nunca com a AAC.	Estamos à procura de apoios... O Cão é inexperiente neste ramo.	O Cão.
Criticamos os moldes em que a Lei de Bases foi lançada, nomeadamente a falta de diálogo, que deveria ter presidido à sua criação. Relativamente às disposições para o ensino Politécnico, criticamos também os termos generalistas em que foi elaborada, já que apenas se estabelecem os requisitos de qualidade do Ensino Politécnico, que acabam por não ser concretizados. Discordamos ainda da possibilidade dos alunos das Escolas Superiores de Educação leccionarem no 3º Ciclo do Ensino Secundário, pois considera–se o ensino das ESE´s pouco satisfatório e são reconhecidas grandes debilidades na sua formação científica.	Em primeiro lugar, os Serviços Sociais da Universidade de Coimbra têm feito um trabalho notável, atendendo ao orçamento que têm. Iremos pedir ao Governo um reforço orçamental, sobretudo visando a construção de mais residências.	Dar corpo ao Movimento Nova Academia, uma nova concepção da AAC, que pretende aproximar a Academia dos estudantes, que constituem a sua única razão de ser. Apostamos na criação dos Núcleos de Faculdade, que darão prioridade a questões pedagógicas e de gestão. Concretizar um acordo com a Associação Nacional de Jovens Empresários, em que esta se compromete a estabelecer relações especiais com os estudantes da Universidade de Coimbra. Lançar um projecto de financiamento da AAC através da exploração de um posto de abastecimento de combustíveis.	Sou militante do PSD. A militância política é um direito de cidadania e em nada cerceia as minhas capacidades e a minha independência.	Não somos os cromos do costume. O nosso projecto é claramente o melhor.
A minha posição quanto à Lei de Bases já é conhecida desde há muito tempo. As pessoas que me conhecem viram–me à frente nas manifestações em Lisboa, ao contrário de outras pessoas que o deviam ter feito e não fizeram. Eu e os meus colegas da FCTUC movimentamos muita da nossa Academia, colaborando com Letras, fazendo RGA's contra a Lei de Bases. Pessoalmente acho que o projecto da Lei de Bases foi muito mal conduzido, primeiro começou por errar no ponto do diálogo. Nós somos contra a Lei de Bases, que pode e deve ser melhorada no sentido de partir–se da sua finalidade, do seu objectivo e não dos seus pressupostos.	Pode ser englobada ao lado das propinas. A ASE é um meio de responder às necessidades e ao mesmo tempo protestar contra as más condições que os estudantes têm. Tenho experiência nisso porque, com um grupo de amigos criei a Cooperativa de Habitação da Universidade de Coimbra.Como muitos outros, eu sou um estudante deslocado, e isso dá um mau funcionamento dentro da nossa vida porque temos que nos autogerir condicionados, por exemplo pelas restrições que muitas vezes os senhorios nos impõem. O estudante deve sentir–se em casa. E a ASE é isto: aumentar o número de residências, com apoio da Universidade, dos Serviços de Acção Social e pela Reitoria.O Governo deve canalizar verbas de áreas menos prioritárias e investi–las na educação.	Acima de tudo, acho não podemos ter uma política externa se não tivermos uma política interna bem organizada. Ultimamente, na AAC, e isto não é uma crítica seja a quem for, mas sim uma maneira de ver as coisas, tem existido um papel muito sindicalista, que é projectar a nossa imagem para o exterior, fazer barulho e fazer manif's. Isso é bom porque mostra que estamos vivos e com ideias. Mas há que também arrumar a casa. Não podemos apresentar uma boa imagem externa se não tivermos uma boa imagem interna: o estudante tem que se sentir querido, sentir o apelo para participar, porque o estudante anda alienado da Academia. Há que acabar com isso, com um certo elitismo.	A título pessoal não tenho. Desde miúdo que nunca achei necessidade de me "colar" a nenhuma juventude partidária. Não acho que seja um mal uma pessoa associar–se de acordo com as suas ideias. Eu defendo o livre associativismo. No entanto sempre fui um independente. Na minha lista há pessoas filiadas, que cobrem o leque político nacional, temos pessoas que não ligam minimamente à política, que têm ideias pelas ideias. .É lógico que as pessoas gostam de lançar boatos, de fazer colagens partidárias e eu sei que muitas pessoas me querem colar à JS, talvez porque dá jeito. O Governo é PS, dá muito jeito colar alguém à JS para estragar um pouco a imagem. Contudo, desminto.	Ideias, toda a gente as tem... e geralmente são boas ideias. 0O que nos distingue das outras listas é o processo como foi construída esta lista. As pessoas foram "caindo" a pouco e pouco, não vieram em bloco. As pessoas juntaram–se por laços de amizade, por vontade de trabalhar, por se conhecerem, o que torna o projecto P muito vasto. Acho que estou rodeado de uma óptima equipa para por ideias em prática.
A Lei de Bases é uma questão importante, porque define o enquadramento de uma nova política para a educação. Evidentemente que me preocupa a forma como se está a subverter dois sistemas de ensino distintos de que se pretenderiam coisas distintas: O Ensino Politécnico e o Ensino Universitário. Isto não é uma questão de corporativismo da parte dos estudantes universitários; poderíamos encarar isso da mesma forma por parte dos estudantes do Politécnico. É sim uma questão de fundo, uma questão de política para a educação, de definição de um plano estratégico para a educação e ensino em Portugal. Sou contra a alteração da Lei de Bases.	Quanto à ASE, temos aqui dois pontos essenciais: é o facto de necessitar definitivamente de um estímulo, porque é essencial uma ASE capaz, para pôr os estudantes em igualdade de circunstâncias. E essa ASE do meu ponto de vista passa muito por um investimento em mais residências, como é evidente. Era importante ter mais atenção àquilo que efectivamente se passa nas cantinas, à comida que nos é fornecida, à qualidade da mesma, e, na questão das bolsas, julgo que elas têm valores baixos e que os estudantes bolseiros passam fortes dificuldades e a bolsa é insuficiente. Claro que só por si não consegue resolver os problemas todos e não tenho qualquer problema em afirmar que não me faz qualquer confusão que o Estado tenha qualquer espécie de política de ASE para o Ensino Privado. Faz–me confusão é que possa eventualmente equacionar que vai deixar de investir mais no Ensino Superior Público.	Conseguir criar uma consciência académica em volta de um ideal comum, que é o ideal do estudante enquanto jovem e enquanto homem do futuro, enquanto ser criativo, independentemente da sua cor político–partidária, poder trabalhar num todo. Conseguir cativar e motivar os estudantes, trazendo–os para a Academia; levar a AAC mais junto das Faculdades. Pretender que os estudantes vejam e se revejam mais naquilo que se faz a nível académico. Que tenham uma maior consciência política, cultural e desportiva. Gostaria de ver um projecto levantar–se, um projecto de grande envergadura, e conseguir vê–lo andar por si próprio, deixando um pouco arredadas as expectativas das juventudes partidárias nos próximos anos para a AAC.	A nossa lista nunca existiu. Ela surgiu agora espontaneamente com pessoas de diferentes quadrantes políticos e isso vai ficar demonstrado quando apresentarmos o nosso organigrama. A nossa lista não tem ligações partidárias, não tem financiamentos. É uma lista independente e quis criar um movimento de estudantes feito para estudantes. Ideologicamente há um ponto comum: a Academia, aquilo que pretendemos da Academia e o facto de sermos jovens e de ambicionarmos sempre mais e melhor da vida.	De uma forma já imediata, distingue–me que ninguém me pode acusar de qualquer tipo de política partidária. Não estou a dizer que as outras listas tenham essa conotação. Falam que têm uma abrangência bastante grande mas quando apresentarem o organigrama a gente vai ver. Diferencia–me, ao fim e ao cabo, uma atitude. Sempre fui um estudante da Academia. Não é uma candidatura pessoal: não sou o candidato à DG -tenho uma lista que se vai candidatar à DG e da qual eu sou o cabeça de lista. Não vou impôr a minha vontade à vontade dos estudantes nem às pessoas da minha lista. O que distingue, também, será o trabalho que pretendo realizar, acho que será uma coisa que me distingue objectivamente das outras listas, porque faço uma aposta forte não só na cultura e no desporto, mas também na área das saídas profissionais.

Três Homens e um Cão

Este ano concorrem à Presidência da DG/AAC três candidatos e um cãodidato. "A Cabra" foi ouvir as suas ideias sobre os temas políticos mais quentes, conhecer das suas (in)dependências, saber quais os seus principais objectivos caso vençam as eleições e escutar o que pensam uns dos outros. O resultado fica registado nestas páginas.

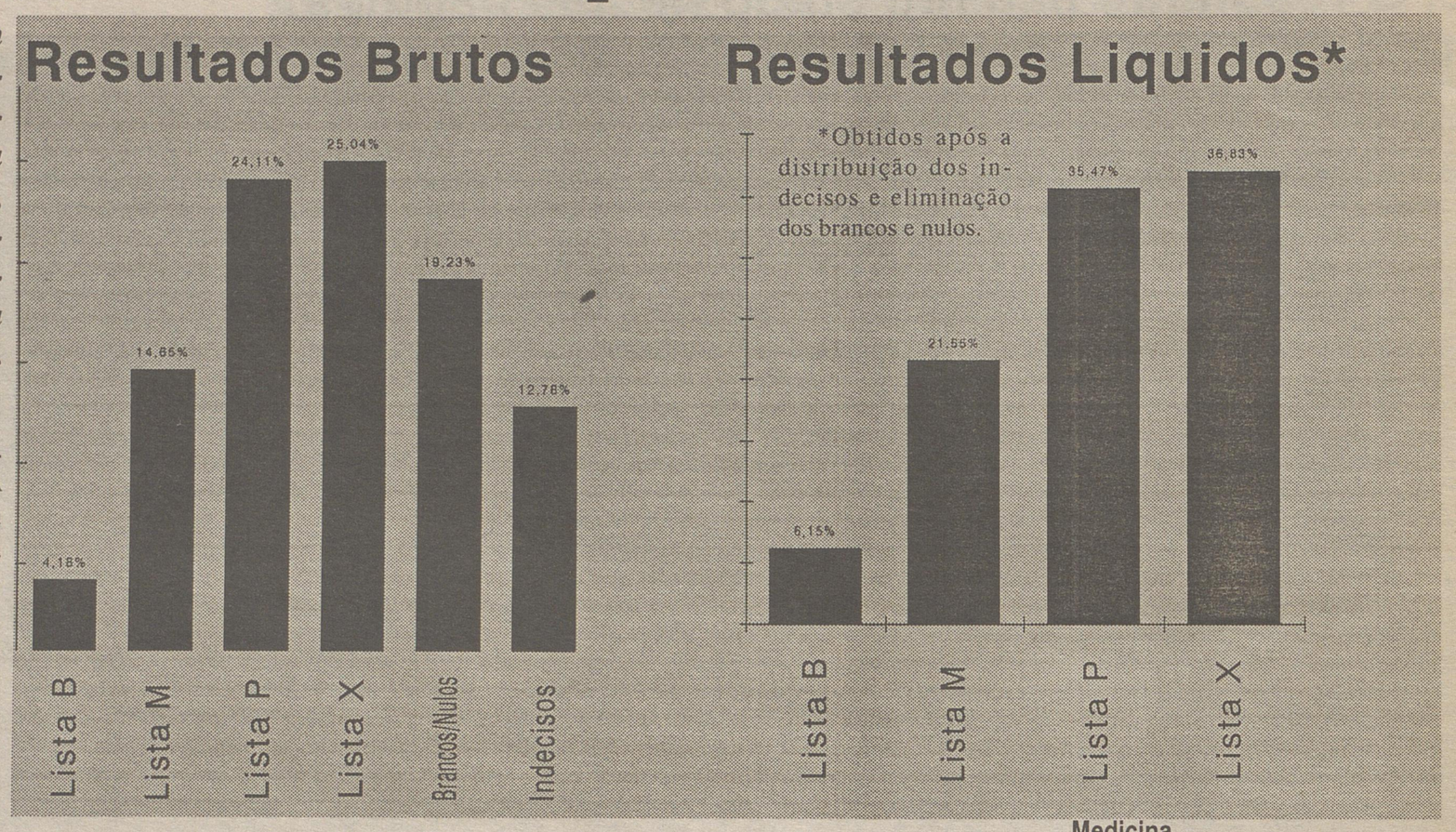
O Candidato	Propinas e Financiamento do E. Superior	Cultura	Posição quanto à Lei de Bases	Acção Social Escolar	Principais objectivos	Relações com Partidos Políticos	O que os distingue dos outros
 Lista B Bruno Briosa	É uma das questões controversas da nossa candidatura, em princípio o nosso candidato ainda não tem nada decidido sobre o assunto, mas em estamos de acordo com o que a maioria dos estudantes está de acordo: não às propinas.O financiamento do Ensino Superior deve ser feito à custa do Estado. Isto numa opinião pessoal, distinta da do candidato, que ainda não tem opinião formada sobre o assunto.	Também, financiada não só pela Universidade de Coimbra.Todos os locais que estavam mais ou menos vedados à Universidade, o caso,por exemplo, do TAGV, que é um tanto ou quanto elitista, deveria ser mais para o serviço da Universidade, dos estudantes. A cultura deve ser um instrumento primordial , no qual a AAC tem um papel importante no seu desenvolvimento, como dinamizadora da cultura em termos da Universidade. O Cão vai fazer tudo para continuar a desenvolver a cultura na Universidade, como por exemplo, malabarismos de circo, com caniches, a projecção de um canódromo, corridas de galgos...um sem numero de actividades que não beneficiem só os estudantes, mas também a comunidade canina de Coimbra. Há por aí cães abandonados que merecem a cultura da nossa Universidade.	A Lei de Bases está ao nível do cão, ou melhor, está mesmo abaixo de cão.	Sempre.	O principal objectivo é não ganhar. É Pedigree-Pal sempre, a toda a hora.O nosso candidato não está de forma alguma a gozar com a AAC enquanto instituição, mas sim de uma certa forma a tentar abalar uma campanha cinzenta, sempre feita de apoios partidários.É no fundo uma lista para gozar com a campanha eleitoral, nunca com a AAC.	Estamos à procura de apoios... O Cão é inexperiente neste ramo.	O Cão.
 Lista M Maranhão	Rejeito as propinas e sempre boicotei o seu pagamento. Quanto aos cerca de 900.000 contos de propinas na posse da Reitoria, por uma questão de princípio, defendemos a sua devolução a quem as pagou. Mas atendendo à impossibilidade prática de o fazer, penso que poderiam ser investidos na construção de um espaço análogo ao Espaço Ágora em Lisboa, destinado aos estudantes, aberto 24h por dia. A possibilidade de o Estado emprestar dinheiro aos alunos do Ensino Superior para que estes completem os seus cursos parece–me uma boa ideia, mas é preciso muita atenção na sua concretização, para se evitar situações de vidas permanentemente dependentes do crédito.	Apoiar as secções da AAC nas suas actividas culturais, elas que devem ser as pricipais dinamizadoras das acções culturais da Academia. E em caso de lacunas em determinadas áreas ser a própria DG a promover essas iniciativas culturais. Continuar a divulgação, agora interrompida, das actividades culturais da Academia através da Agenda Cultural.	Criticamos os moldes em que a Lei de Bases foi lançada, nomeadamente a falta de diálogo, que deveria ter presidido à sua criação. Relativamente às disposições para o ensino Politécnico, criticamos também os termos generalistas em que foi elaborada, já que apenas se estabelecem os requisitos de qualidade do Ensino Politécnico, que acabam por não ser concretizados. Discordamos ainda da possibilidade dos alunos das Escolas Superiores de Educação leccionarem no 3º Ciclo do Ensino Secundário, pois considera–se o ensino das ESE's pouco satisfatório e são reconhecidas grandes debilidades na sua formação científica.	Em primeiro lugar, os Serviços Sociais da Universidade de Coimbra têm feito um trabalho notável, atendendo ao orçamento que têm. Iremos pedir ao Governo um reforço orçamental, sobretudo visando a construção de mais residências.	Dar corpo ao Movimento Nova Academia, uma nova concepção da AAC, que pretende aproximar a Academia dos estudantes, que constituem a sua única razão de ser. Apostamos na criação dos Núcleos de Faculdade, que darão prioridade a questões pedagógicas e de gestão. Concretizar um acordo com a Associação Nacional de Jovens Empresários, em que esta se compromete a estabelecer relações especiais com os estudantes da Universidade de Coimbra. Lançar um projecto de financiamento da AAC através da exploração de um posto de abastecimento de combustíveis.	Sou militante do PSD. A militância política é um direito de cidadania e em nada cerceia as minhas capacidades e a minha independência.	Não somos os cromos do costume. O nosso projecto é claramente o melhor.
 Lista P	Quanto às propinas, quando falo de propinas tenho que falar de dois pontos de vista diferentes que se podem ver no acesso ao Ensino Superior. Se nós referirmos o ensino como um investimento, então nós ao pagarmos impostos e o Estado ao colectá–los e investi–los na formação de estudantes, investe–os no motor da sociedade do amanhã. Um estudante bem formado traz benefícios ao seu país: aumenta a riqueza,, a qualidade de vida sobe numa sociedade com boa formação cultural, humana e científica, o que a torna mais produtiva.Se virmos o ensino do ponto de vista de um serviço e não de um investimento, então o estudante deve pagá–lo e não a sua família, que já está sobrecarregada com o pagamento de alojamento e impostos.Se é um serviço, o estudante deve pagar o ensino à posteriori.Como não somos um país rico, e se não pudermos enveredar por um sistema de isenção total, devemos arranjar um meio justo, que não é uma taxa única, nem o sistema de propinas anteriores. O estudante formado, depois de arranjar um bom emprego, pode pagar uma percentagem à universidade que o formou, uma prestação ao longo de um termo determinado, isto depos de o estudante estar devidamente estabelecido na vida. Este modelo diz à universidades que estas vão ter de adaptar os seus curriculos e a sua formação à vida real, para que as pessoas que delas saem formadas não sejam preteridas em relação a outras.Uma universidade não pode cobrar nada a um desempregado, o que a leva a apostar, como já disse numa crescente adaptação à vida real.	É um facto que a nossa cidade é cultural e desportivamente animada pela AAC. E o que é que se recebe em troca disso? Não peço que nos paguem isso como um serviço. O que é preciso é um apoio, um mecenato em troca de uma crescente dinamização dos espaços culturais e desportivos da cidade. Há que aproveitar espaços como o TAGV e o Estádio Universitário e dirigir a cultura e o desporto para o estudante. As medidas que devem ser tomadas têm que ter em conta um certo desinteresse das entidades que "gerem" esta cidade.Tem que haver um financiamento, um apoio e uma divulgação dos ditos bens que a cidade usufrui.Tem que mudar o fraco apoio que existe. E mudar como? Através de protocolos, por isso é que temos um Gabinete de Relações Institucionais em que, no nosso projecto, temos pessoas responsáveis por tratar de protocolos e sondar as entidades responsáveis, que podem promover actividades que interessem à AAC e que o façam, por exemplo, congregar esforços para revitalizar jardim da AAC, de o tornar numa zona apetecível para os estudantes.É também necessário que a cultura chegue, de forma acessível a todos os estudantes.	A minha posição quanto à Lei de Bases já é conhecida desde há muito tempo. As pessoas que me conhecem viram–me à frente nas manifestações em Lisboa, ao contrário de outras pessoas que o deviam ter feito e não fizeram. Eu e os meus colegas da FCTUC movimentamos muita da nossa Academia, colaborando com Letras, fazendo RGA's contra a Lei de Bases. Pessoalmente acho que o projecto da Lei de Bases foi muito mal conduzido, primeiro começou por errar no ponto do diálogo. Nós somos contra a Lei de Bases, que pode e deve ser melhorada no sentido de partir–se da sua finalidade, do seu objectivo e não dos seus pressupostos.	Pode ser englobada ao lado das propinas. A ASE é um meio de responder às necessidades e ao mesmo tempo protestar contra as más condições que os estudantes têm. Tenho experiência nisso porque, com um grupo de amigos criei a Cooperativa de Habitação da Universidade de Coimbra.Como muitos outros, eu sou um estudante deslocado, e isso dá um mau funcionamento dentro da nossa vida porque temos que nos autogerir condicionados, por exemplo pelas restrições que muitas vezes os senhorios nos impõem. O estudante deve sentir–se em casa. E a ASE é isto: aumentar o número de residências, com apoio da Universidade, dos Serviços de Acção Social e pela Reitoria.O Governo deve canalizar verbas de áreas menos prioritárias e investi–las na educação.	Acima de tudo, acho não podemos ter uma política externa se não tivermos uma política interna bem organizada. Ultimamente, na AAC, e isto não é uma crítica seja a quem for, mas sim uma maneira de ver as coisas, tem existido um papel muito sindicalista, que é projectar a nossa imagem para o exterior, fazer barulho e fazer manif's. Isso é bom porque mostra que estamos vivos e com ideias. Mas há que também arrumar a casa. Não podemos apresentar uma boa imagem externa se não tivermos uma boa imagem interna: o estudante tem que se sentir querido, sentir o apelo para participar, porque o estudante anda alienado da Academia. Há que acabar com isso, com um certo elitismo.	A título pessoal não tenho. Desde miúdo que nunca achei necessidade de me "colar" a nenhuma juventude partidária. Não acho que seja um mal uma pessoa associar–se de acordo com as suas ideias. Eu defendo o livre associativismo. No entanto sempre fui um independente. Na minha lista há pessoas filiadas, que cobrem o leque político nacional, temos pessoas que não ligam minimamente à política, que têm ideias pelas ideias. .É lógico que as pessoas gostam de lançar boatos, de fazer colagens partidárias e eu sei que muitas pessoas me querem colar à JS, talvez porque dá jeito. O Governo é PS, dá muito jeito colar alguém à JS para estragar um pouco a imagem. Contudo, desminto.	Ideias, toda a gente as tem... e geralmente são boas ideias. OO que nos distingue das outras listas é o processo como foi construída esta lista. As pessoas foram "caindo" a pouco e pouco, não vieram em bloco. As pessoas juntaram–se por laços de amizade, por vontade de trabalhar, por se conhecerem, o que torna o projecto P muito vasto. Acho que estou rodeado de uma óptima equipa para por ideias em prática.
 Lista X António Silva	Essencialmente julgamos, e assenta aí muita da nossa ideia acerca desta questão do financiamento e das propinas, que não concebemos a possibilidade de o Estado e, ao fim ao cabo, deste Governo, se desresponsabilizar minimamente pelo Ensino Superior Público. Isto, objectivamente, quer dizer que nunca pagaremos propinas nem equacionamos que seja uma forma de fonte de financiamento do Ensino Superior Público. O nome fala por si: Ensino Superior Público. O dinheiro que hipoteticamente seria dinheiro conseguido através dessas propinas ou dessa taxa de frequência uniforme de que eles falam hoje em dia é um dinheiro que não é justificativo realmente para um arranque definitivo do ensino no sentido de uma melhor qualidade. O que realmente acontece é que, parece–me, esta questão das propinas tem mais a ver com uma concepção de Ensino Superior Público que este governo tem e com objectivos francos e delineados. Dinheiro existe, tem é que haver vontade política para investir no ensino, no meu ponto de vista.	O panorama cultural é uma coisa que pode ser, e deve ser, bastante criativa, e que deve estar o máximo interligado com as secções culturais e com os organismos autónomos que produzem cultura. O que eu queria aqui frisar é que vamos apostar numa cultura para todos, numa cultura que tente chegar às pessoas e que não espere que elas vão de encontro a ela, daí a probabilidade de organizarmos semanas temáticas, em que quer as secções culturais quer os organismos autónomos fariam trabalhos num tema em comum a apresentar depois numa semana. Queremos aproximar a cultura através de exposições e espetáculos a apresentar nas próprias faculdades, mostrando um pouco do espólio cultural que existe na AAC, e fazer um levantamento exaustivo do número de horas de cultura que efectivamente se produz naquela casa para termos maior poder de argumentação junto das entidades competentes.	A Lei de Bases é uma questão importante, porque define o enquadramento de uma nova política para a educação. Evidentemente que me preocupa a forma como se está a subverter dois sistemas de ensino distintos de que se pretenderiam coisas distintas: O Ensino Politécnico e o Ensino Universitário. Isto não é uma questão de corporativismo da parte dos estudantes universitários; poderíamos encarar isso da mesma forma por parte dos estudantes do Politécnico. É sim uma questão de fundo, uma questão de política para a educação, de definição de um plano estratégico para a educação e ensino em Portugal. Sou contra a alteração da Lei de Bases.	Quanto à ASE, temos aqui dois pontos essenciais; é o facto de necessitar definitivamente de um estímulo, porque é essencial uma ASE capaz, para pôr os estudantes em igualdade de circunstâncias. E essa ASE do meu ponto de vista passa muito por um investimento em mais residências, como é evidente. Era importante ter mais atenção àquilo que efectivamente se passa nas cantinas, à comida que nos é fornecida, à qualidade da mesma, e, na questão das bolsas, julgo que elas têm valores baixos e que os estudantes bolseiros passam fortes dificuldades e a bolsa é insuficiente. Claro que só por si não consegue resolver os problemas todos e não tenho qualquer problema em afirmar que não me faz qualquer confusão que o Estado tenha qualquer espécie de política de ASE para o Ensino Privado. Faz–me confusão é que possa eventualmente equacionar que vai deixar de investir mais no Ensino Superior Público.	Conseguir criar uma consciência académica em volta de um ideal comum, que é o ideal do estudante enquanto jovem e enquanto homem do futuro, enquanto ser criativo, independentemente da sua cor político–partidária, poder trabalhar num todo. Conseguir cativar e motivar os estudantes, trazendo–os para a Academia; levar a AAC mais junto das Faculdades. Pretender que os estudantes vejam e se revejam mais naquilo que se faz a nível académico. Que tenham uma maior consciência política, cultural e desportiva. Gostaria de ver um projecto levantar–se, um projecto de grande envergadura, e conseguir vê–lo andar por si próprio, deixando um pouco arredadas as expectativas das juventudes partidárias nos próximos anos para a AAC.	A nossa lista nunca existiu. Ela surgiu agora espontaneamente com pessoas de diferentes quadrantes políticos e isso vai ficar demonstrado quando apresentarmos o nosso organigrama. A nossa lista não tem ligações partidárias, não tem financiamentos. É uma lista independente e quis criar um movimento de estudantes feito para estudantes. Ideologicamente há um ponto comum: a Academia, aquilo que pretendemos da Academia e o facto de sermos jovens e de ambicionarmos sempre mais e melhor da vida.	De uma forma já imediata, distingue–me que ninguém me pode acusar de qualquer tipo de política partidária. Não estou a dizer que as outras listas tenham essa conotação. Falam que têm uma abrangência bastante grande mas quando apresentarem o organigrama a gente vai ver. Diferencia–me, ao fim e ao cabo, uma atitude. Sempre fui um estudante da Academia. Não é uma candidatura pessoal: não sou o candidato à DG -tenho uma lista que se vai candidatar à DG e da qual eu sou o cabeça de lista. Não vou impôr a minha vontade à vontade dos estudantes nem às pessoas da minha lista. O que distingue, também, será o trabalho que pretendo realizar, acho que será uma coisa que me distingue objectivamente das outras listas, porque faço uma aposta forte não só na cultura e no desporto, mas também na área das saídas profissionais.

Academia

Sondagem Ruc/"A Cabra" revela

Listas P e X empatadas

Mais umas eleições, mais uma sondagem de "A Cabra". Com a particularidade de, pela primeira vez, não podermos prever o vencedor. De facto, segundo os nossos resultados, a Lista X tem 36,8% e a Lista P 35,5%, o que, atendendo à margem de erro que estas previsões sempre têm, dá um empate técnico. A lista M recebe 21,5% das intenções de voto e a lista B 6,2%, ficando ambas pela 1ª volta.



Lista X ligeiramente à frente, lista P colada atrás. Estas são as listas que, segundo a sondagem "RUC/A Cabra" irão passar à segunda volta, nenhuma delas com grande vantagem à partida. Esta sondagem, realizada uma semana antes das eleições, revela quase 13% de indecisos, estudantes que garantem ir votar, mas que ainda não escolheram em quem. Talvez estejam à espera do organigrama para decidirem...

Quem, mesmo que convença todos os indecisos a votar, não parece ter grandes hipóteses de passar à segunda volta, é Tiago Maranhão. Em resultados brutos obtém 14,7%, o que, depois de distribuídos os indecisos e eliminados os votos brancos e nulos, dá 21,6% de resultado final. Resta a Tiago a hipótese de convencer os estudantes que afirmam não ir votar ou votam em branco ou nulo. Este ano são muitos (19,2%) os estudantes que dizem ir votar em branco ou nulo. Há no entanto que não esquecer que este inquérito é levado às suas mãos. Grande parte destes estudantes não se dão ao trabalho de, nos dias de voto, irem às urnas manifestar a sua opinião, tornando–se pois abstencionistas. Isto apesar de, nestas eleições, as urnas estarem nas faculdades.

A abstenção é impossível de prever por este género de inquéritos, já que a maioria dos abstencionistas são estudantes que não vão às aulas ou não residem em Coimbra e, por isso, não fazem parte do universo de sondados. No entanto, mesmo entre os inquiridos -estudantes que vão habitualmente às faculdades ou às cantinas- há um grande número de abstencionistas: mais de um terço. É pois provável que a abstenção desça ligeiramente, mas não o suficiente para deixar de ser preocupante.

Finalmente, a lista mais estranha dos últimos tempos, a lista B, liderada por um cão recém–nascido, cativa 4,2% dos inquiridos, 6,2% em resultados líquidos.

Direito

São talvez os resultados por faculdades os que mais interessam às listas, de forma a saberem onde é podem "ficar descansadas" e onde é que têm que trabalhar mais. Na Faculdade de Direito é surpreendente o baixo resultado da lista P (11,3%), já que esta parece ter o apoio da lista C local. É de prever que nos próximos dias este resultado melhore, até porque a Faculdade de Direito é, das três grandes, a quem mais indecisos tem (16,2%). Se a melhora chegará para alcançar as listas M e X, com 23% e 25,1% respectivamente, isso só dia 13 se saberá. A lista B obtém aqui o seu melhor resultado (9%), como seria de esperar, já que o "cão" é de direito.

FCTUC

Nos últimos anos, quem ganha na FCTUC, ganha as eleições. Não se trata de qualquer superstição ou tradição, mas deriva do facto da FCTUC ter quase metade dos alunos da UC. E a lista P tem razões para estar feliz. No pólo I desta Faculdade, o com mais alunos, ganha com 34,9%, e isto em resultados brutos! A lista X fica–se pelos 24,2% e a M pelos 10%. Já no polo II as coisas estão mais equilibradas: lista X com 25,8%, lista P com 24,1% e lista M com 16%. O cão obtém aqui um bom resultado: 5,7%. É a faculdade com menos indecisos.

Psicologia

A lista X (34,8%) à frente em Psicologia e, em segundo, os indecisos (26%). Confirma–se que os alunos desta Faculdade estão cada vez mais alheios ao que se passa na Academia.

Farmácia

Há quem diga que a Faculdade de Farmácia é "no men's land". A lista P não concordaria com esta visão, já que obtém aqui o seu melhor resultado (56,3%). No entanto, atendendo ao escasso número de votantes, não é por causa deste resultado que a lista P ganhará.

Medicina

Resultados surpreendente são os obtidos na Faculdade de Medicina, a "casa" do Projecto P, onde o ano passado esta lista conseguiu um resultado arrebatador. Este ano está tudo mais equilibrado (lista P-29%, lista X-27%). Talvez tenha alguma coisa a ver com isso o enorme número de estudantes que afirmam ir votar branco ou nulo nas eleições (26,8%). Algum descontentamento deve haver...

Economia

Na Faculdade de Economia a lista X obtém o seu melhor resultado (38,2%) e a lista P o pior (9,1%). Há ainda um considerável número de indecisos (16,4%).

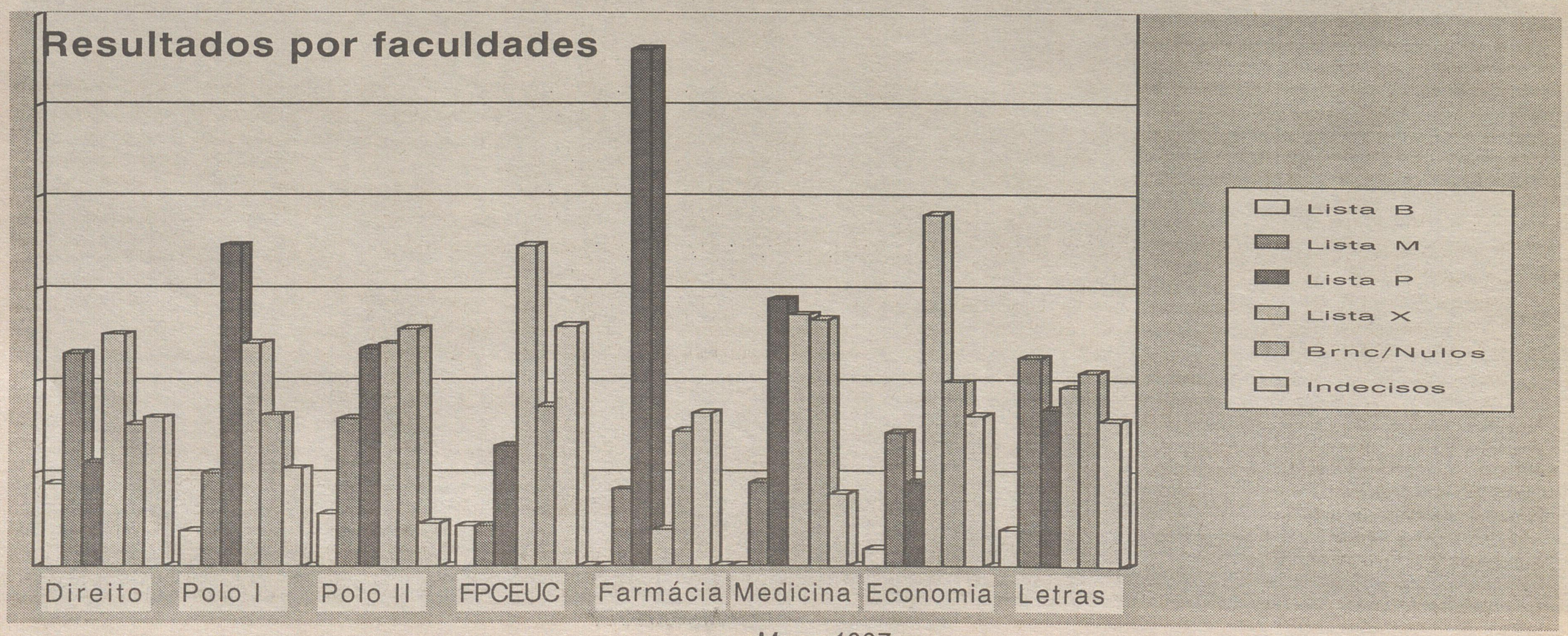
Letras

Já em Letras o equilíbrio é grande. É uma surpresa a vitória de Tiago Maranhão, a única da sua lista, com 22,7%. Mas logo atrás vêm a lista X (19,4%) e a lista P (17%), pelo que será a conquista dos muitos indecisos (15,8%) que ditará o resultado final nesta Faculdade.

Desporto

Quanto aos estudantes de Ciências do Desporto, não foram englobados neste inquérito, facto pelo qual desde já pedimos as nossas desculpa. Não se trata de qualquer má–vontade da parte de "A Cabra" para com este recente curso. O que se passa é que a dispersão geográfica deste curso torna impossível a recolha de resultados credíveis.

JLQ



Comentário

Os Riscos da Sondagem

Como todos os anos, convém fazer alguns avisos sobre este género de imagens. Num universo tão pequeno como o dos estudantes, é inevitável que a sondagem tenha efeitos sobre aquilo que pretende sondar, os resultados das eleições. Normalmente, quem ganha mais com as sondagens é a lista que fica em segundo, por haver tendência para as pessoas dessa lista se esforçarem mais. Nos casos em que o segundo e o terceiro estejam próximos, essa tendência também abrange o terceiro. Este ano, como há dois empatados à frente e um terceiro muito longe, não há nenhuma lista que tire grandes benefícios desta sondagem. A lista X e a lista P sentir–se–ão mais motivadas. Na lista M poderá haver alguma tendência para "baixar os braços" que os líderes da lista terão de saber evitar.

Por último, convém explicar que esta sondagem tem duas falhas inevitáveis:

Em primeiro lugar, a sondagem indica, como é óbvio, os resultados de 6/3/97, quando foi feita. O que acontecer desde então até ao dia 13, modificará os resultados. De qualquer maneira, as mudanças nunca serão muito grandes...

O que poderá causar certas diferenças entre estes resultados e os finais é esse fenómeno da democracia associativa conhecido como "cacicagem". De facto, este inquérito apenas revela os votos "livres". As pessoas preencheram os boletins livres de qualquer pressão, sem que ninguém lhes desse quaisquer recados de última hora. Todos sabemos que durante as eleições isso não acontece.

De qualquer maneira, a grande amostra desta sondagem garante–lhe sempre uma grande fiabilidade.

JLQ

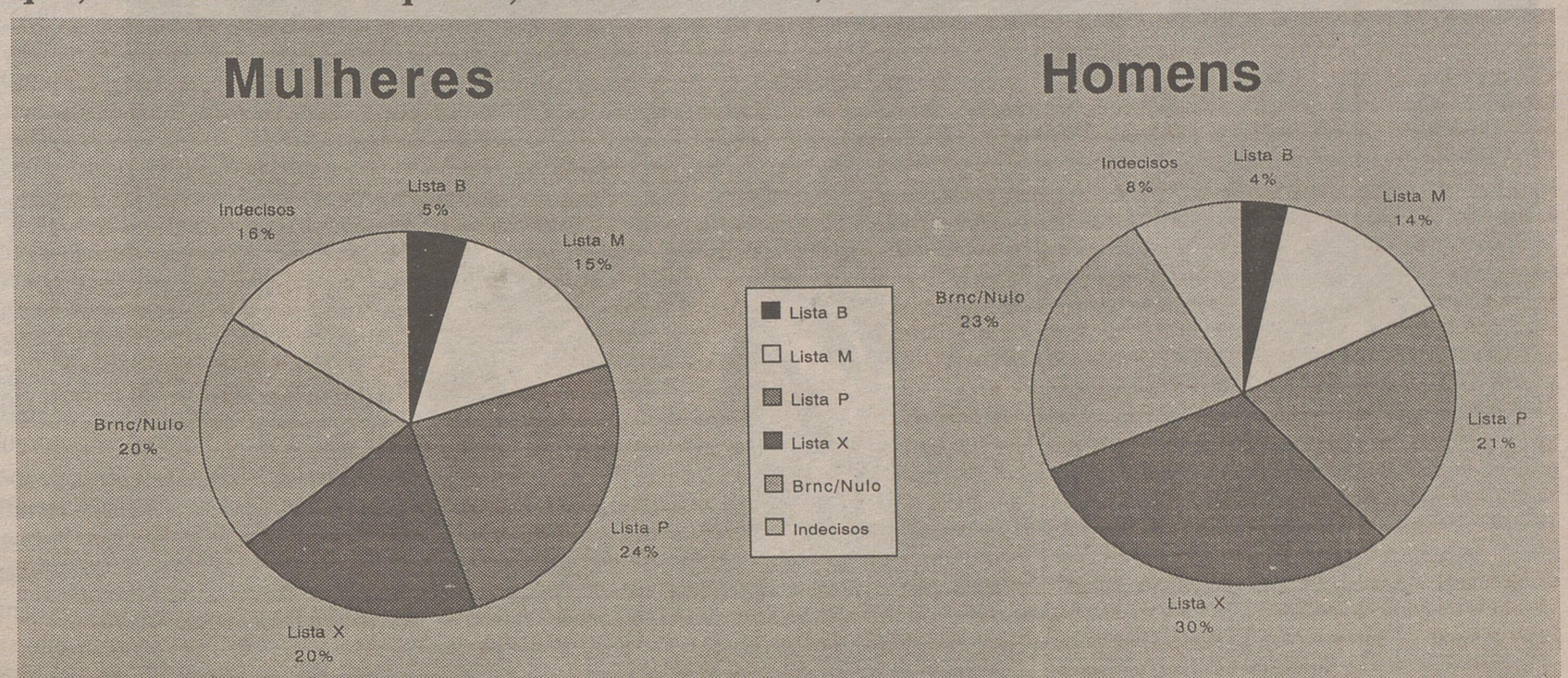
Ficha Técnica

Este inquérito foi realizado no dia 6/3/97, entre a 10 e as 15h, em faculdades e cantinas da UC. Foram inquiridas 800 pessoas, escolhidas aleatoriamente entre os sócios da AAC. A distribuição das amostras foi ponderada à priori, com base em dados da SGUC. Os resultados foram depois comparados com os dados de eleições anteriores. A responsabilidade desta sondagem é do jornal "A Cabra" e do departamento de informação da RUC.

Mulheres preferem Gilberto

Estes gráficos tinham uma maior importância nos últimos dois anos, quando havia uma mulher a concorrer contra homens. No entanto é este ano que há uma maior discrepância entre os votos das mulheres e dos homens. Por razões que escapam aos repórteres de "A Cabra", os homens demonstram uma forte preferência pela lista X. Tanto que, em resultados líquidos, a lista de Tó Silva obtém 43,5%, enquanto todos as outras têm resultados inferiores aos totais.

Já entre as mulheres, Tó Silva tem pouca saída, ficando–se pelos 30%. Aqui, a lista P sobe aos 38,3% e a M aos 24%. São também as mulheres que demonstram maior indecisão (15,8%), para além de serem as maiores adeptas do cão, que entre elas chega aos 7,5%.



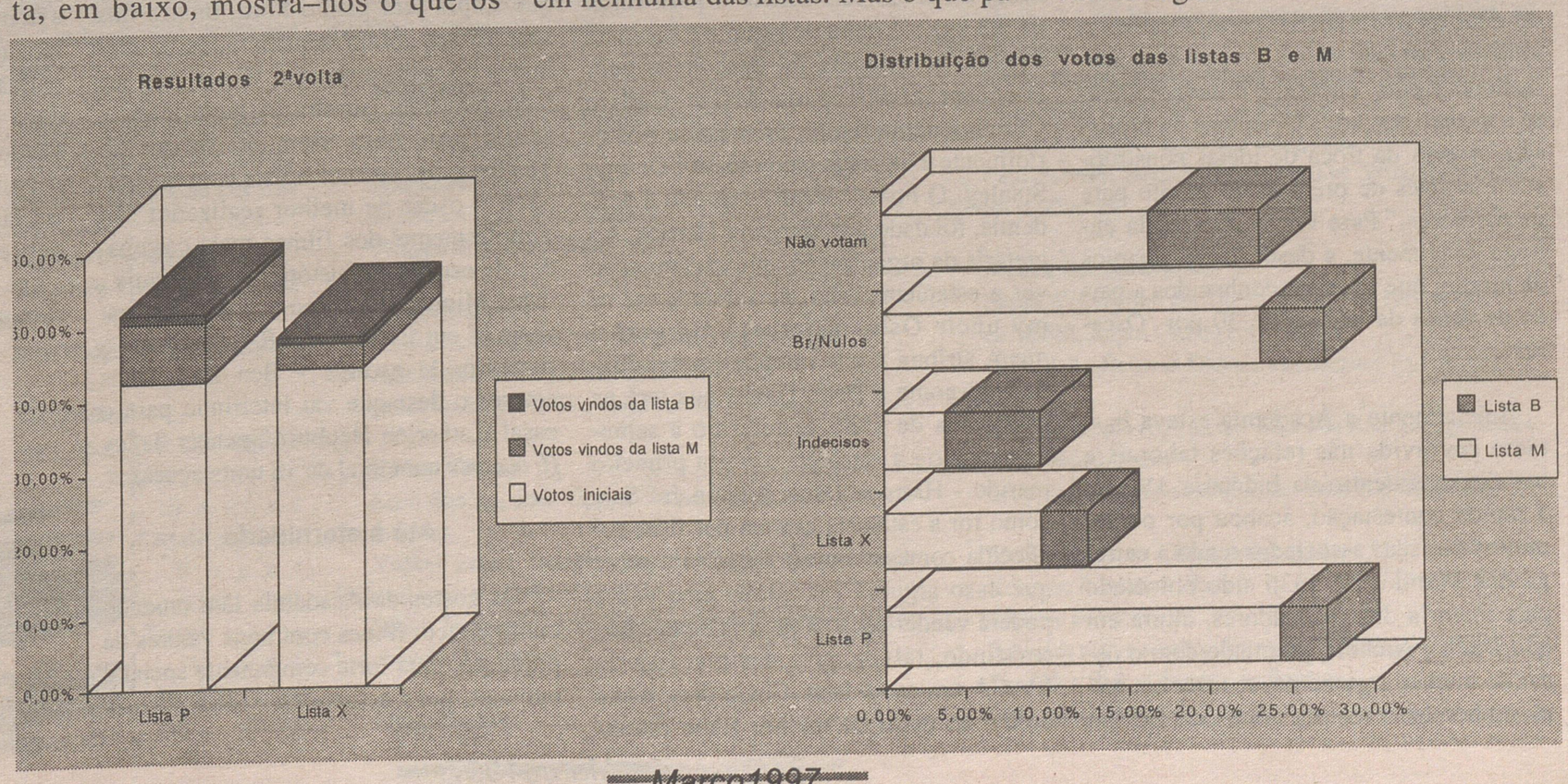
Segunda Volta

Lista P com ligeira vantagem

Se os resultados da sondagem RUC/"A Cabra" se confirmarem, a lista X e a lista P partirão para a segunda volta com a mesma base de votos. Por isso, e como não é habitual as pessoas mudarem a sua orientação de voto entre as duas voltas nem os abstencionistas passarem a votar, a decisão destas eleições está nos eleitores das listas preteridas, B e M. "A Cabra" foi–lhes perguntar o que farão na segunda volta. O gráfico da direita, em baixo, mostra–nos o que os eleitores das duas listas pretendem fazer nos dias 18 e 19 de Março.

Na lista B, que é sobretudo uma lista de protesto, quase metade afirmam não ir votar ou votar em branco ou nulo na segunda volta. De resto, há um grande número de indecisos. Nos que já escolheram o seu eleito para dias 18 e 19, metade decide–se pela lista X e a outra pela lista P.

Na lista M, há muito menos indecisos. Muitos preferem não ir votar em nenhuma das listas. Mas o que parece ir ser decisivo nestas eleições, é a fortíssima inclinação dos eleitores da M para votarem P na segunda volta, em detrimento da lista X. É graças a este resultado entre os seguidores de Tiago Maranhão que Gilberto Pires, segundo a nossa sondagem, ganharia as eleições com 51,6%, contra 48,4% de António Silva. No gráfico da esquerda, em baixo, pode–se verificar como é graças à transferência de votos da lista M para a P que esta está em vantagem.



And the Oscar goes to ...

Organização

António Lérias & Nuno Curado



"...o filme dos 11 oscares - Ben-Hur"

Aurora

A constituição da Academia das Artes e Ciências Cinematográficas foi discutida pela primeira vez no princípio de Janeiro de 1927, num jantar organizado pelo Director de Produção da M.G.M., Louis B. Mayer. A 11 desse mês teve lugar um encontro no Ambassador Hotel em Los Angeles, altura em que se oficializava a constituição da Academia. Entre os fundadores estava Louis B. Mayer, Mary Pickford, Douglas Fairbanks, Frank Lloyd, Joseph M. Schenck, Fred Niblo e Cedric Gibbons.

A Academia foi formada como escudo e lobby da Indústria, para promover a unidade entre os vários grupos de trabalhadores e para 'encorajar o melhoramento e avanço das artes e ciências da profissão, através da troca de ideias construtivas e através de prémios de mérito para os melhores.' Para isso a Academia entrega anualmente, e desde 1929, prémios de mérito, que ficariam conhecidos a partir de finais da década de 30 por 'Oscares'.

Inicialmente a Academia estava bastante envolvida nas relações laborais e nas disputas dentro da Indústria. Devido à rápida contestação, acabou por perder muitos dos seus associados tendo a entrega dos Prémios de 1936 sido boicotado pela maioria dos realizadores, altura em que Dudley Nichols, premiado com o oscar de melhor argumento, se tornou o primeiro homem a recusar um oscar. No ano seguinte a Academia retirou-se das actividades laborais, assim como das económicas ou políticas.

Apesar de todas as actividades que mantém ligadas ao Cinema, como ensino e conservação de filmes, é mundialmente conhecida pela festa de gala que é a Noite dos Oscares.

O meu tio da América

A estatueta, hoje conhecida como Oscar, que nunca mudou (tirando o peso da base) mede 25 centímetros e pesa cerca de 3,8 kgs. . É feita de metal e é banhada a ouro. A estatueta foi desenhada pelo Director artístico da MGM Cedric Gibbons numa toalha de mesa, e posteriormente executada pelo escultor George Stanley. O nome 'oscar', segundo a academia, foi dado por Margaret Herrick, secretária da organização, que exclamou ao ver a estatueta 'Why, he reminds me of my uncle Oscar (Pierce)'. Há porém quem atribua a paternidade (maternidade!) do nome a Bette Davis, que terá na cerimónia de 1935 se referido à semelhança entre a estatueta e o seu primeiro marido - Harmon Oscar Nelson Jr.. Seja como for a estatueta acabou por ficar conhecida comesse nome. Fique já a saber que caso alguma vez ganhe uma não a poderá vender senão à própria Academia, residindo, talvez, aí o desinteresse do IPACA em candidatar 'Cinco dias, cinco noites' ao oscar de melhor filme estrangeiro.

GUERRA DAS ESTRELAS

De entre os contemplados pela Academia há alguns nomes que realçam pela sua repetição. Tal é o caso de Frank Capra, vencedores de três estatuetas de melhor realizador, tendo sido o primeiro cineasta a atingir esse feito, para além do seu filme 'It happened one night/Aconteceu uma noite' ter sido o primeiro filme a ganhar os cinco principais óscares (filme, realizador, actores e argumento). Mais do que Capra terá ganho Ford, quatro dos seus filmes foram considerados os melhores do respectivo ano. Wyler, por seu lado, tem uma carreira bastante interessante, pois para além do Irving G. Thalberg, os 'únicos' filmes com que ganhou o oscar de melhor realizador são 'simplesmente' dos filmes mais carregados de oscares da história da Academia , 'Mrs. Miniver' só levou 6, mas 'The best years of our lives' já tem 8, e depois há o filme dos 11 oscares - 'Ben–Hur'. Pelos actores o destaque vai inteirinho para o casal Katherine Hepburn/Spencer Tracy (6 oscares num total de 18 nomeações).

Até à eternidade

Os gostos da Academia têm mudado muito pouco: filmes com bons valores de produção, uma forte componente social e humana, boas actuações e uma postura politicamente correcta. De preferência épicos ou dramas familiares. Mas, longe vai o tempo em que os gostos da Academia rimavam com os gostos do público, eram os tempos em que 'E tudo o vento levou' ou 'O Padrinho' batiam recordes de bilheteira. E será este o dado mais interessante a retirar da análise dos candidatos deste ano, até porque me parece ser de algo modo um problema mais estrutural do que meramente relativo a este ano. A verdade é que nos tempos recentes os grandes êxitos têm sido o cinema de grande espectáculo, carregado de efeitos–especiais até à medula. Histórias banais com 'novas' imagens. Ao passar ao lado de filmes como 'Missão impossível' 'Tornado' ou 'O dia da independência' a Academia está não só a desenhar a sua linha recta de actuação, como está a isolar os gostos do público de um determinado cinema de qualidade, que de certa maneira identificamos com a Academia.

Será então uma boa altura para repensar a importância da Academia enquanto objecto motivador/barreira da inovação artística da Indústria, principalmente num ano em que as nomeações se me afiguram ter sido bastante felizes. Concluindo a solidez dinossáurica da Academia, que poderá ser constrangedora em períodos de forte afirmação e inovação artística, poderá ser bastante mais importante em fases mais pobres como a que hoje vivemos.

A.L.

Uma noite aconteceu

Na noite de 24 de Março, as estrelas começarem a chegar ao Dorothy Chandler Pavilion no County Music Center em Los Angeles, os cerca de 5000 membros já terão escolhido, através de voto secreto, os felizardos vencedores que verão a sua cotação subir em flecha.

E enquanto não se começam a abrir os envelopes sagrados fica em baixo a lista de nomeados, que é elaborada por membros de 13 áreas da Indústria Cinematográfica - actores, administradores, directores artísticos, directores de fotografia, realizadores, executivos, editores, compositores, produtores, relações públicas, directores de curtas–metragens, técnicos de som e argumentistas.

Melhor Filme:
Shine (Produtor: Jane Scott)
Fargo (Produtor: Ethan Coen)
The English Patient (Produtor: Saul Zaentz)
Jerry Maguire (Produtores: James L. Brooks, Laurence Mark, Richard Sakai(Produtor: Cameron Crowe)
Secrets & Lies(Produtor: Simon Channing-Williams)

Melhor Actor:
Tom Cruise em Jerry Maguire
Ralph Fiennes em The English Patient
Woody Harrelson em The People vs. Larry Flynt
Geoffrey Rush em Shine
Billy Bob Thornton em Sling Blade

Melhor Actriz:
Brenda Blethyn em Secrets & Lies
Diane Keaton em Marvin's Room
Frances McDormand em Fargo
Kristin Scott Thomas em The English Patient
Emily Watson em Breaking the Waves

Melhor Actor Secundário:
Cuba Gooding Jr. em Jerry Maguire
William H. Macy em Fargo
Armin Mueller-Stahl em Shine
Edward Norton em Primal Fear
James Woods em Ghosts of Mississippi

Melhor Actriz Secundária:
Joan Allen em The Crucible
Lauren Bacall em The Mirror Has Two Faces
Juliette Binoche em The English Patient
Barbara Hershey em The Portrait of a Lady
Marianne Jean-Baptiste em Secrets & Lies

Melhor Realizador:
Joel Coen em Fargo
Milos Forman em The People vs. Larry Flynt
Scott Hicks em Shine
Mike Leigh em Secrets & Lies
Anthony Minghella em The English Patient

Melhor Guião Original:
Ethan Coen, Joel Coen por Fargo
Cameron Crowe por Jerry Maguire
John Sayles por Lone Star
Mike Leigh por Secrets & Lies
Jan Sardi, Scott Hicks por Shine

Melhor Guião Adaptado:
Arthur Miller por The Crucible
Anthony Minghella por The English Patient
Kenneth Branagh por Hamlet
Billy Bob Thornton por Sling Blade
John Hodge por Trainspotting

Fotografia:
John Seale por The English Patient
Darius Khondji por Evita
Roger Deakins por Fargo
Caleb Deschanel por Fly Away Home
Chris Menges por Michael Collins

Direcção Artistica-Cenografia:
Robert W. Welch; Cheryl Carasik por The Birdcage
Stuart Craig; Stephenie McMillan por The English Patient
Brian Morris; Philippe Turlure por Evita
Tim Harvey por Hamlet
Catherine Martin; Brigitte Broch for William Shakespeare's Romeo & Juliet

Guarda Roupa:
Paul Brown em Angels and Insects
Ruth Myers em Emma
Ann Roth em The English Patient
Alexandra Byrne em Hamlet
Janet Patterson em The Portrait of a Lady

Som:
Walter Murch, Mark Berger, David Parker, Christopher Newman em The English Patient
Andy Nelson, Anna Behlmer, Ken Weston em Evita
Chris Carpenter, Bill W. Benton, Bob Beemer, Jeff Wexler em Independence Day
Kevin O'Connell, Greg P. Russell, Keith A. Wester em The Rock
Steve Maslow, Gregg Landaker, Kevin O'Connell, Geoffrey Patterson em Twister


Julliette Binoche em The English Patient

Montagem:
Walter Murch em The English Patient
Gerry Hambling em Evita
Roderick Jaynes em Fargo
Joe Hutshing em Jerry Maguire
Philippa Karmel em Shine

Efeitos Sonoros:
Richard L. Anderson, Dave Whittaker em Daylight
Alan Robert Murray, Bub Asman em Eraser
Bruce Stambler em The Ghost and the Darkness

Efeitos Visuais:
Scott Squires, Phil Tippett, James Straus, Kit West em Dragonheart
Volker Engel, Douglas Smith, Clay Pinney, Joseph Viskocil em Independence Day
Stefen Fangmeier, John Frazier, Habib Zargarpor, Henry L. Labounta em Twister

Maquilhagem:
Matthew W. Mungle, Deborah La Mia em Ghosts of Mississippi
Rick Baker, David LeRoy Anderson em The Nutty Professor
Michael Westmore, Scott Wheeler, Jake Garber em Star Trek: First Contact

Melhor Canção:
"Because You Loved Me" (Up Close and Personal), Dianne Warren
"For the First Time" (One Fine Day), James Newton Howard, Jud Friedman, Allan Rich
"I've Finally Found Someone" (The Mirror Has Two Faces), Barbra Streisand, Marvin Hamlisch, Robert John Lange, Bryan Adams
"That Thing You Do!" (That Thing You Do!), Adam Schlesinger
"You Must Love Me" (Evita), Music: Andrew Lloyd Webber; Lyrics: Tim Rice

Melhor Banda-sonora de Musical ou Comédia:
Rachel Portman em Emma
Marc Shaiman em The First Wives Club
Alan Menken, Stephen Schwartz em The Hunchback of Notre Dame
Randy Newman em James and the Giant Peach
Hans Zimmer em The Preacher's Wife

Melhor Banda-sonora de filme dramático:
Gabriel Yared em The English Patient
Patrick Doyle em Hamlet
Elliot Goldenthal em Michael Collins
David Hirschfelder em Shine
John Williams em Sleepers

Melhor Curta Metragem de Animação:
Timothy Hittle em Canhead
Richard Condie em La Salla
Tyron Montgomery, Thomas Stellmach em Quest
Peter Lord em Wat's Pig

Melhor Curta-Metragem:
Antonio Urrutia em De tripas, corazon
David Frankel, Barry Jossen em Dear Diary
Kim Magnusson, Anders Thomas Jensen em Ernst & Lyset
Juan Carlos Fresnadillo em Esposados
Barnadette Carranza, Antonello De Leo em Wordless

Melhor documentário de curta duração:
Jessica Yu em Breathing Lessons: The Life and Work of Mark O'Brien
Jeffrey Marvin, Bayley Silleck em Cosmic Voyage
Perry Wolff em An Essay on Matisse
Susanne Simpson, Ben Burtt em Special Effects
Paul Seydor, Nick Redman em The Wild Bunch: An Album in Montage

Melhor documentário:
Susan W. Dreyfoos em The Line King: Al Hirschfeld
Jo Menell, Angus Gibson em Mandela
Anne Belle, Deborah Dickson em Suzanne Farrell: Elusive Muse
Rick Goldsmith em Tell the Truth and Run: George Seldes and the American Press
Leon Gast, David Sonenberg em When We Were Kings

Melhor Filme de Língua estrangeira:
Kolya da República Checa
Ridicule de França
Les mille et une recettes du cuisinier amoureux da Georgia
The Other Side of Sunday da Noruega
Kavkazsky Plennik da Russia

A Voragem da Dor

Publicada pela Assírio e Alvim, "Carícias Distantes" é uma biografia intimista e polémica sobre a vida e obra de Ian Curtis. Foi escrita pela sua mulher e provocou reacções negativas nalguns membros do grupo, que preferiam que não se mexesse mais no assunto.

Alguém disse que as histórias são todas iguais, o que varia é a forma como são contadas. Todas as vidas podem ser vistas numa perspectiva dramática, mas a maioria das pessoas preferem viver na leveza um pouco indiferente do momento. Os artistas, esses, escolhem a perturbação e o sofrimento como fontes de criação, hiper–dramatizando a vida e expondo-a espectacularmente. Ian Curtis é um dos casos em que essa perturbação é levada ao limite, daí a beleza e a irresistível força da sua poesia, expressa com a ajuda do som cru e violento de uma das maiores bandas punk de todos os tempos: os Joy Division. Ainda hoje esta permanece com uma das grandes bandas de culto da história do rock e a figura de Curtis carrega consigo a auréola do artista maldito, do suicida, mais um herói romântico do rock, uma dessas figuras tutelares do nosso tempo, como disse Rui Zink.

Esta biografia, escrita pela mulher de Ian, Deborah Curtis, contribui para desfazer um pouco essa imagem mediática do autor e para colocar as coisas num plano muito mais complexo. Em "Carícias Distantes" (nome tirado de uma canção dos Joy, "touching from a distance, further all the time...") percebem–se as clivagens entre o homem e o artista, este último envolto num universo poético que exprime as fraquezas e as contradições do primeiro. As palavras do escritor Charles Bukowski no romance "Mulheres" não poderiam ser melhor aplicadas a Ian: "A minha arte é o meu medo. É dele que eu a extraio."

A arte de Ian Curtis foi o medo, uma descrição implacável de solidão "destes dias" como ele tão bem enfatizou na desesperada "These Days". O livro deixa–nos perplexos, porque é escrito por alguém que conhecia muitíssimo bem a pessoa e não a estrela e por isso tem dificuldadde em caracterizá–la de forma unívoca. Assim podemos perceber Ian como um tipo inteligente, auto–destrutivo, carismático, decidido a morrer cedo, excêntrico, afectuoso, sensível, generoso, idolatrador, implacável, cruel, dominador, medroso, inseguro, racista, ciumento, egocêntrico, enfim, um tipo que parece ter várias personalidades. Também é certo que a melhor maneira de mentir é escrever biografias, como disse Freud. Mas, apesar de serem sempre distorsivas, são referências necessárias para a compreensão da obra dos que nelas são focados.

"Carícias Distantes" começa por referir–se brevemente à infância de Ian nascido em Manchester no dia 15 de Julho de 1956. O autor é–nos descrito como um artista precoce, explorando as suas preferências de uma maneira criativa. A sua primeira banda - onde tocava o baixo - teve uma carreira tão fugaz que ninguém parece lembrar–se do nome. Os primeiros heróis da música e do cinema são artistas como David Bowie, Jim Morrison e James Dean, dos quais apropriou uma certa exuberância e a mesma vontade de viver depressa, em grande estilo. No entanto, a escrita de Curtis nunca apresentará o arrojado simbolismo lírico de um Jim Morisson. Nela se respira a crueza sufocante e desumana dos subúrbios das grandes cidades industriais inglesas, como Manchester.

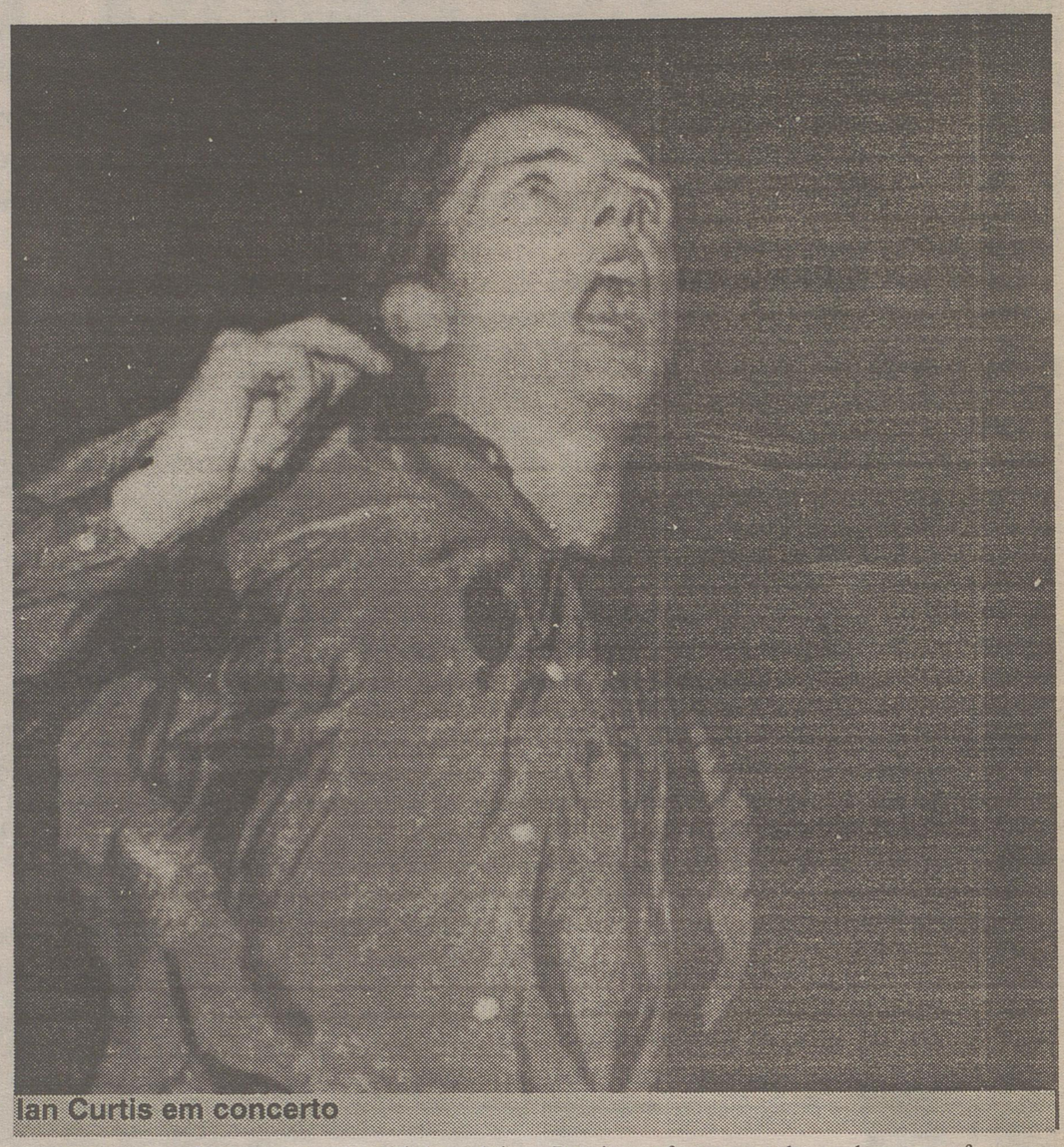
Rapidamente os excessos de Ian deram nas vistas: ele e os amigos tomavam todo o tipo de comprimidos que conseguissem arranjar, algumas vezes visitando pensionistas que lhes achavam piada e, sorrateiramente, roubando comprimidos destinados ao tratamento da esquizofrenia e outras doenças mentais. Os efeitos secundários eram violentos mas Ian parecia gostar de inflingir dor a si próprio e, muitas vezes, exibi–la perante os amigos. Tony Nuttell recorda uma dessas situações, num dia em que Ian tomou comprimidos que aumentavam o nível de ansiedade: "Ele estava com aquele olhar vago que às vezes tinha. Era um olhar especial, perdido pálido. Foi talvez a primeira vez em que eu lhe vi aquela expressão."

A paixão de Ian era a música. Desde muito cedo, cultivou um gosto meio eclético com os amigos, fazendo planos em dedicar–se totalmente à música. Tinha um fascínio pelo drama e pelo efeito que a teatralidade podia ter nas pessoas. Começou a namorar com Deborah nos fins de 72, vindo a casar em 75. Entretanto, Ian mudou–se com os pais para os subúrbios de Manchester, deixou a escola (juntamente com Deborah) e começou a trabalhar. O namoro foi marcado pelas inúmeras histórias dos ciúmes maníacos de Ian, que tentava evitar qualquer contacto de Deborah com outros homens, tratando-a quase como uma propriedade. Apesar das rupturas eminentes, Deborah, sentia–se atraída pelo carácter diferente de Ian, estranho às suas origens de classe média. O casamento foi mesmo para a frente e de uma forma bastante convencional, pela Igreja, com a habitual pompa e circunstância. Acerca do significado da ocasião para Ian, é certo que ele comentou com os amigos que "o casamento era secundário em relação ao que nós iríamos levar vestido naquele dia".

Em Julho de 76 o Sex Pistols tocaram em Manchester e deixaram Ian extasiado com o poder selvagem que demonstravam em palco. De acordo com Deborah "foi a confirmação de que havia algo mais para ele do que uma carreira no funcionalismo público".

Ver Iggy Pop pouco tempo depois reforçou essa ideia. A génese dos Joy Division está no facto de Peter Hook, Bernard Summer e Terry Mason, velhos amigos, terem decidido formar uma banda punk para a qual procuravam vocalista. Apareceram vários tipos estranhos, mas foi Ian o escolhido, graças aos vagos conhecimentos que tinha com Bernard Summer, ambos frequentadores da cena dos concertos em Manchester.

Em 29 de maio de 77 os Warsaw, primeiro nome da banda, retirado de um álbum de David Bowie, tocaram em público pela primeira vez. 1977 foi talvez o ano de ouro do punk, Manchester fervilhava de actividade, com muitas bandas a despontarem. Daí que no início os Warsaw, ainda em fase de aprendizagem e com uma formação instável, não dessem muito nas vistas. Mas este período esteve na origem do que viria a marcar a diferença: o intenso trabalho poético de Ian. Tinha arranjado um pequeno quarto triangular destinado à composição poética. Foi neste quarto minimalmente decorado de azul que Ian compôs o seu trabalho, como refere Deborah: "A maior parte das noites, Ian ia para o quarto azul, fechava a porta e escrevia,



Ian Curtis em concerto

sendo interrompido apenas pelas minhas chávenas de café entregues entre núvens de fumo de Marlboro". Entretanto, Ian arranjava um novo emprego como assistente social para a reintegração de deficientes, causa à qual ele se entregou com afinco. A nível artístico mostrava–se bem diferente, espantando os outros membros da banda. Para Peter Hook, a personalidade de Ian "era o contraste de ser simpático e educado, e depois totalmente maníaco em palco.Uma vez, num espectáculo em Rafters, espatifou o palco todo, arrancou tacos de madeira cheios de pregos e atirou–os ao público. Depois partiu uma caneca de cerveja e esfregou–se em cima dos cacos fazendo um golpe enorme na coxa."

A banda começou a ganhar alguma notoriedade e, no início de 1978, mudava de nome para "Joy Division", porque já havia uma banda de cantores chamada Warsaw Pakt. As "Joy Division" eram o grupo de prisioneiras que os nazis mantinham vivas e obrigadas a prostituirem–se para eles. Referência sádica que nada agradou a Deborah, um nome aparentemente anódino, que passou despercebido à maioria as pessoas. Mas era conhecido o gosto de Ian pelas indumentárias nazis, confirmado na capa do primeiro LP "An ideal for a living", em que se vê um membro da juventude hitleriana a tocar um tambor e um soldado alemão apontando uma arma a um rapazito de braços no ar. A provocação era a génese da onda punk e as bandas tentavam chamar a atenção das mais estranhas maneiras, talvez estes gostos de Ian não fossem mais do que uma mera provocação por parte de alguém que sempre tinha procurado deliberadamente o protagonismo e a fama.

Em 1979 nasce a única filha do casal, Natalie, e surge a epilepsia em Ian, o que redobrou as suas fobias. Deborah notou que ele "ficou mais introvertido, susceptível e relutante em discutir qualquer coisa para além do mais trivial e necessário. As suas actuações convulsivas assemelhavam–se aos seus ataques e espelhavam a perturbação que a imprensa tanto explorou. O nascimento da filha marcou mais um trauma, já que Ian tinha medo de pegar nela, pois podia ter um ataque. Por isso afastou–se de qualquer tarefa paternal deixando os cuidados a cargo da mãe.

Curiosos, mas não inesperados, eram os gostos literários de Ian. Entre Nietzsche, Sartre e Herman Hesse, encontrava–se o agora famoso "Crash" de J. G. Ballard. Passava o tempo livre centrado no sofrimento humano, tanto físico como mental, e fazia-o de forma obsessiva. Os ataques epilépticos sucediam–se com idas ao hospital, consultas de psiquiatria e medicação intensiva, mas Ian não abrandava de ritmo, pelo contrário, era cada vez mais a sua personagem em palco, o vocalista atormentado, que ele cultivava. Iniciou uma relação amorosa com Annik Honoré que o viria a dividir sentimentalmente e a estilhaçar o seu casamento.

A banda fez uma pequena tourné europeia e era cada vez mais popular, os fãs vestiam–se à anos 40, incorporando a "Depressão". Em maio de 85 gravaram o último álbum -"Closer"- e no dia 2 de Maio realizaram o seu último concerto em Birmingham. Antes de partirem em tourné para a América, Ian não mostrou sinais depressivos, pelo contrário, falou com Peter Hook sobre a tournée que se avizinhava de forma entusiástica. Inesperadamente, nas vésperas da tournée, Ian suicidou–se, enforcando–se com a corda da roupa na cozinha de sua casa. O disco "The Idiot" de Iggy Pop ainda rodava quando Deborah o encontrou ajoelhado na cozinha. Deixou–lhe uma carta íntima e confusa em que se dizia dividido entre o amor pela mulher e o amor por Annik. O seu corpo foi cremado em 23 de Maio. O álbum "Closer", lançado a título póstumo, é talvez o melhor álbum da banda. Temas como "Isolation" ou "A means to an end" espelhavam a alma de um suicida e quem tivesse ouvido as canções poderia prever o desfecho da história, tal como no caso de Kurt Cobain e o álbum "In Utero". De salientar que foi igualmente lançada uma antologia poética em que se incluem todas as canções e alguns textos inéditos de Ian, complementando esta biografia.

Paulo Jorge Barbosa

Nicholas Gunn
"Crossroads"



Nem eu, que estou longe de ser grande fã da Real Music, poupei elogios ao anterior registo de Nicholas Gunn*. "The music of the Grand Canyon", colocou-o mesmo no pódio na nova geração New Age Americana e "Crossroads" teria apenas de o confirmar.

O problema é que com uma capa nada abonatória de bom gosto, "Crossroads" provoca o primeiro dos contrastes com o trabalho anterior e não satisfeito, guarda ainda para a contracapa uma verdadeira preciosidade - "this album is dedicated to my wife Cheryl who has shown me a way to be free. My love, my life, my partner".... Respeitando o momento solene que deve ter sido a descoberta do "way to be free" do senhor e já depois de ter reconfirmado tratar–se mesmo de um álbum de Nicholas Gunn, estava pronto para tudo.

Flautista de selecção, multi–instrumentista e outrora génio, em "Crossroads", Gunn denotou uma falta de brilhantismo e criatividade que era muito pouco expectável. Perdendo grande parte da envolvência das suas texturas e ficando longe da intencionalidade tribal e mágica de outros tempos, Gunn torna–se, desta forma, um anémico e simples criador de baladas. E duvido que mesmo as sagradas escrituras consigam explicar como terá sido possível uma mulher ter influenciado tanto os "caminhos do senhor"?!?...

Death In June
"Kapo!"



Ora Crowlianos - ora Nacionalistas, os Death In June depressa se tornaram uma instituição capaz de congregar centenas de seguidores. Tal idolatração, em quinze anos de carreira, privou mesmo Douglas P. de grandes mutações no projecto, acabando as mesmas, invariavelmente, sob a capa de nomes que não Death In June. Com base nesta coerência o projecto viu–se forçado, no ano transacto, a uma bifurcação Death In June / Death In June Presents. A nova linha "Presents", que teve como estreia "Occidental Martyr", foi conotada de ressurreição militarista, e na verdade as letras (não raras vezes sem qualquer apoio instrumental) acabaram monocordicamente a relatar imagens da guerra Jugosláva.

Agora com Richard Leviathan dos Strength Through Joy, "Kapo!"*, o segundo "Presents", ganha uma projecção Boyd Rice & Friends, mas não se afasta em muito do anterior registo. Devaneios como: "...a hero turned traitor a traitor turned hero. The assassin turned saint, our patron saint of murder...(A rat and the euchamist)" ou "...don´t look to god, he's turned away, savaged by the smell, of the first of seven days...(Lullaby to a ghetto)" continuam sem destinatário definido ou, pelo menos, não o têm primariamente definido (...pois é sabida a tendência pró–Croata de Douglas). Mas o que realmente importa é que a dor e o luto ficaram já muito perto da magnitude da primeira, linha Death In June, e que a divisão singrou num altamente recomendável "Kapo!" - "...My hands, my hounds and nothing else, I smell traitor, time the divider...(Only europa knows)".

** O último dos 13 CD's oficiais - "Burial", "93 dead sunwheels", "The corn years", "The wall of sacrifice", "The guilty have no past", "Nada!", "Cathedral of tears", "Ostenbraun", "but, what ends when the symbols shatter", "Something is coming", "Rose clouds of holocaust", "Occidental martyr", "Kapo!" - não contando com os singles, é claro.*

Tyske Ludder
"Creutzfeldt"



Sinto–me particularmente à vontade a criticar os Tyske Ludder. Primeiro porque acompanho o projecto desde o início e sempre o considerei um dos melhores, se não o melhor, da alemã KM–Music. Segundo porque admiro a "teimosia" de Albert X em não se "vender" à língua inglesa (como a quase totalidade dos projectos da editora). E por último porque um crítico é sempre "cagão" para falar seja de quem for*!

Prossigamos. No ano transacto não tive oportunidade de estar tão a par, como seria desejado, das edições da KM–Music. A editora, quer através de si, quer através da subsidiária Sounds Of Delight, conta com algumas das mais interessantes bandas (alemãs) do momento. Nomes como Dreadful Shadows, Head On Fire ou From Laughter To Tears, fizeram da cidade de Gutersloh** uma referência. Mas, hoje, importa falar dos Tyske Ludder.

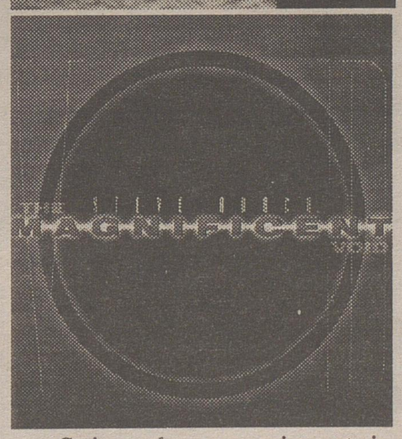
Com três anos de existência, o projecto inicia–se com "Bombt die Morder?". Um ano depois, em 95, "Dalmarnock" transforma–se num dos álbuns do ano e seria pouco previsível que "Creutzfeldt" preterisse as suas vertentes electrónicas Crossover. Mas foi isso mesmo que aconteceu. A aferição tornou–se mais Pop e Albert X vê–se agora acompanhado por digitalizações menos coadunantes com o prestígio da sua cólera, chegando mesmo a perigar a alta recomendabilidade a que os Tyske Ludder pareciam vetados...

** E são momentos lúdicos de auto–sublimação como este que nos tornam idóneos.*

*** Cidade sede da KM–Music.*

Steve Roach
"The magnificent void"
Roach/Kent/Newby
"The halcyon days"





Seja pelas experimentais combinações World, pela sugativa Space, ou só mesmo pela sua tendência New Age, quanto mais conheço da Hearts Of Space mais convencido fico que o futuro terá, forçosamente, de passar por aqui.

Divididos entre catálogos da Hearts Of Space e da subsidiária Fathom, a permanente capacidade de Robert Rich e o saber (e)star de Steve Roach fizeram da Space Music a mais viável de todas as vertentes New Age. Mas, em 96, Roach conseguiu ir mais longe ao criar a Space Tribal que fora expectável nos Suspended Memories*. É certo, que "Halcyon days" está longe de ser um simplístico mérito individual e, se o fosse, seria bem mais justo indexa–lo a Kent pelas magníficas texturas criadas nos seus movimentos de didgeridoo**. Só que, é igualmente certo que as "digitalizações" de Roach acabam, também elas, por conseguir um lugar na exuberância instrumental de Kenneth Newby e Stephen Kent e a metamorfose, conseguida às pouco electrónicas tendências dos mentores dos "Trance Mission", só poderá ser valia de Steve Roach.

Baseado numa antiga lenda onde os deuses acalmavam os temporais do inferno para que o "alcião" largasse os seus ovos durante os sete dias que antecediam e precediam a noite mais longa do ano, "Halcyon days" mostra–nos uma dimensão que, se não ultrapassa, pelo menos, iguala em tudo o misticismo Tribal da sublimação voodoo.

Quanto a "the magnificent void", o outro registo de Roach em 96, trata–se de mais um altamente recomendável fascículo da enciclopédia Space Music que a Hearts Of Space persiste em realizar. O ambiente "futurologista" mostra–se cauteloso e as texturas, fruto da própria maturidade que começa a existir na divisão New Age, exibem agora contornos mais cristalinos. Os espaçamentos, as ressonâncias, o encadeamento, tudo. Tudo faz de "the magnificent void" o álbum que Conrad Schnitzler deve ter sonhado realizar. Mas os louros continuam no obrigatório "Halcyon days". É que só me lembro de um álbum ao seu nível e por acaso, Kent também participava nesse "Somewhere" dos Lights In A Fat City. Por acaso, claro.

** Projecto que junta Steve Roach, Suso Saiz e Jorge Reyes.*

*** Instrumento usado pelos aborígenes australianos que é feito do limbo de eucalipto.*

Colectânea
"Touch, Sampler"

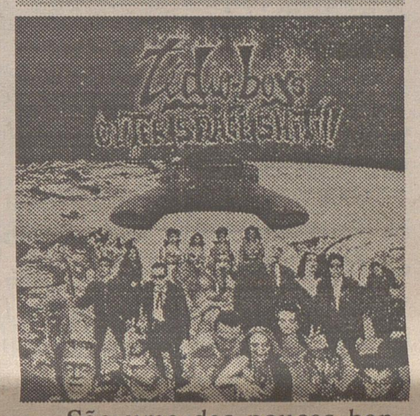


A resistibilidade adaptativa é uma conversão sonora de frequências e comunicações manipuladas. O ruído... é pura anti–matéria. O Noise... uma aferição exuberante da dimensão cyborg. A criação é por isso efémera e a alma, encadeada por sublimações "futurologísticas" espaciais, passou a um mero zumbido monocórdico.

Teimando em arquitectar cada uma das suas edições como se de uma peça de colecção se tratasse, a britânica Touch lança a segunda "Sampler". A exemplo do que aconteceu com a primeira compilação, T_zero 2 mostra–se de novo um exercício experimental dirigido por elites como: Ryoji Ikeda, Philip Jeck (ex–Slant e "acompanhante" esporádico de Blixa nos Einsturzende Neubauten), Richard Kirk (ex–Cabaret Voltaire e actual Sandoz), John Duncan, Mother Tongue ou Disinformation.

Em "Sampler", todos os letreiros mentem e a teoria do caos ganha falsos adeptos - numa linha ténue que (ainda) separa a criação do nada absoluto. As incisões criativas, as metamorfoses minimalistas ou a essência ca(o)suística, tudo. Tudo parece desprovido de lógica. Tudo se torna irresistível. E tudo fica como dantes...

Tédio–Boys
"Outer Space Shit!!!"



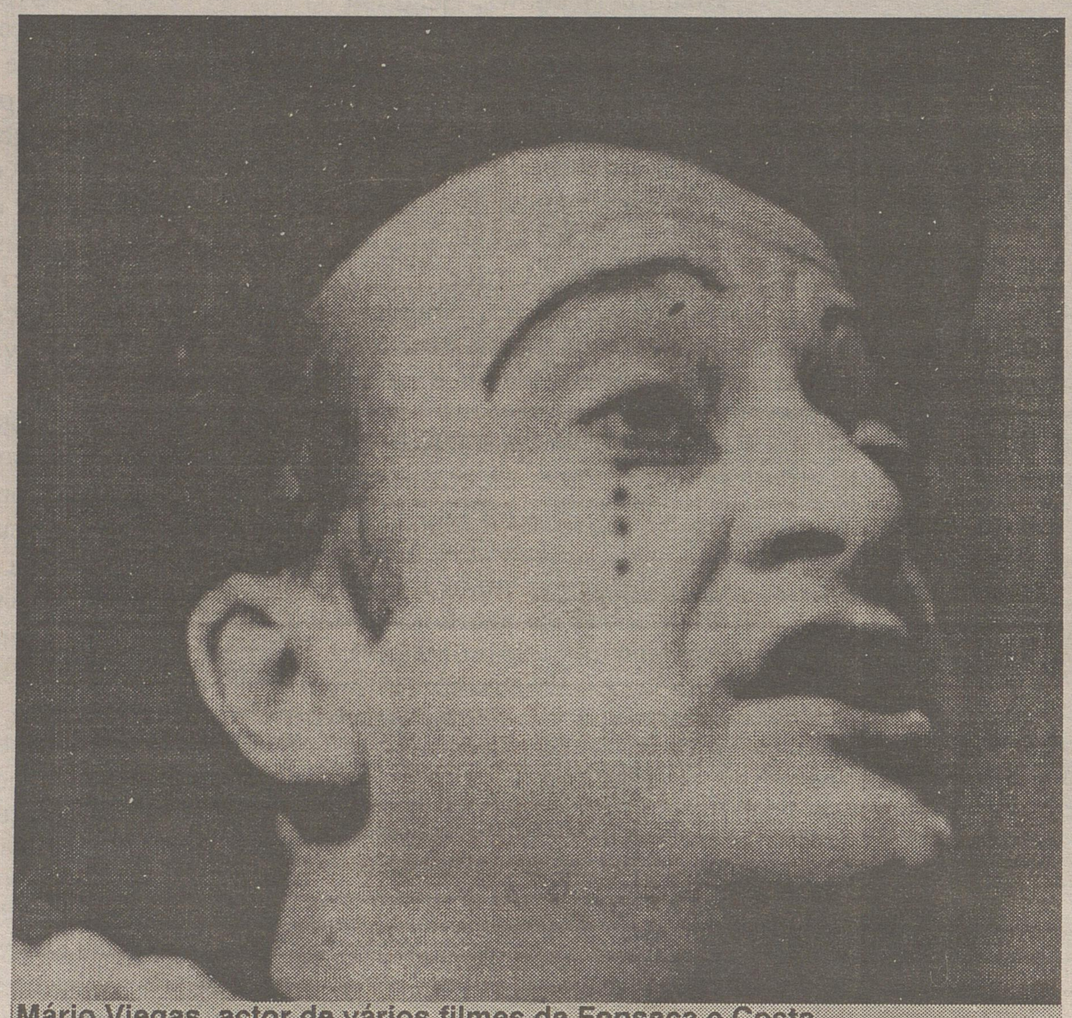
São uma das poucas bandas portuguesas... com garra. Chegaram a ter acordo com a L.U.X. Records para edição deste segundo álbum, mas acabaram por optar pela americana Elevator Music como continuidade de "Porkabilly Psychosis". Chamam–se Tédio–boys e "Outer Space Shit!!!", o novo álbum, renova as suas diabolações experimentais de Punk, Garage, Surf ou Billy que lhes são características.

Afastando–se, mesmo assim, um pouco da sonoridade Cramps com que foram outrora simplisticamente identificados, as novas tendências (Porkaspace?!?...) denotam uma maior maturidade ao projecto. Gravado em estúdio como se de um álbum ao vivo se tratasse, este segundo registo "apenas" tem como pretensão repor, via digital, o trabalho realizado nos dois últimos anos. Sabendo à partida que jamais conseguirão transmitir num CD todo o gozo, energia e profissionalismo que patenteiam em palco - sempre foram, são e serão um projecto (ao) vivo-, os Tédio–Boys usam, essencialmente, os seus registos como campanhas de marketing e nesse aspecto a conjuntura política indica um timing de edição perfeito - jobs for (Tédio) boys.

Entrevista a José Fonseca e Costa

O "Recado" dum cineasta

Coimbra,1997. Mário Viegas é homenageado no Teatro Académico Gil Vicente numa iniciativa da DG/AAC. O realizador de cinema José Fonseca e Costa é um dos convidados para falar da sua experiência com o actor. Foi assim que falámos com o cineasta que mais vezes levou Mário Viegas ao grande écran.



Mário Viegas, actor de vários filmes de Fonseca e Costa.

A Cabra: Como é que se passa de um actor como o Mário Viegas para uma jovem estreia como o Paulo Pires?

José Fonseca e Costa: Não tem nada a ver. Os actores são todos diferentes, as personagens também. Ainda por cima se o Mário Viegas fosse vivo não o convidaria para aquela personagem, ele não tinha nem a idade nem o físico para a compor. O Paulo Pires é também um grande actor.

C: Depois de uma relação de grande confiança com o Mário Viegas foi difícil a procura de novos actores ?

JFC: Eu continuo a ter essa relação de confiança com os actores, embora com o Mário Viegas fosse diferente, porque vivemos muita coisa juntos, não foi só os filmes que fizemos. Éramos muito amigos, encontrávamo–nos todos os dias. Eu tenho uma boa relação com os actores com quem trabalho, há mesmo actores sem os quais não passo, é o caso do Victor Norte que também no "Cinco Dias, Cinco Noites" faz uma interpretação extraordinária que é o Lambaça. Canto e Castro é outro grande actor, o José Eduardo e tantos outros...

C: Você é um dos realizadores que acredita que não é necessário dirigir actores mas sim criar um bom clima entre eles ...

JFC: Eu acredito muito nisso, porque o principal entre os actores é o clima de trabalho que se cria entre eles. Essa história da direcção de actores como uma técnica em que cada um domina melhor que outro é um falso problema. A direcção de actores vem muito mais do conhecimento dos textos, da avaliação que se faz das pessoas, é um trabalho de avaliação psicológica daquilo que cada um pode dar e depois a criação de um clima que permite que diferentes personalidades com todos os seus conflitos se entendam bem a ponto de compor as personagens. Eu, neste meu último filme, onde tenho a contracenar ao mesmo tempo seis e sete actores, se não fosse capaz de criar esse clima, não teria obtido a qualidade de interpretação que eles apresentam e deve–se mais a mérito deles do que a quaisquer poderes extraordinários que eu tenho exercido sobre eles. Eu limitei–me a fazer como o maestro que agarra uma batuta e que os põe a trabalhar ao mesmo tempo. Criei o tal bom ambiente para que desempenhassem bem as suas personagens.

Eu não acredito que uma profissão possa subsistir mediante concurso para que se façam filmes.

C: Há pouco tempo ouvi-o dizer que a relação dos seus filmes com o público é algo que o preocupa. É assim tão importante que os seus filmes tenham público?

JFC: Eu não digo só dos meus filmes, mas sim de todos os filmes. Repare, um filme serve para comunicar e é desejável que comunique com o maior número de pessoas. Fico sempre frustrado quando um filme meu não comunica com o maior número de pessoas. É nisso que eu acredito.

C: Os seus filmes que não comunicaram com o público são filmes falhados por isso?

JFC: Sim, por razões que eu não consigo explicar–lhe.

C: Não poderão comunicar no futuro ?

JFC: Talvez possam, não sei. Um filme é feito para agora.

C: Tem assim tanta necessidade da actualidade ?

JFC: Desculpe, o trabalho que eu faço é para agora, não é para o futuro. No futuro eu já cá não estou ... o futuro começa hoje!

C: O que se passa com o cinema português ?

JFC: Neste momento, não auguro nada de bom para o cinema português com as regras que se criaram para financiar filmes, eu não acredito que uma profissão possa subsistir mediante concurso para que se façam filmes.

C: E do "Cinenegócio" o que é que tem a dizer ?

JFC: Foi uma atitude que alguém tinha de tomar. É positivo que o ministro o tenha feito, embora no meu entender foi inoportuno porque estando eminente a saída de uma lei de cinema, suponho que tinha sido oportuno coincidir essa nova lei do cinema com a publicação de uma portaria que servisse para regularizar as dívidas. No entanto, todos os que trataram desse assunto esqueceram–se que os principais beneficiários desses empréstimos não foram os produtores. Os produtores são pessoas que fazem filmes com grandes dificuldades e que não meteram dinheiro ao bolso. Os grandes beneficiários são também os exibidores que são os donos das salas. As pessoas em Portugal esquecem–se que vivem numa situação de quase "Trust". Hoje em dia as salas já não são independentes, as salas pertencem a grupos. O filme "Adão e Eva" do Joaquim Leitão, como há dias foi dito na "SIC", fez 150 mil contos de receita dos quais apenas 25 mil foram para o produtor. Para onde foi o resto? Para o distribuidor e para o exibidor e ninguém fala nisso. O verdadeiro escândalo é o Estado a financiar uma coisa que vai beneficiar não quem produz os filmes, não quem os cria, mas sim quem os distribui e os exibe. E ainda por cima sem qualquer esforço de natureza financeira para lançar os filmes. Os filmes em todo o mundo são pagos com o dinheiro do mercado, é absurdo que em Portugal estejam a ser pagos só com o dinheiro do Estado. Desejo que sejam tomadas aqui regras de protecção e regulação do mercado, sem isso não haverá cinema português.

Penso que em Portugal, as pessoas desejam filmes falados em português.

C: Se, hoje, alguém quiser fazer um filme, onde pode encontrar outro tipo de financiamentos ?

JFC: Tem que recorrer ao Estado, não pode ir buscar a lado nenhum. O filme não se paga, tem que recorrer ao Estado.

C: Até quando se manterá este estado de coisas?

JFC: Já lhe disse, sem uma intervenção clara e sem ambiguidades na regulação do mercado, pois neste momento existe uma situação completamente selvagem, jamais o cinema português pode ser uma actividade regular, rentável e gratificante para quem o faz .

C: Nestes últimos tempos há sinais de uma maior aproximação de públicos com o cinema português. O que tem a dizer sobre isto ?

JFC: É um fenómeno muito curioso. É engraçado que, subitamente, alguns filmes como "Adão e Eva" do Joaquim Leitão, o "Cinco Dias, Cinco Noites" o "Mortinho por Chegar a Casa", e o último do Luís Filipe Rocha tenham de um momento para outro uma relação com o público. Acho isso significativo. Penso que em Portugal as pessoas desejam filmes falados em língua portuguesa e parece–me absurdo que alguém diga que o mercado português não existe e não conta e que os filmes portugueses se devem fazer para serem mostrados no estrangeiro por razões de prestígio cultural. Não! Os filmes devem corresponder a uma necessidade nossa, do público português, devem corresponder à nossa realidade, devem reflectir as nossas preocupações, os nossos anseios. É para isso que devem ser feitos.

C: Quando é que irá fazer o seu próximo filme ?

JFC: Eu não sei se irá haver o meu próximo filme. Não posso prever. Eu não me submeto a concursos, a minha profissão é errática. Como é que alguém pode ter uma profissão se depende de um concurso, de júris extraordinários que decidem quem filma e quem não filma, ainda por cima parte–se de uma falsificação, é um jogo de póquer com cartas marcadas, porque o projecto é apresentado com o nome de uma pessoa, quem está a ler, está a julgar uma pessoa. O concurso não obedece às regras do concurso público, não me venham dizer que os concursos são transparentes, porque não o são.

C: Viu algum filme português de que tivesse gostado?

JFC: O filme do Joaquim Leitão "Adão e Eva" e "Mortinho por Chegar a Casa" do Carlos da Silva, achei-o divertidíssimo.

Entrevista por F. Nunes

O Génio Distraído

"Insisto não ser tristeza
Soluçar sobre uma mesa
E mais não ser deste mundo
Meter navios ao fundo
Num caminho de esqueletos
Sempre se plantam gravetos
E se a velhice for tua
Senta-a no meio da rua"

José Afonso



Zeca Afonso deixou-nos há dez anos

Completou–se no passado dia 27 de Fevereiro o décimo aniversário da morte de Zeca Afonso. Uma data em que se deve, sobretudo, relembrar e reavivar a memória que se mantém viva da grande voz de contestação ao regime fascista.

José Manuel Cerqueira Afonso dos Santos nasceu em Aveiro a 2 de Agosto de 1929. A sua infância é marcada por constantes mudanças de lugares que o dotaram de uma ímpar abertura de espírito. De Aveiro a Moçambique e Angola, de Coimbra a Faro, de Faro a Azeitão, onde viveu os seus últimos anos, a vida de Zeca é definida por ele quando nos diz "sou, no fundo, fruto de muitos lugares, de muitos dissabores".

A canção, a sua maior arma, aprende-a durante as suas viagens, sedimenta-a em Coimbra, onde se radicou no início dos anos quarenta,integrando o Orfeão Académico e a Tuna Académica. Sobre Coimbra ficam as palavras onde considera que "a visão poético-estudantil em que eu me considerava um herói de capa e batina, um cavaleiro andante, desapareceu ou foi desaparecendo com o tempo e à medida que fui vivendo numa situação económica extremamente difícil (...)". Com efeito, as dificuldades económicas e o sustento dos seus dois filhos levaram–no a iniciar a sua actividade no ensino, começando por leccionar em Mangualde, com a curiosidade de se ter apresentado nas aulas de capa e batina, acabando expulso do ensino por motivos políticos.

No entanto, foram as suas melodias e os seus poemas que fizeram de Zeca um marco assinalável na história contemporânea portuguesa, numa luta sócio–política que não pode nem deve cair no esquecimento. E falar de tal altura é falar de Zeca, de uma voz de contestação incómoda para um regime que, pouco a pouco, apresentava sinais de corrosão. E foi a voz de Zeca que, com Grândola Vila Morena, deu início à revolução de Abril e o consequente derrube do regime fascista. Sobre a revolução o autor de "Era um Redondo Vocábulo" afirma: "Admito que a revolução seja uma utopia, mas no meu dia a dia procuro comportar–me como se ela fosse tangível. Continuo a pensar que devemos lutar onde exista opressão, seja a que nível for.". A sua incessante luta, a par de outras vozes, derrubou um regime, fazendo de Zeca uma referência e das suas músicas hinos da Liberdade.

Da política à música, da música à consciência. Para Zeca, "estas coisas podem ou não estar ligadas, depende do lado para onde estivermos virados. Mas o que é preciso é criar desassossego". Zeca assim o fez, ao longo de mais de três dezenas de álbuns, de milhares de quilómetros calcorreados pelo país, espalhando melodias de inconformismo e liberdade, mantendo viva a chama da Revolução, divulgando a música popular portuguesa. E dez anos depois da sua morte, a voz, sonhos e ideais deste Homem devem permanecer vivos no seio de uma sociedade que tende a esquecer os valores que a fundam.

As Distracções do Génio

"O professor dava–me enxurros monumentais de porrada por causa das minhas distracções (...) Estava frequentemente distraído. Quase patologicamente distraído. Mais tarde, quando voltei para África, faço, creio, a 4º classe (...) e o meu professor (...) chegou a pendurar–me pelas orelhas. O argumento era o mesmo, o de que estava sempre distraído", disse Zeca Afonso muito antes das homenagens que lhe fazem agora. Dez anos passaram sobre o seu desaparecimento e a sua memória reaviva–se com a colectânea "Filhos da Madrugada" e o espectáculo itinerante "Maio, Maduro Maio", com as presenças de José Mário Branco, Amélia Muge e João Afonso, da canção "Pombas" no filme "Três Irmãos" de Teresa Villaverde Cabral e ainda o livro " José Afonso - O Rosto da Utopia" de José A. Salvador ou o exemplo da Associação José Afonso que todos os anos promove o melhor disco de música popular portuguesa.

Zeca Afonso havia de gostar de saber–se lembrado pelas duas gerações ou de ouvir a Amélia Muge dizer que "foi ele que me fez perceber porque é que eu estava na escola e isso marcou–me profundamente, para além de ter uma maneira muito especial de estar e ensinar, nada académica" ou que "foi a primeira pessoa a fazer a ligação entre a escola e a vida". Amélia Muge, hoje uma das mais activas vozes da música popular, jamais esqueceu o professor de Geografia ao mesmo tempo que o descobria como cantor e símbolo de uma época. José Mário Branco também não se cansa de afirmar o apreço que ainda mantém pela sua memória e música lembrando mesmo o que lhe chegou a dizer : "Isso que tu fazes é muito importante, os poemas, a música, são coisas que ultrapassam a dimensão do acontecimento, mais ou menos imediato da situação do país, e são coisas realmente importantes e decisivas para a nossa história". E recentemente, o músico de "Ser Solidário" percorreu o país inteiro a cantar "Que Amor Não me Engana" ou "Era um Redondo Vocábulo", canções do cantor–andarilho seu amigo de sempre. Talvez por isso, Zeca Afonso não precise tanto de homenagens nem de empapados discursos, mas que a sua música se oiça... sem distrações.

Fernando Nunes e Eduardo Brito

Citações com base no livro "José Afonso: O Rosto da Utopia" de José A. Salvador, Ed.Terramar, 1994

Sobre Rómulo de Carvalho...



Rómulo de Carvalho, 90 anos, professor, pedagogo e autor de manuais escolares, historiador da ciência e da educação, morreu no passado dia 20 de Fevereiro. Nasceu quando o século começava e morreu quando este está prestes a acabar. O seu "alter ego" poético, António Gedeão, tinha morrido uns anos antes, como ele próprio nos foi dizendo.

Rómulo de Carvalho/António Gedeão conheceu o apreço dos portugueses pela sua obra literária, pedagógica e científica numa homenagem prestada no final do ano passado. Foi um gesto do carinho por um homem que chegou a escrever: *"Tenho pressa de viver/ Com licença! Com licença/ Que a vida é água a correr/ Venho do fundo do tempo, não tenho tempo a perder. "*

Rómulo Vasco da Gama Carvalho nasceu a 24 de Novembro de 1906 na Rua Arco do Limoeiro, em Lisboa. Em 1931, licenciou–se em Físico–Químicas pela Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, malgrado o seu lado humanista hesitar na escolha.

Ao longo dos anos, na sua actividade de professor de liceu e pedagogo (fez o exame para o magistério liceal em 1934), concilia os seus dois lados - ciências e humanidades- publicando livros de divulgação científica para crianças, como a *"História do Telefone"* ou a *"História dos Balões"*. E algum tempo antes de morrer confessou–nos a sua ligação Rómulo de Carvalho/António Gedeão: *"Porque é que a designação humanidades não se aplica também à ciência? Humanidades e ciências é tudo a mesma coisa, são maneiras de procurar conhecer na natureza e a sociedade o que se passa (...). Vejo tudo como uma acção única na visão humana."*

É em 1956 que publica o seu primeiro livro de poesia *"Movimento Perpétuo"*, com o pseudónimo de António Gedeão, enquanto Rómulo de Carvalho faz sair em 1959 *"História da Fundação do Colégio Real dos Nobres em Lisboa"*. Alternando assim, conforme os vários momentos e as fases de maior produção, a sua faceta de historiador da ciência e do ensino e a do poeta. Sai do liceu Pedro Nunes depois do 25 de Abril de 1974, ao completar quatro décadas de ensino. Entretanto, os seus poemas musicados transformam–se em símbolos de resistência antifascista, como *"Pedra Filosofal"*, *"Lágrima de Preta"* ou *"Calçada de Carriche"*.

Nos últimos anos da sua vida, tornou–se o paradigma do professor de liceu de ciências, devido sobretudo ao actual ministro da Ciência e Tecnologia, José Mariano Gago, e o seu propósito de fazer regressar o ensino experimental às escolas, de que Rómulo de Carvalho foi pioneiro.

Em Novembro, numa homenagem nacional que coincidiu com o seu nonagésimo aniversário, vimo–lo na televisão dizer: *"Eu não acredito no ser humano. Eu não acredito que o ser humano faça alguma coisa colectivamente boa sem ser movido por interesses pessoais"*. Ele que gostava de ensinar e de estimular os outros para a aprendizagem, um humanista da palavra e da reflexão coerente e sem temores. Um homem que viu na existência apenas a capacidade de ser útil aos outros. E foi, talvez como ele escreveu um dia: *"Se não fosse esta certeza que não sei de onde vem / Não comia nem bebia/ Não falava com ninguém"*.

F. Nunes

Programação do TAGV em Março

Os setenta anos sobre a fundação da revista "Presença" foram assinalados no TAGV com dez dias consagrados à poesia. Para o dia 11 de Março, o sentido trágico que emanava dessa publicação e dos sem poetas irá certamente desvanecer–se com um espectáculo de jazz pelo "Quinteto Carlos Barreto" que vem muito bem cotado e que promete uma noite em grande ritmo.

"Cyrano" será a peça que o INATEL apresentará no dia 13 de Março. A música regressará no dia seguinte com "Sons de África". África continuará a dar o mote para a peça "A Roda da Noite" baseada em contos do escritor Mia Couto. Para ele esta peça (que estará em cena dia 15) permite o encantamento de "ver Moçambique sair de Moçambique e, à volta de uma mesma fogueira, partilhar sonhos com os outros, só distantes na ilusão da geografia".

O Teatro Nacional São João produziu a peça "A Menina de Lá" que estará no TAGV de 18 a 20 de Março. A peça toma a perspectiva duma criança que envolve os espectadores num "jogo para além das fronteiras do racional, anterior à consciência lógica, próximo da sabedoria da criação artística e do instinto teatral.

A Brigada Victor Jara, que tantas ligações mantém com Coimbra, tocará juntamente com os Pauliteiros de Miranda. O espectáculo decorrerá no dia 21 e será organizado pela Casa de Trás–os–Montes.

A semana que antecede a Páscoa (de 22 a 27 de Março) será totalmente dedicada ao cinema, com o filme "Um Fantasma no Coração" de Anthony Minghella. O filme tem um enredo bastante estranho. Conta a história de uma mulher inconsolável com a morte prematura do seu namorado. Aos poucos a solidão dessa mulher vai sendo povoada por estranhas e fantasmagóricas presenças do namoradoe de outras personagens artísticas. Um filme que recria uma atmosfera de sonho mais pelo que sugere do que pelo que mostra.

Paulo Jorge Barbosa

Um Novo Espaço Para a Arte

O Círculo de Artes Plásticas de Coimbra (CAPC) é um organismo autónomo da Academia de Coimbra criado nos anos 50 que tem como função principal a divulgação dos novos valores nas mais variadas correntes artísticas, proporcionando às pessoas "um contacto e uma fruição permanentes" com a cultura actual. Neste momento, prepara–se para abrir um novo espaço, o Centro de Arte Contemporânea.

O CAPC goza de uma certa diferenciação em relação aos restantes organismos - "Nós aqui temos de produzir para existir", diz–nos Victor Diniz, o responsável máximo pela estrutura.

O espaço de acção do CAPC é a sociedade portuguesa, não limitando as suas actividades ao mundo académico ou à região em que se integra.

A evolução permanente da sociedade e das técnicas obriga a uma remodelação dos espaços, a pensar o futuro. É nessa onda de pensamento que o CAPC se vai desmultiplicar, abrindo um novo espaço, o Centro de Arte Contemporânea, no piso térreo do edifício da Casa Municipal da Cultura. Este centro, a inaugurar no fim do mês de Março (se as obras não se atrasarem), será constituído por espaços expositivos, um auditório, vários módulos de visionamento de audiovisuais, uma livraria de arte contemporânea — que deterá o exclusivo para a região centro das mais importantes publicações periódicas — além de um cyber–café equipado com três computadores permanentemente ligados à internet e um mini "catering" restaurante.

Este centro esteve inicialmente previsto para o Hospital Velho, mas choques com a burocracia universitária obrigaram o CAPC a procurar outras soluções, recorrendo ao apoio do Ministério da Cultura, da Direcção–Geral dos Espectáculos, da Comissão Instaladora do Instituto de Arte Contemporânea, da Delegação Regional da Cultura do Centro, da Fundação Calouste Gulbenkian, da Fundação Luso Americana para o Desenvolvimento, da Fundação Oriente e do Instituto Português do Oriente. Funcionará das 14 horas até às 22, todos os dias da semana excepto à segunda–feira, de modo a permitir o acesso a um público tão variado quanto possível.

Este novo espaço vem cimentar a boa imagem de que o CAPC goza em todo o país, sendo reconhecido como uma das mais importantes estruturas na área da arte contemporânea. O seu dossier de imprensa não fica nada a dever a estruturas com meios financeiros bem superiores, como a Fundação Calouste Gulbenkian ou a Fundação Serralves, assegura–nos o presidente do organismo. É este reconhecimento que garante ao Círculo um campo de acção com o tamanho do país, sendo constantemente convidado a fazer exposições, participar em encontros ou dar formação. Isso permite, por sua vez, a angariação de members–ship, sócios que contribuem anualmente com uma soma monetária para o funcionamento do organismo. Além destes sócios "especiais", existem outros sem o trabalho dos quais seria impossível garantir um funcionamento regular. É sócio todo aquele que durante cerca de um ano coopere regularmente com o CAPC.

São vários os novos artistas portugueses que beneficiaram da actividade desta estrutura - Julião Sarmento, Leonel Moura, Pedro Portugal...

Actualmente nas instalações do CAPC (Rua Castro Matoso, 18) está ptente uma exposição de Pedro Sousa Vieira que pode ser vista entre as 14.30 e as 19.30 horas de terça sábado até ao dia 5 de Abril. Trata-se de um conjunto de variações coerentes sobre manchas negras de contornos ligeiramente humanos demonstrativo da experimentalidade da arte contemporânea, bem como da busca que faz do desconhecido. É sugestivo o título que autor, já com alguma projecção internacional, atribuiu a esta amostra "Enquanto os guardas dormem", que automaticamente transporta o inconsciente o observador para a calma de ambientes nocturnos livres de policamento.

Manuel Pereira

Tasco's & Copos

Episódio III - Mais Bares

"A Cabra" continua a apresentar o roteiro dos bares de Coimbra. Nesta edição, é a vez do Sing Sing, do Briosa, do Dixie e do Bigorna - espaços bem diferentes, porque assim são os gostos (e as noites...).



Sing Sing

É por ele que começamos.

O **Sing** é um dos bares em alta, de há uns tempos para cá.

Fica na R. Castro Matoso, mesmo ao lado das Monumentais, e está aberto de Segunda a Sábado, das 21.30 às 3 (às vezes, um bocadinho mais) .

Costuma animar por volta da meia–noite.

Este espaço conta com dois bares, em outras tantas salas, que normalmente ficam bem cheias (às vezes, demais) .

O sucesso deste bar começou há alguns meses atrás, quando a nova gerência se empenhou em aproveitar todas as potencialidades de um estabelecimento com uma localização tão privilegiada. Desde o início do ano lectivo, o **Sing** tem promovido muitas festas. A "Recepção ao Caloiro", a "Eleição da Miss e do Mister Caloiro", a "Festa da Porca e do Parafuso" são apenas alguns exemplos. Os convívios dos cursos são quase diários.

Às Quintas, Sextas e Sábados há música ao vivo, com grupos convidados. Às Terças, é a vez dos clientes mostrarem os seus dotes vocais, cantando ou mesmo encantando. O karaoke é o ex libris do **Sing**, até para fazer jus ao nome. Por entre aplausos de amigos e risota geral, a afinação nem sempre é a melhor, mas a animação é certa. Uma autêntica chuva de estrelas.

Outras noites bem concorridas são aquelas em que uma ou várias bebidas estão em promoção (whisky, vodka, gin - tudo a 300$00) .

Pub Briosa

Na R. Venâncio Rodrigues, junto ao Bingo da AAC/OAF, encontra–se o **Pub Briosa**, também ele propriedade do Clube.

Funciona todos os dias, das 20.30 às 2.30.

É um lugar discreto, com um ambiente muito calmo. Tem duas salas, inteiramente distintas. Uma delas, a mais ampla, fica logo à entrada. Tem música de fundo, baixinho, e é a que tem o ambiente mais sossegado. Está decorada com incontáveis galhardetes de clubes. A outra sala tem uma mesa de bilhar, dardos e máquinas de diversão. Este espaço piode ser reservado para festas particulares (aniversários, formaturas, etc.) .

O **Briosa** tem uma extensa lista de bebidas, onde é justo destacar os cocktails. Em cada semana, há um conjnto de bebidas em promoção. O **Pub Briosa** é uma alternativa aos circuitos habituais da noite de Coimbra. Por hábito ou de vez em quando, consoante os estilos, sabe bem um ambiente assim.

Dixie

O **Bar Dixie** fica na R. Joaquim António de Aguiar, próximo do Governo Civil. O horário de funcionamento é das 21.30 às 3 da manhã (aos Sábados, fecha mais tarde) .

O movimento começa pela meia–noite. Num espaço com dois pisos e um bar, o ambiente é calmo e acolhedor. Nas mesas, sentam–se pares ou grupos de amigos, para dois dedos de conversa, entre alguns copos. A propósito, a especialidade da casa é a sangria.

Os blues e o jazz são os géneros de música que predominam. A decoração recorda os bares britânicos. A conhecer.

Bigorna Bar

Há cerca de dois anos, abriu o **Bigorna**, na zona da Sé Velha. Está aberto todos os dias, excepto aos Domingos.

O estabelecimento deve o seu nome a uma antiga ferraria que dantes ali funcionava. Do ofício antigo, ficou uma bigorna (aqueles instrumentos para trabalhar o ferro, com que o Chacal tenta atingir o Bip Bip) .

Agora, a tal bigorna ocupa um lugar de destaque na decoração, mesmo no meio de uma das paredes do bar.

O espaço é pequeno, apesar das recentes inovações. A música é variada, desde as batidas de discoteca aos sons mais calmos.

O **Bigorna** realiza convívios académicos, mas não com muita frequência. Num bar pequeno, não dá para mais. Uma vez por outra, há promoções de bebidas. Foi o que aconteceu recentemente, com a apresentação de novos licores.

Também aqui, a clientela tem uma grande percentagem de universitários, que em certas noites enchem o Bar.

Justino S. Ribeiro

CITAC Surreal

"Você tem–me cavalgado seu safado/ mas nem por isso me pôs a pensar como você", *é parte do poema* **"História da Moral"** *de Alexandre O'Neill, dito por uma das vozes femininas do Círculo de Iniciação Teatral da Academia de Coimbra (CITAC), na terceira edição de o* **"Círculo da Lua"**, *de Fevereiro último. A sala era pequena para tanta gente, mas durante um hora ninguém arredou pé. Aliás, tudo ficou de olhos em bico e ouvidos à escuta, não tivesse sido o acontecimento surreal.*

Este terceiro *"Círculo da Lua"* do CITAC foi dedicado à leitura e representação dos poetas surrealistas. No segundo, realizado em Dezembro do ano passado, andavam por lá o erotismo e a provocação e neste a deriva surrealista deu lugar, no final, a um cadáver esquisito executado na própria sala. Os textos dos poetas surrealistas Alexandre O'Neill, António Pedro Oom, Mário Henriques Leiria e Mário Cesariny adquiriram novas leituras e roupagens consoante a interpretação dos executantes, gestos e posturas incluídos. O'Neill teve ,inclusivé, direito a que lhe musicassem em versão "rap" o texto *"Grilo"*.

Apesar da presença imanente de didactismo nestas sessões, há também algo que foge à simples leitura dramática, às palavras empoladas e que acaba por transformar estes acontecimentos em momentos de subversão poética, conjugando asssim a força das palavras contidas nos textos com a imaginação das situações poéticas.

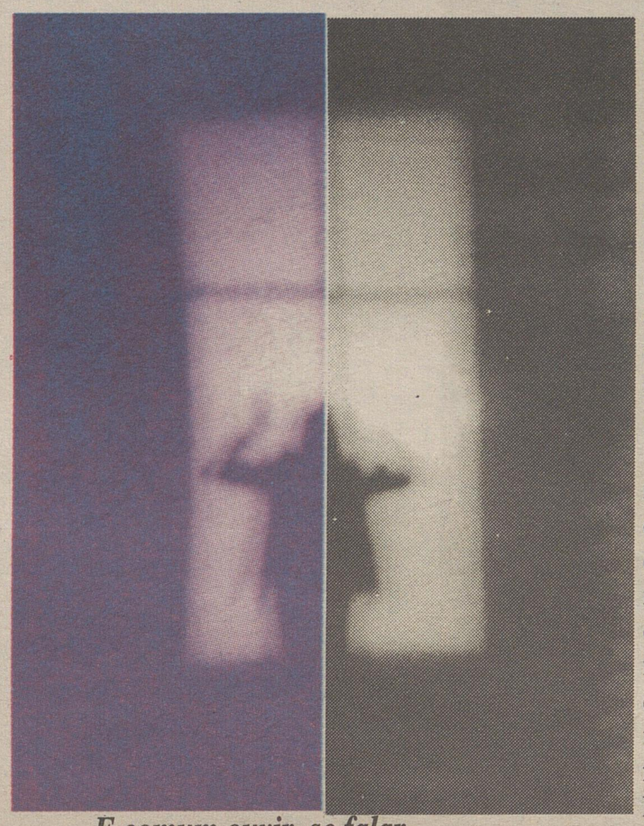
O cenário e representação estavam, no entanto, "sujos" pelo real, pela música, pelo cinema, pelo circo, pelo próprio teatro e por tudo o que está a mexer. Nestas duas últimas sessões de *"O Círculo da Lua"* do CITAC foi possível ver que a poesia é justamente a arte dessa "sujidade". Uma poesia dita com expressividade e provocação, onde as palavras têm corpo e um corpo aberto ao poder do real - aí está a sua arte, da poesia e do CITAC. Lua cheia.

Fernando Nunes



cartoon do Miguel

"POESIAS"



E comum ouvir–se falar em festivais de cinema, teatro, fotografia, mas quanto à poesia o caso muda de figura. Escrita para ser sentida, a sua apreciação fica circunscrita ao foro de cada um.

Durante uma semana (de 3 a 10 de Março) o Teatro Académico Gil Vicente foi o palco do primeiro evento poético, não só da cidade mas também do País. Este acontecimento, organizado pela Associação Académica de Coimbra, Rádio Universidade de Coimbra e o Teatro Académico Gil Vicente, decorre do sucesso de iniciativas algo semelhantes ocorridas em alturas anteriores. Mais do que a divulgação da obra poética, que já caracterizou os outros anos, Poesias revelou–se singular, na forma de cruzar os mais diversos campos artísticos com o lado poético. Para além de recitações de poemas de Luíza Neto Jorge, por José Neves, o teatro e o cinema também marcaram a sua presença. "Como eu não possuo..." foi levada à cena pelo grupo de teatro de Almada -O Grupo- e constituiu uma interpretação da psicologia e discurso de Mário de Sá Carneiro, a partir da narrativa "A Confissão de Lúcio", e de poemas extraídos das obras poéticas "Dispersão" e "Indícios de Ouro". O dinamismo do espectáculo permitiu explorar o complexo universo do poeta, da impossibilidade de possuir, da impotência perante o destino até à solidão mais redutora. Mas não foi só a ligação da poesia ao teatro que esteve em destaque durante este evento. A exibição do filme "A Ilha dos Amores" de Paulo Rocha retratou esta potencialidade de intersecção das áreas artísticas, ao centrar–se sobre o percurso de vida do escritor Vinceslau de Moraes, com uma interpretação única de Luís Miguel Cintra.

Para uma maior divulgação da poesia, a par destes acontecimentos culturais, decorreu uma feira do livro dedicada, exclusivamente, a esta forma literária. Mais do que as obras poéticas, foi favorecido o contacto com revistas, edições de menor conhecimento por parte do grande público, ou mesmo edições de autor. Coimbra contou, durante o período do evento, com a presença de poetas como Fernando Guimarães, Antonio José Queirós e Manuel António Pina, participantes no número especial- só dedicado à poesia- da revista "Nova Renascença".

Para hoje e a terminar o evento Poesias, pelas 21h45m, João Grosso, o mesmo actor que levou à cena, em Coimbra, os três poetas do Orpheu-Almada Negreiros, Fernando Pessoa e Mário de Sá Carneiro — interpreta agora "África Raíz". Um espectáculo que parte de um poema sobre África, a sua luz, os seus cheiros, os rituais, feito por uma portuguesa, Fernanda de Castro, a viver na Guiné. João Grosso, através dos objectos de cena, recontextualiza esta visão, ao dar forma ao processo de destruição de um continente martirizado pelo colonialismo.

"Poesias" veio demonstrar a necessidade de prosseguir com uma maior divulgação do que se faz no mundo da poesia. Quem sabe, este pode ser o primeiro passo para um futuro festival de poesia. Luísa Lopes, responsável pela organização deste evento, não esconde a pequena envergadura de um projecto delineado há quase um ano e que contou sobretudo com a disponibilidade de alguns: "(..) Isto é uma coisa pequena, mas se houvesse uma equipa a pensar nisto, um sítio com estruturas, Coimbra era o sítio ideal para fazer um festival de poesia. Foi daqui que partiram todas as correntes literárias."

Joana Ribeiro

Obras no Teatro Paulo Quintela

O Teatro Paulo Quintela, na Faculdade de Letras, entrará em obras em meados do próximo ano, concretizando um projecto que conta com o total empenho da Reitoria da Universidade de Coimbra.

Já há dez anos, face à decadência do teatro, houve um pedido de realização de obras, para que a renovação se baseasse nas verbas do Fundo Social Europeu, mas apenas o ano passado se aceitou o projecto que poderá ter acolhimento com a utilização das receitas das propinas.

Desde Janeiro, por razões de segurança, houve cancelamento dos espectáculos após as 20h30 como prevenção de riscos de incêndio, roubo e depravação de instalações, o que mostra que por causa da obsolescência do equipamento técnico, da idade do edifício e da intensidade das acções realizadas já não há condições para que o teatro continue a ser palco das diversas actividades que vem oferecendo. Exceptuam–se apenas os compromissos assumidos, como os concertos de piano.

Quase 200 mil contos é a verba que a Universidade de Coimbra pretende investir, consistindo as modificações na substituição de equipamentos, mobiliário e camarins. Proximamente, será aberto concurso público para a construção (que beneficia de cerca de 2/3 do financiamento) e também para o equipamento.

As aulas da Faculdade de Direito que são aí leccionadas terão que ser suspendidas durante o período das obras, ainda não se tendo encontrado, porém, uma solução de substituição.

O Teatro Paulo Quintela será um espaço ainda mais privilegiado de manifestações científicas e culturais, podendo vir a contar com a realização de espectáculos de cinema e teatro, em alternativa ao Teatro Académico de Gil Vicente, bem como seminários e conferências que poderão ser promovidos não só pela e para a comunidade universitária, mas também por todas as entidades da cidade e região centro.

Maria Luís Marinho



Para "levar à Academia de forma mais directa e mediática a informação sobre os projectos candidatos aos Orgãos Gerentes da AAC" a RUC e o Centro de Estudos Cinematográficos, entre outras forças vivas da Académica, lançaram–se na criação da TVAAC exprimental. Desde 4 de Março que são transmitidas para o Mini–Auditório e Bar da AAC, Cantinas Amarelas e CC D.Dinis as entrevistas dos candidatos a Presidente da DG/AAC. Hoje realizar–se-á, às 22h, um programa destinado a comentar a sondagem RUC/A Cabra sobre os resultados das eleições para a DG. Amanhã, Terça–Feira, pelas 22h30, haverá o último grande debate entre os candidatos, também emitido pela TVAAC. Mas os pontos altos desta experiência televisiva estão reservados para as noites de dias 13 e 19, em que o escrutínio dos votos será emitido em directo, juntamente com a projecção de votos à boca das urnas e um debate organizado pela RUC. Depois, dia 21, as emissões param. Até para o ano ou até que se relance a TVA, Televisão Académica...